

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Escola de Arquitetura**  
**Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**

Alessandra Cláudia Cabanelas da Silva

**IMAGINÁRIOS URBANOS E A CONSTRUÇÃO PAISAGÍSTICA  
NA CIDADE DE ITÁUNA/MG**

Belo Horizonte  
2016

Alessandra Cláudia Cabanelas da Silva

**IMAGINÁRIOS URBANOS E A CONSTRUÇÃO PAISAGÍSTICA  
NA CIDADE DE ITÁUNA/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Teoria, Produção e Experiência do Espaço

Linha de Pesquisa: Questões contemporâneas sobre a paisagem

Orientador: Prof. Dr. Altamiro Sérgio Mol Bessa

Belo Horizonte  
2016

#### FICHA CATALOGRÁFICA

S586

Silva, Alessandra Cláudia Cabanelas da.

Imaginários urbanos e a construção paisagística na cidade de Itaúna/MG [manuscrito] / Alessandra Cláudia Cabanelas da Silva. - 2016. 149f. : il.

Orientador: Altamiro Sérgio Mol Bessa.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

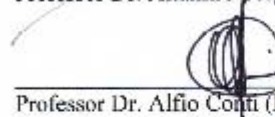
1. Arquitetura paisagística - Teses. 2. Arquitetura paisagística – Itaúna (MG) – Teses. 3. Planejamento urbano – Itaúna (MG) - Teses. 4. Direito urbanístico – Teses. I. Bessa, Altamiro Sérgio Mol. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.


CDD 712.098151

Ficha catalográfica: Biblioteca Raffaello Berti, Escola de Arquitetura/UFMG

Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - NPGAU – da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, e aprovada em 25 de fevereiro de 2016 pela Comissão Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Altamiro Sérgio Mol Bessa (Orientador - EA-UFMG)

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Alfio Confi (EA-UFMG)

  
\_\_\_\_\_  
Professora Dra. Ana Clara Mourão Moura (EA-UFMG)

*Dedico todo o esforço envolvido na realização deste trabalho, ao meu marido Fábio, que foi fundamental em todos os momentos, com sua presença e todo o seu incentivo. Esta vitória e este sonho tão almejado que realizo hoje, também é seu!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus meu suporte, meu guia, que me conduz e fortalece!

Muitas pessoas foram envolvidas no desenvolvimento deste trabalho, mas em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Altamiro, por todo o esforço e dedicação, pelas inúmeras orientações, sempre me apontando o melhor caminho, buscando extrair o melhor de mim e desenvolvendo com louvor e profissionalismo seu papel de orientador. Obrigada por despertar em mim através de toda sua dedicação, o amor e o respeito à arquitetura, e ainda me ensinar o verdadeiro significado da palavra orientação.

Agradeço ao meu marido Fábio, minha inspiração e meu maior incentivador. Obrigada! Pelas palavras certas nas horas certas. E, sobretudo, por acreditar em mim e apoiar em todos os momentos.

Aos meus queridos pais, exemplos de luta e determinação. Por me ensinarem através de seus atos, “que se na vida se tem um sonho, deve-se persistir e ir sempre em busca daquilo que acreditamos”. Obrigada!

Aos professores da Escola de Arquitetura da UFMG, por todo conhecimento transmitido, em especial a Professora Dr<sup>a</sup> Ana Clara, pelo incentivo.

À Coordenação e Secretaria do Curso, pelo árduo trabalho e sempre com muito profissionalismo.

Aos funcionários da Prefeitura Municipal de Itaúna, por todos os dados e informações fornecidas.

Ao Centro Universitário de Formiga (UNIFOR/MG) pelo apoio e incentivo durante toda esta etapa.

A todos os moradores de Itaúna, pela valiosa contribuição no desenvolvimento deste trabalho.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

*Itaunense por herança*

*Ontem revi as ruas em ladeiras  
Onde desfilei meus sonhos adolescentes...*

*Pisei a terra dos jogos irreverentes  
Passei pelo casarão dos Vilaças  
E me doeu o coração da mocidade...  
Orquidário e jardins encobertos  
Pelos prédios, imitando metrópoles poluentes.*

*[...]Aspirei o perfume do jardim  
Da casa da Rua Direita  
Guardando ainda meus fantasmas...[...]*

*[...]Era a vivência depositada  
na calçada, casarões e prédios  
audaciosos, intrusos da “minha paisagem”.  
(MENDES, 2001).*

## RESUMO

A presente pesquisa investigou a formação paisagística da cidade de Itaúna (MG), que vem revelando alterações impactantes, com acelerada modificação da conformação de seu ambiente urbano. Buscou-se conhecer a percepção paisagística revelada pelos imaginários dos diversos atores que constroem o meio social em tempos diferentes, investigando-se os atributos das novas paisagens urbanas de Itaúna, que estão sendo configuradas. O recorte espacial deste estudo é a área central da cidade, que sofreu um rápido processo de modificação paisagística, especialmente depois da vigência do Plano Diretor de 2008. Buscou-se interpretar como os moradores avaliam as transformações na qualidade paisagística da cidade e o papel dos diversos atores envolvidos com sua construção e gestão (Estado, empresários, moradores e técnicos). Os procedimentos metodológicos, desenvolvidos a partir de fundamentação teórico-conceitual prévia, que discutiram o conceito de paisagem e seus atributos, com base em diversos autores, permitiram construir uma matriz para se ler a formação paisagística de um lugar, com destaque para o papel do imaginário e da ideologia na construção paisagística urbana. Com base na matriz de análise, traçaram-se as diretrizes para a formulação dos questionários, aplicados nos estudos de caso, que enfatizaram a compreensão do processo de formação paisagística, ocorrida ao longo do tempo. A interpretação dos dados possibilitou avaliar que a percepção do morador da cidade é muito determinada pelos imaginários e representações sociais, revelando uma relação de constante conflito com a sua própria cidade. Ao mesmo tempo em que reconhece na verticalização um sinal de “desenvolvimento e progresso”, o cidadão expressa um sentimento nostálgico de uma cidade do passado, que segundo eles revelava um melhor diálogo com a natureza. Os resultados do grupo dos empresários e técnicos revelaram uma contradição entre como agem e o que pensam. Agem para verticalizar, adensar, retirar o maior lucro de sua atividade e se utilizam da pressão do poder econômico para que as leis os favoreçam, em detrimento da coletividade. Mas, no discurso, contraditoriamente, reconhecem que a paisagem que se configura hoje tem sido muito negativa. Os resultados obtidos revelam a importância de se investigar, nos estudos urbanísticos, os imaginários e fantasmas urbanos que engendram a concepção paisagística dos lugares.

Palavras-chave: Paisagem, Construção imaginária das Paisagens, Imaginários Urbanos, Itaúna (MG).



## ABSTRACT

This present study investigated the landscape formation of the city of Itaúna (MG), which has revealed noticeable changes, with accelerated change in the conformation of its urban environment. It sought to know the landscape perception revealed by the imaginary of various actors who build the social environment at different times, investigating the attributes of the new urban landscapes of Itauna that are being settled. The spatial study area is the downtown area, which suffered a fast process of landscape change, especially after the term of the Master Plan of 2008. The study sought to interpret how residents evaluate the changes in the landscape quality of the city and the role of many actors involved in its construction and management (State, businessmen, residents and technicians). The methodological procedures, developed from previous theoretical and conceptual basis, which discussed the concept of landscape and its attributes based on several authors, allowed to build a matrix to read the landscape formation of a place, highlighting the role of imaginary and ideology in the urban landscape construction. Based on the matrix of analysis, it determined the guidelines for the formulation of questionnaires applied in the studies, which emphasized the understanding of landscape formation process occurred over time. The interpretation of the data permitted to evaluate that the perception of the city resident is much determined by the imaginary and social representations, revealing a constant conflict relationship with their own city. At the same time they recognize in the verticalization of a sign of "development and progress", the citizens express a nostalgic feeling of a city of the past, which, according to them, showed a better dialogue with nature. The results of the group of businessmen and technicians revealed a contradiction on how they act and what they think. They act to verticalize, thicken, and get the highest profit from their activity and use the pressure of economic power for laws favoring themselves, to the detriment of the collectivity. But on their speech, however, they recognize that the landscape of today has been very negative. The results reveal the importance of research in urban studies, the urban and imaginary ghosts that engender the landscape design of places.

Keywords: Landscape, Imaginary construction of Landscapes, Urban Imaginary, Itaúna (MG).

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Interpretação da concepção das paisagens.....	29
Figura 2 - Vista do entorno da Praça da Matriz.....	35
Figura 3 - Vista parcial do Centro da cidade .....	36
Figura 4 - Vista do entorno da Praça da Matriz.....	37
Figura 5 - Vista aérea do entorno da Praça da Matriz, com destaque .....	38
Figura 6 - Foto atual da Praça da Matriz e seu entorno.....	40
Figura 7 - Igreja do Rosário no ano de 1948 .....	48
Figura 8 – Esquema de formação do núcleo urbano .....	49
Figura 9 - Vista do Arraial de Sant’Ana (data desconhecida).....	51
Figura 10 - Vista do Alto do Morro do Rosário com destaque .....	54
Figura 11 - Vista atual do Alto do Morro do Rosário com destaque.....	54
Figura 12 - Vista do Galpão da Fábrica Cia. Tecidos Itaunense na década de 1940 .....	55
Figura 13- Vista do centro da cidade de Itaúna a partir do Morro do Bonfim .....	66
Figura 14 - Morro do Bonfim com visada a partir da Praça da Matriz .....	67
Figura 15 - Capela do Morro do Bonfim antes do incêndio (2013) .....	68
Figura 16 - Capela do Morro do Bonfim (após incêndio criminoso em 2014) .....	69
Figura 17 - Capela do Morro do Bonfim(após incêndio criminoso em 2014) .....	69
Figura 18 - Igreja do Rosário (ano 2015) .....	70
Figura 19 - Vista do Centro a partir do Morro do Rosário.....	71
Figura 20 - Fase inicial da Gruta de Nossa Senhora de Itaúna.....	72
Figura 21 - Gruta Nossa Senhora de Itaúna com destaque para o altar .....	73
Figura 22 - Praça Matriz de Sant’Ana .....	74

Figura 23 - Igreja Matriz de Sant'Ana.....	75
Figura 24 - Praça Matriz de Sant'Ana .....	76
Figura 25 - Praça Matriz de Sant'Ana .....	76
Figura 26 - Vista aérea da Praça Matriz de Sant'Ana .....	78
Figura 27 - Gruta Nossa Senhora de Itaúna.....	79
Figura 28 - Foto da Praça da Matriz e seu entorno na década de 1930 .....	86
Figura 29 - Foto da Praça da Matriz e região do centro na década de 1930.....	90
Figura 30 - Foto aérea da Praça da Matriz e seu entorno na década de 70.....	91
Figura 31 - Foto da Praça da Matriz e região do centro (2015).....	92
Figura 32 - Foto do antigo Cine Rex na década de 1960 .....	93
Figura 33 - Foto da Praça da Matriz com foco no edifício Benfica .....	94
Figura 34 - Vista da área central da cidade a partir da Praça Matriz (2015).....	95
Figura 35 - Foto da região central em 2010.....	96
Figura 36 - Foto da região central em 2015.....	100
Figura 37 - Foto da Rua Gonçalves da Guia .....	112
Figura 38 - Visada da Praça da Matriz até a Rua Gonçalves da Guia (2015) .....	113
Figura 39 - Rua Gonçalves da Guia com visada a partir da torre da Igreja.....	116
Figura 40 - Foto da Rua Gonçalves da Guia com visada a partir da Praça .....	118
Figura 41 - Foto das edificações atuais na Rua Gonçalves da Guia.....	119
Figura 42 - Edifícios existentes na Av. Gétulio Vargas .....	124
Figura 43 - Edifício existente na Rua Gonçalves da Guia.....	125
Figura 44 - Tipologia mais usual na área central até 2008 .....	126
Figura 45 - Tipologia mais usual na área central após 2008 .....	127
Figura 46 - Evolução Tipológica da Implantação das Edificações .....	129

Figura 47 - Edifícios existentes na Rua Gonçalves da Guia .....	130
---	-----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária dos entrevistados .....	43
Gráfico 2 - Renda dos entrevistados.....	44
Gráfico 3 - Grau de instrução .....	45
Gráfico 4 - Tempo que reside em Itaúna .....	46
Gráfico 5 - A cor eleita para representar Itaúna .....	57
Gráfico 6 - Local que representa Itaúna .....	62
Gráfico 7- Local mais belo e agradável da cidade.....	77
Gráfico 8 - Local de preferência para lazer na cidade.....	81
Gráfico 9 - O que falta na cidade.....	82
Gráfico 10 - Sensações percebidas pelos moradores – Grupo 1.....	98
Gráfico 11 - Principais responsáveis pelas mudanças ocorridas nas paisagens urbanas de Itaúna .....	105
Gráfico 12 - Sensações percebidas pelos profissionais, arquitetos e demais técnicos da área- Grupo 2.....	107
Gráfico 13 - Sensações percebidas pelos empresários e construtores - Grupo 3 .....	110
Gráfico 14 - O que mais agrada ao morador de Itaúna,na Rua Gonçalves da Guia.....	114
Gráfico 15 - O que mais desagrade ao morador de Itaúna, na Rua Gonçalves da Guia.....	117

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 - Localização da cidade de Itaúna no Estado de Minas Gerais .....	33
Mapa 2 - Setorização do Centro no contexto da cidade e o sistema viário .....	34
Mapa 3 - Localização dos 3 primeiros locais eleitos para representar Itaúna .....	64
Mapa 4 - Visada das fotos utilizadas nas entrevistas.....	85
Mapa 5 - Localização dos edifícios representativos na Praça da Matriz.....	89
Mapa 6 - Estudo de mancha da verticalização ocorrida no Centro da cidade .....	121
Mapa 7 - Tipologia das edificações existentes da Rua Gonçalves da Guia .....	123

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Relação grau de Instrução x cor da cidade .....	60
Tabela 2 - Renda x cor da cidade .....	60
Tabela 3 - Gênero x cor da cidade.....	61
Tabela 4 - Relação Grau de Instrução x local mais belo agradável.....	80

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Matriz de análise das paisagens .....	30
--	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS .....</b>	<b>18</b>
2.1 A paisagem e seus atributos .....	18
2.2 O sentido das paisagens .....	22
2.3 Imagem, imaginário e ideologia na construção paisagística .....	24
2.4 A matriz de análise .....	29
2.5 A área de estudo .....	31
2.6 Levantamento de dados e forma de apresentação dos resultados.....	41
2.7 Amostragem e perfil dos entrevistados .....	42
<b>3 A PERCEÇÃO PAISAGÍSTICA DA CIDADE .....</b>	<b>47</b>
3.1 Breve histórico de Itaúna.....	47
3.1.1 O sítio e a evolução morfológica urbana.....	52
3.2 Como Itaúna é percebida hoje .....	56
<b>4 A PERCEÇÃO PAISAGÍSTICA DA ÁREA DE ESTUDO .....</b>	<b>84</b>
4.1 A praça da matriz e seu entorno .....	84
4.1.1 A evolução paisagística .....	86
4.1.2 A paisagem percebida pelos moradores .....	97
4.1.3 A paisagem percebida pelos profissionais.....	106
4.1.4 A paisagem percebida pelos empresários.....	109
4.2 A Rua Gonçalves da Guia .....	111
4.3 Os imaginários e a legislação urbanística de Itaúna.....	120
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>136</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>139</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>149</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A concepção paisagística de um determinado lugar resulta da interação dos aspectos sociais, culturais, econômicos e simbólicos que direcionam as transformações ocorridas no ambiente natural: “A paisagem é o reflexo da relação entre o homem e a natureza, na tentativa de ordenar o entorno, com base em uma imagem ideal” (LEITE, 2006, p. 47).

Assim, a compreensão da paisagem implica rever a sua manifestação ao longo dos tempos e ainda perceber que os elementos que a compõem e as manifestações específicas em cada lugar não são estáticos, ao contrário, estão em constante mutação (LEITE, 2006).

O presente estudo investigou a percepção paisagística, revelada pelo imaginário dos diversos atores envolvidos na construção das paisagens urbanas de Itaúna (MG), tomando como estudo de caso a sua área central. A escolha desta área deu-se pela sua importância urbanística, paisagística e simbólica e também pelo acelerado processo de modificação paisagística que sofreu nas últimas décadas.

Partindo do pressuposto que as paisagens resultam da operação humana sobre o ambiente, guiadas pelos imaginários e fantasmas urbanos e operadas pelas ideologias, o trabalho levantou a hipótese inicial de que, ao longo de sua história, as paisagens itaunenses foram sofrendo um declínio qualitativo, agravado com a implantação do marco legal criado pelo Plano Diretor de 2008.

Para investigar a hipótese levantada, foi necessário desenvolver uma sequência de procedimentos metodológicos fundamentados por uma revisão teórico-conceitual que discutiu o próprio conceito de paisagem, extraído de diversos autores, o que possibilitou identificar os atributos necessários para se avaliar a qualidade paisagística de um lugar. Discutiu-se também o papel do imaginário e da ideologia na construção paisagística urbana e como investigá-los a partir da percepção dos usuários do espaço urbano. Com base neste embasamento teórico preliminar, construiu-se, por meio de uma matriz, as dimensões analíticas que orientaram as investigações posteriores, aplicando-as ao estudo de caso proposto, a área central de Itaúna.

Na sequência, investigou-se como os moradores, técnicos e empresários entendem e avaliam a atual paisagem urbana itaunense, utilizando-se da aplicação de entrevistas, levantamentos documentais, fotográficos e investigação histórica. Para levantar os dados históricos relevantes para os objetivos da pesquisa, foi adotado o método regressivo-progressivo

de Henri Lefebvre (1999), que consiste em levantar as questões do presente que precisam de entendimentos, voltando ao passado para tentar encontrar suas origens. A volta ao passado deu-se pelos relatos de moradores antigos da cidade, análise de fotos antigas, literatura, historiografia da cidade e trabalhos acadêmicos relevantes. A documentação iconográfica foi especialmente importante para as análises do trabalho, por registrarem as transformações urbanísticas e paisagísticas sofridas pelo centro urbano de Itaúna. Serviram também para conduzir os entrevistados ao passado, motivando-os a lembrá-lo e relatá-lo.

Recolhido o material da pesquisa, avançou-se para a etapa analítica do trabalho, com o cruzamento das informações obtidas. Nesta etapa, buscou-se entender, a partir da visão de três grupos diferentes, moradores, arquitetos/técnicos da área e empresários, como eles percebem e avaliam a atual configuração paisagística da cidade, buscando identificar nestas diversas visões, os imaginários construídos a partir da experiência urbana. Num primeiro momento, buscou-se verificar como o conjunto dos três grupos entrevistados enxerga a sua cidade para, em seguida, discutir como cada um a vê separadamente. Isto permitiu entender, dentre outras avaliações, que a legislação urbanística itaunense, especialmente o Plano Diretor de 2008, é o resultado dos imaginários urbanos operados ideologicamente pelos grupos de poder da cidade, e que as paisagens por ela geradas resultam desta ação.

Os resultados da pesquisa foram organizados em cinco capítulos, subdivididos nos fundamentos teóricos-metodológicos, percepção paisagística, e a interpretação dos resultados.

Na sequência do Capítulo 1, que é esta Introdução, segue o Capítulo 2, denominado *Fundamentos Teóricos e Metodológicos*. Nele, buscou-se revisar os conceitos que possibilitaram construir as dimensões de análise e interpretação das paisagens da área central de Itaúna, além das escolhas metodológicas adotadas para a realização do trabalho. Ali tratou-se de conceituar o termo paisagem e seus atributos, baseando-se na visão de diversos autores. Em seguida, abordou-se o papel do imaginário e a ideologia na conformação da cidade, explicitando a importância destas categorias para a concepção paisagística. O Capítulo 2 não encerrou a revisão teórica, já que se optou por apresentar, ao longo dos demais capítulos, novos autores, à medida que os temas tratados fossem avançando. Contudo, ali foram reunidos os conceitos fundamentais que permitiram avançar para as etapas de investigação documental e de campo, sistematizados numa matriz analítica.

Ainda no Capítulo 2, foram registrados os procedimentos metodológicos, com



apresentação da área de estudo e os aspectos norteadores que levaram à sua escolha. Também são apresentados como foram realizados os levantamentos de dados e a forma de apresentação dos resultados.

No Capítulo 3, apresentou-se a percepção paisagística da cidade de Itaúna, com o objetivo de mostrar como o itaunense a vê, de forma geral. O capítulo inicia-se por um breve histórico da cidade, com foco nos aspectos que tenham relação direta com os objetivos do trabalho, em especial a sua evolução paisagística, relacionando-a com os aspectos históricos, culturais e simbólicos. Em seguida, discutiu-se como a cidade é percebida hoje pelos seus moradores. Neste capítulo, adotou-se principalmente a metodologia do colombiano Armando Silva, que estudou os imaginários urbanos de diversas cidades da América Latina, aplicando questionários com perguntas que estimulassem os moradores a revelar aspectos subjetivos que possam contribuir para a compreensão da formação paisagística urbana.

No Capítulo 4 realizou-se a síntese da percepção paisagística da área de estudo, a Praça da Matriz e seu entorno, a partir da percepção dos usuários e construtores do espaço urbano divididos em três grupos: moradores (Grupo 1), profissionais, arquitetos e demais técnicos da área (Grupo 2) e empresários e construtores (Grupo 3). Finalizando o capítulo, procurou-se discutir a relação dos imaginários levantados com o Plano Diretor de 2008 e suas consequências paisagísticas.

Finalmente, o Capítulo 5 apresenta as considerações finais.

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

### 2.1 A paisagem e seus atributos

Para que a paisagem exista, a presença do observador em sua relação com o contexto experimentado é fundamental. Augustin Berque (1994, p. 5), afirma que “a paisagem não se limita aos dados visuais do mundo que nos cerca. Ela é sempre especificada pela subjetividade do observador; subjetividade que é mais do que apenas um ponto de vista ótico”. Vê-se, então, a importância da percepção do observador em relação ao ambiente urbano, bem como a subjetividade do seu olhar ao se deparar com a paisagem configurada.

O autor citado acima aponta, ainda, as particularidades do estudo paisagístico. Para ele,

[...] O estudo paisagístico é uma coisa diferente de morfologia do ambiente. Inversamente, a paisagem não é como o ‘espelho da alma’. Ela diz de objetos concretos que realmente existem ao nosso redor. Ela não é um sonho ou uma alucinação, porque se o que ela representa ou evoca pode ser imaginário, ela requer um suporte objetivo. O estudo da paisagem é, portanto, outra coisa distinta de uma psicologia do olhar (BERQUE, 1994, p. 5).

Já Georg Simmel (2009), alega que a paisagem é um recorte do território que está sendo observado, e que isso só é possível através da relação entre o objeto e observador. Sendo assim, para se ter paisagem, é condição indispensável, a presença do observador.

Dentro da filosofia da paisagem, Simmel (2009) destaca que a temporalidade é uma forma de “pensar,” identificada na percepção particular de cada tempo e de cada pessoa. A temporalidade pode ser classificada em humana, arquitetônica ou natural.

Assim, dentro destes aspectos da temporalidade, Henri Lefebvre (1999), propõe que: se há no presente uma inquietação, é necessário voltar ao passado para rever a razão desta inquietação. Desta forma, torna-se possível explorar as potencialidades e propor a reflexão sobre a historicidade dos processos sociais em um contexto urbano.

Então, é importante voltar ao passado para se buscar um distanciamento com a cidade, a fim de que se possa produzir um diagnóstico e uma percepção diferenciada de uma mesma paisagem em contextos distintos. Daí, a importância de se investigar um mesmo recorte

em tempos diferentes, o que permite identificar a evolução daquele mesmo espaço, ao longo do tempo, e os atributos específicos de sua paisagem, configurados em momentos diferentes.

Simmel (2009) destaca, ainda, um importante aspecto da paisagem: ela não pode ser confundida com a natureza. “Raramente nos damos conta de que ainda não há paisagem quando muitas e diversas coisas se encontram lado a lado numa parcela de solo e são diretamente contempladas” (SIMMEL, 2009, p. 5). Nesse sentido, fala o autor:

Antes de mais, que os elementos visíveis num local da terra sejam "natureza- porventura com obras humanas que nele se enquadram - e não arruamentos com armazéns e automóveis - tudo isso ainda não faz desse lugar uma paisagem. Por natureza entendemos o nexos infindo das coisas, a ininterrupta parturição e aniquilação das formas, a unidade ondeante do acontecer, que se expressa na continuidade da existência espacial e temporal. Se designarmos algo de real como natureza, pretendemos então mencionar ou uma qualidade interna, a sua diferença frente à arte e ao factício, frente a algo de ideal e histórico; ou que ele deve figurar como representante e símbolo daquele ser conjunto, que nele ouvimos o marulhar da sua corrente. "Um pedaço de natureza" é, em rigor, uma contradição em si; a natureza não tem fracções; é a unidade de um todo, e no momento em que dela algo se aparta deixará inteiramente de ser natureza, porque ele só pode existir justamente no seio dessa unidade sem fronteiras, só pode existir como uma onda da torrente conjunta que é a "natureza" (SIMMEL, 2009, p. 5-6).

Ainda segundo Simmel (2009),

É justamente essencial a demarcação, o ser-abarcada num horizonte momentâneo ou duradouro; a sua base material ou os seus fragmentos singulares podem, sem mais, surgir como natureza - mas, apresentada como "paisagem", exige um ser-para-si talvez óptico, talvez estético, talvez impressionista, um esquivar-se singular e característico a essa unidade impartível da natureza, em que cada porção só pode ser um ponto de passagem para as forças totais da existência (SIMMEL, 2009, p. 6).

Ao se explorar a paisagem, como um elemento que deve ser enquadrado a partir do tecido contínuo do exterior, Cauquelin (2007) argumenta que a paisagem é um recorte entre o que se vê (dentro deste recorte) e o que é visto. E que há véus, metáforas para os valores e imaginários, que interferem na construção individual e coletiva das paisagens. Assim, a paisagem é como se fosse vista por uma janela, cuja moldura “corta e recorta, vence sozinho o infinito do mundo natural, faz recuar o excedente, a diversidade” (CAUQUELIN, 2007, p. 137). Entender os limites das paisagens é entender o seu valor como possibilidade de se conhecer o mundo.

Diante dos modos diferentes de percepção que o homem pode desenvolver com a paisagem, faz-se necessário um distanciamento para que se possa refletir e entender os diversos parâmetros que a compõem, ou seja, “é preciso que exista um recuo e um estranhamento, para

que a natureza, reapropriada pelo olhar daquele que a contempla, se transforme em paisagem” (ROGER, 2007, p. 32).

Nas palavras de Pesavento (2004), “A paisagem é uma construção da natureza pelo olhar. Para que ela exista, deve haver um ato inaugural, de separação entre o homem e a natureza, implicando um distanciamento. O camponês não vê a paisagem, vê a natureza como meio no qual vive” (PESAVENTO, 2004, p. 2).

Dessa forma, verifica-se que a proximidade com o local em que se estabelece um vínculo pode possibilitar que algumas particularidades da paisagem passem totalmente despercebidas, em função do tipo de conexão que se estabelece com aquele lugar. Por isto, às vezes, é necessário ver a cidade com o “olhar do viajante”, pois o viajante, diferente do turista, se impregna e deixa ser capturado por detalhes, como por exemplo, desde as pedras mais toscas até as mais sublinhadas almas do passado (MEIRELES, 1998).

A questão do distanciamento é também tratada por Bartalini (2007), em “Petarca é o culpado”. A partir da possibilidade de se retirar para o alto, ou seja, para o topo de um morro, é possível ter o distanciamento necessário, para se “ver” o todo, como também permite contemplar uma vista ampla da cidade. Nesse texto, Bartalini (2007) levanta o questionamento de onde vem a beleza, que lá de baixo não é possível de se ver.

É possível ainda, no mesmo texto de Bartalini (2007), identificar o sentimento que aflora cada vez que se tem a oportunidade de se subir ao alto de um morro: “Uma vez no alto, anulam-se os acidentes, misérias e feiuras de baixo: deformidades, cheiros, ruídos. Lá em cima, a visão impera, uma visão sem empecilhos, asséptica, livre de distúrbios que a proximidade, por uma conspiração de todos os sentidos, deixa opostos” (BARTALINI, 2007, p. 2).

Em todas as conceituações sobre paisagem, algo está sempre presente: o fato de que a paisagem sempre está em transformação:

A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a outra forma que atenda as necessidades novas da estrutura social. “A historia é um processo sem-fim; mas os objetos mudam e dão uma geografia diferente a cada momento da historia” dizia Kant, o filósofo e geógrafo (1802) (SANTOS, 2009, p. 23).

Refletindo sobre as interferências que as transformações dos espaços causam na conduta dos usuários da cidade, Leite (2006) destaca que as pessoas são parte fundamental da paisagem e que a percepção do ambiente interfere no comportamento dos usuários.

Como elemento capaz de reestruturar a relação das pessoas com a paisagem, Leite (2006) explicita o projeto da paisagem, baseado nas definições de Lawrence Halprin. Para ele, o projeto da paisagem tem por objetivo a criação dos espaços que permitam integrar também as pessoas e não apenas os edifícios” (LEITE, 2006, p. 74).

Possibilidades de conflitos na conformação da paisagem são relatados por Leite (2006, p. 83), quando argumenta que “o que está representado na paisagem é de decorrência da interação entre a sociedade e a natureza e da interpretação individual ou coletiva, dos processos de estruturação do território”. Assim, é possível de se inferir das diretrizes de Leite (2006), de que é necessário identificar os processos sociais que constroem as paisagens, ou seja, “é necessário buscar nos processos econômicos, políticos e culturais da sociedade os fatos que explicam e justificam essa forma e esse caráter” (LEITE, 2006, p. 83). Então, faz-se necessário perceber como as pessoas “enxergam” determinado local, em determinado momento, para que assim se busque a compreensão dentro da complexidade existente, na relação entre objeto e usuário, em tempos diferentes.

Para Berque (1994), a paisagem não reside apenas no objeto ou no sujeito, mas na interação complexa entre estes dois termos (objeto x sujeito). Esta relação, inserida nas várias escalas de tempo e espaço, não implica menos a instituição mental da realidade que a constituição material das coisas.

Na visão de Leite (2006) a paisagem é o:

[...] resultado do equilíbrio entre múltiplas forças e processos temporais e espaciais. Em certa medida, a paisagem é um reflexo da visão social do sistema produtivo e suas formas transformam-se ou desaparecem sempre que as teorias, filosofias e necessidades que as criaram não são reais ou auto evidentes (LEITE, 2006, p. 13).

O estudo da paisagem envolve também considerar os lugares e elementos que a integram. Nesta mesma linha de pensamento, Leite (2006), assevera que:

Aos muitos lugares e elementos que compõem uma paisagem são atribuídos valores específicos que mudam constantemente acompanhando a evolução dos padrões culturais. Estes são por sua vez, fortemente enraizados nos processos naturais de cada lugar ou

região, isto é, a natureza e a cultura juntas, como processos interagentes, conferem forma e individualidade aos lugares. Os ritmos de produção, transporte e consumo, por exemplo, interagem com os ritmos climático, hidrológico e biológico para moldar uma paisagem cujos padrões de produção e utilização variam de acordo com o contexto específico da sociedade (LEITE, 2006, p. 13-14).

Já Santos (2009, p. 54), entende que: “em realidade, a paisagem compreende dois elementos: 1. Os objetos naturais, que não são obra do homem nem jamais foram tocados por ele. 2. Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado, como no presente”. Desta forma, para se identificar os aspectos que direcionam a formação paisagística da cidade de Itaúna, torna-se necessário analisar a natureza e a realidade local.

A paisagem só existe pela arte, ou seja, é uma “artealização da natureza”, no dizer de Alain Roger (2007). Trata-se de uma dupla operação: “A primeira direta, *in situ*, ou seja, operação artística que intervém no ambiente, e, a segunda indireta, *in visu*, que acontece por ação direta do olhar, criado pela arte, arquitetura e demais instrumentos capazes de criar significados nos objetos” (ROGER, 2007, p. 21). Daí a importância que possuem a imaginação, os imaginários e os aspectos subjetivos e artísticos na construção paisagística.

## 2.2 O sentido das paisagens

A prática do espaço pelo indivíduo permite interpretar como ele ganha ou perde significados, sentidos e significações, e como o seu conteúdo é alterado. Trata-se da semantização e dessemantização do espaço, expressões propostas por José Teixeira Coelho Netto (2012) em “A construção do sentido em arquitetura”. Para o autor, “um espaço é semantizado, recebe referências através e a partir do corpo humano. É, inquestionavelmente, a partir do corpo humano que se vive um espaço, que se produz um espaço, isto é, que um espaço recebe uma carga semântica qualquer” (COELHO NETTO, 2012, p. 118).

A primeira atribuição semântica que se faz a um espaço se dá a partir de uma prática do espaço, que se subdivide na prática física e na prática imaginária, sendo a última operada no nível inconsciente (COELHO NETTO, 2012), pois:

[...] se o espaço mantém um relacionamento direto com o corpo do indivíduo adquirindo em consequência uma significação precisa, ele alimenta igualmente uma relação não menos direta com o imaginário desse indivíduo, através do qual esse espaço se semantiza de modo frequentemente de todo diverso [...] (COELHO NETTO, 2012, p. 112).

Como exemplo da forma que o espaço físico se relaciona com o imaginário do indivíduo, pode-se mencionar o “porão” existente nas casas antigas, que se relaciona de modo imediato com o corpo do indivíduo de forma funcionalista, ou seja, a primeira percepção será de um local frio e escuro, e, ao mesmo tempo, este mesmo espaço terá, para esse indivíduo, uma carga semântica revelada pelo imaginário, com um local repleto de fantasias e surpresas (COELHO NETTO, 2012).

A partir da prática física do espaço, simples modificações semânticas são facilmente detectadas (como por exemplo, transformar um complexo industrial em um centro cultural de lazer e comércio). Já as transformações decorrentes da prática do imaginário não são tão evidentes e sua identificação é mais complexa (COELHO NETTO, 2012).

Já os espaços sobressignificantes (camadas sobre camadas de significados sobre a carga inicial) se revestem de um cunho ideológico, ao adquirem essas dotações semânticas extras, através de um discurso sobre o espaço. Este aspecto pode ser verificado na simples leitura nos anúncios publicitários das construtoras e corretores de imóveis, topos privilegiados desses espaços sobre significantes (COELHO NETTO, 2012).

Acerca desses espaços, Coelho Netto (2012) questiona essas edificações que estão surgindo para suprir o consumo imediato de um mercado voltado para o supérfluo. Veja-se:

Um apartamento (e com ele o edifício) não se esgota na semântica de um tradicional “morar”, “abrigar”, nem mesmo num “habitar com conforto”, o que já seria uma significação segunda. Os espaços que ali se têm, ou melhor, as conotações sucessivamente empilhadas sobre a denotação inicial, tal como se empilham miseravelmente as “caixas de morar” umas sobre as outras, variam conforme a fantasia do redator e a condição do imóvel – mas se encaixam todas na mesma ideologia do consumo e do supérfluo com que se fascinam as massas. Assim, sobre um espaço do morar tem-se um espaço do “todo conforto”, do “moderno” [...] do “luxo” e assim sucessivamente até os espaços mais “atmosféricos” como o da “felicidade”, do “poder”, etc. Tudo claramente exposto e corroborado por descrições minuciosas da organização do espaço, da localização, dos materiais empregados e da parafernália de *gadgets* que se tornaram aparentemente imprescindíveis à vida moderna [...] (COELHO NETTO, 2012, p. 119-120).

O processo de dessemantização pode-se verificar, tanto ao nível da prática efetiva do espaço como em consequência de um discurso sobre ele, como, por exemplo, o caso do “porão”, citado anteriormente, que “foi dessemantizado na concepção das ‘casas’ empilhadas propostas pelos edifícios modernos: tornou-se irrealizável no campo prático e perdeu sua significação para o imaginário” (COELHO NETTO, 2012, p. 121).

Um exemplo do processo de dessemantização do espaço, na cidade de Itaúna, pode ser visto no Bairro Santanense, que surgiu em local afastado da cidade, em função do surto industrial surgido em meados do século XX. As edificações existentes no local se encontravam no entorno imediato da fábrica de tecidos Santanense, com a função de atender aos funcionários dessa fábrica, proporcionando-lhes certa proximidade com o seu local de trabalho. A vida do bairro girava em torno da indústria. Com o desenvolvimento da área central da cidade e a queda da atividade industrial, o bairro foi perdendo as suas características iniciais (dessemantizando), ganhando características novas (semantizando), conforme relatado por Mendes (2001, p. 38): “Cortei a cidade de fora a fora e fui ali recolhendo memórias. Os casarões deram lugar a postos de gasolina, arranha-céus [...]. O bairro próspero que até cogitava se desligar da cidade não era Santana do Rio São João Acima, mas Santanense [...]”.

Um espaço dessemantizado, porém, nunca perde por completo o seu sentido. Caso isso aconteça, esse espaço é retirado do tecido arquitetural e não permanecerá nele como elemento neutro porque, como se vê na acepção de Coelho Netto (2012, p. 127): “a prática significativa do imaginário só morre com o interpretante do discurso arquitetural, o homem”.

### **2.3 Imagem, imaginário e ideologia na construção paisagística**

A imagem urbana, como categoria de análise da cidade, implica na compreensão de seu significado, nas possibilidades de suas ocorrências, suas semelhanças e diferenças (FERRARA, 1997). Para Ferrara (1997, p. 193), “é indiscutível que a cidade se faz representar através das suas imagens, e é através delas que se dá a conhecer concretamente; as imagens urbanas são signos da cidade e atuam como mediadores do seu conhecimento”. Todavia, é necessário identificar e discriminar as características da imagem urbana, para se atingir uma generalização que a revela como outra face da cidade, como objeto de conhecimento, que produz inteligibilidade (FERRARA, 1997).

Armando Silva (2011) relaciona a construção da imagem urbana com o ponto de vista cidadão, apontado como “uma série de estratégias discursivas por meio das quais os cidadãos narram as histórias da sua cidade, mesmo quando tais relatos possam, igualmente ser representados em imagens visuais” (SILVA, 2011, p. 9). Examinar o ponto de vista do usuário do



espaço urbano implica abstrair o potencial existente na imagem, sendo esta capaz de seduzir o cidadão e influenciá-lo na percepção da mensagem (SILVA, 2011).

Para estudo da imagem, como categoria de análise do fenômeno urbano, é necessário distingui-la do imaginário. Destaca-se em primeiro lugar, os aspectos que aproximariam a imagem do imaginário urbano, que por um lado, correspondem aos desafios perceptivos e por outro, qualificam a cidade. “Enquanto qualificativos são informação, são significados urbanos produzidos na cidade como espaço que agasalha uma relação social” (FERRARA, 1997, p. 194).

Portanto, é importante que não se confunda imagem e imaginário, tornando-os sinônimos:

Imagem e imaginário urbano são manifestações de dupla mão: a cidade como espaço físico e construído e como lugar que se individualiza naquele espaço; nas duas situações ela é cenário e ator de uma relação social que contracenam com o homem, usuário ou cidadão urbano. Imagem e imaginário correspondem à capacidade cognitiva do homem de produzir informação em todas as suas relações sociais; nos dois casos, produzem-se informações, mas de modo diverso (FERRARA, 1997, p. 194).

Acerca da discussão teórica, que aborda a imagem e o imaginário, Ferrara (1997) aponta que ambos mantêm uma estreita relação com o significado do espaço, ou seja, “a imagem corresponde à informação solidamente relacionada com um significado que se constrói numa síntese de contornos claros que a faz única e intransferível” (FERRARA, 1997, p. 194).

Por outro lado, “o imaginário corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação do significado, atribuir significados a significados; suas produções não são únicas, mas acumulam e passam a significar mais por um processo associativo [...]” (FERRARA, 1997, p. 194).

Imagem e o imaginário relacionados entre si permitem abstrair o que basicamente os diferenciam em sua totalidade, sendo a imagem um dado que corresponde a uma concreta intervenção edificada na cidade, e, por outro lado, tem-se o imaginário como um processo que acumula imagens e é estimulado ou desencadeado por um elemento, construído ou não. Porém, esse imaginário é claramente identificado com o meio e o cotidiano urbano (FERRARA, 1997).

Através do imaginário, a imagem urbana (monumentos, emblemas, espaços públicos ou privados) recebe significados extras e autônomos, e conseqüentemente, passam a significar mais em relação à imagem básica que lhes deu origem (FERRARA, 1997).

Sob esse aspecto, tem-se o exemplo do Cristo Redentor, que deixou de ser um

simples monumento e passou a ser um símbolo da cidade do Rio de Janeiro. Ele, em qualquer lugar do mundo, identifica a cidade do Rio de Janeiro.

A relevância da imagem, construída a partir da experiência urbana, pode ser traduzida em determinada circunstância, na imagem emblemática, que para Ferrara (1997, p. 195), “[...] é o resgate físico e visual de marcas memoráveis da cidade”, “[...] é uma reconstrução simbólica da história documental de uma cidade”.

Outra diferença importante entre imagem e imaginário é que “a imagem é concretamente construída; o imaginário é estimulado ou desencadeado pelas características urbanas” (FERRARA, 1997, p. 196).

A relação entre a imagem e o imaginário urbano se apoia na lógica de que “a imagem urbana se globaliza e todas as cidades se assemelham, porém, o imaginário ainda é a válvula capaz de transformar a mercadoria e o consumo em conhecimento que se amplia e se torna mais complexo” (FERRARA, 1997, p. 201).

Dentro da lógica percepção/recepção, o imaginário desenvolve um processo mais complexo, pois “enquanto percepção exige um juízo perceptivo e enquanto recepção supõe participação, o compromisso marcado pela experiência que permite a comparação entre cidades, e, sobretudo, desenvolver a informação que a vivência urbana permite e estimula” (FERRARA, 1997, p. 196).

O imaginário, como recepção, determina a relação social e, “é exatamente esta matriz receptiva agenciada pelo imaginário que faz da experiência urbana uma revolução no repertório de informação de um indivíduo e amplia a percepção visual até a dimensão informacional” (FERRARA, 1997, p. 196).

Se ler a cidade significa ter uma representação dela, construir uma imagem dessa cidade significa também compreendê-la e interpretá-la. E, sobretudo, sintetizar, dada a complexidade do fenômeno observado. Entretanto, “leituras”, no plural, implicam que a cidade pode ser representada, ou melhor, imaginada, a partir de diversos olhares. Não há uma única leitura possível. O que se vê, depende de onde se olha e para onde se olha. E a análise deve identificar de quem são esses olhares, ou quem realiza essas leituras (FERRARA, 1997).

O imaginário recluso permite se retirar da cidade, para poder experimentá-la, senti-la, ou seja, permite experimentar a cidade pelos diversos modos e formas de vida. O imaginário

permite ainda, resgatar signos. Porém, o imaginário de uma cidade não a reproduz (FERRARA, 1997).

Outro aspecto importante no pensamento de Ferrara (1997) é a interferência da comunicação de massa na formação da imagem. Veja-se:

Ao informar, os veículos de comunicação de massa transformam o particular em geral, a diferença no cenário homogêneo que globaliza todos os lugares que passam a viver sob a égide da metrópole internacional: o imaginário possível transforma-se na imagem que corrige o particular indeterminado pelo comum e geral (FERRARA, 1997, p. 201).

Ao interpretar a possibilidade existente na arquitetura como geradora de imagem, Vargas (2001), aponta que a arquitetura de uma edificação deve refletir todas as características que a configuram. A sua forma através de soluções arquitetônicas e técnicas, seleção de materiais e acabamento, precisa ser coerente com a intenção de qualidade que as determinou. O conjunto deve espelhar, claramente, os objetivos do empreendimento, mostrando uma imagem, não só como apreensão visual direta de sua aparência, mas “mentalizada” na forma de um conceito, um valor, que a visão da obra determina de maneira residual no usuário e no público em geral.

Outra abordagem significativa na relação da conformação do espaço urbano, caracteriza-se pela busca da identificação da influência do imaginário nos projetos dos arquitetos da atualidade. Segundo Leite (2006, p. 109), “A capacidade de transformar em fatos concretos o que pertence ao imaginário de uma época é uma forma de tornar visível o repertório do hipotético, do que não é e talvez não venha a ser, mas que poderia ter sido”.

Provavelmente, essa seja a essência da concepção paisagística de um determinado local: o imaginário de uma sociedade é concretizado através das posturas dos diversos atores envolvidos na concepção do espaço urbano.

Por isso Silva (2014), afirma que o imaginário utiliza o simbólico para se manifestar, o que implica que a construção imaginária passa por “múltiplos padrões de narração cidadã; mas, subliminarmente a todos os seus relatos, corre como fonte primária de um acontecimento psíquico a figura escorregadia, porém envolvente, do fantasma social” (SILVA, 2014, p. 47). Para Silva (2014), os fantasmas sociais são imaginários urbanos que se instalam no pensamento coletivo dos cidadãos como fantasmas, ou seja, não são vistos nem falados, mas estão lá, sempre presentes.

Os emblemas urbanos, para o mesmo autor, seriam: “[...] como elementos escolhidos pelos cidadãos como possuidores da maior concentração simbólica em suas representações coletivas, atuam como ícones de reconhecimento das culturas urbanas para um determinado território e por períodos concretos” (SILVA, 2014, p. 146). São exemplos, o Cristo Redentor, o Masp, a Estátua da Liberdade, a Torre Eiffel, entre outros.

No entanto, não é suficiente se basear apenas na compreensão do imaginário para se identificar os elementos que estruturam a concepção da paisagem urbana. Faz-se necessário entender também a ideologia existente no “tecer” urbano:

Este conceito de imaginário assim descrito, no entanto, chama a atenção para um outro conceito, e uma outra atividade, sem qual o imaginário, a obra de arte e mesmo toda atividade não-artística do homem é inviável: o conceito de ideologia e a prática ideológica. Inviável porque não há significado, sentido e significação, na obra de arte ou na vida “comum”, sem a presença de ambas essas atividades, simultaneamente. Mas o que se deve entender por ideologia? [...] Pode se dizer, assim, que a ideologia é uma representação (isto é, um relacionamento consciência-objeto) produzida pelos homens a respeito das relações por eles mantidas com suas condições reais de existência (COELHO NETTO, 2012, p. 99).

Já Villaça (2004, p. 183), alega que “[...] entende-se a ideologia como o conjunto de ideias desenvolvidas pela classe dominante visando facilitar a dominação, ocultando-a”.

Na concepção de Marilena Chauí (1981), a ideologia “[...] nasce para fazer com que os homens creiam que suas vidas são o que são em decorrência da ação de certas entidades (a natureza, os deuses ou Deus, a razão ou a ciência, a sociedade, o Estado)” (CHAUÍ, 1981, p. 87). Desta maneira, pode-se entender que as políticas urbanas, a prática urbanística, paisagística e arquitetônica e a ação estatal são exemplos de ideologias que constroem paisagens.

Para Marilena Chauí (1981), o que torna a ideologia possível seria:

[...] a suposição de que ideias existem em si e por si mesmas desde toda a eternidade, é a separação entre trabalho material e trabalho intelectual, ou seja, a separação entre trabalhadores e pensadores. Portanto, enquanto estes dois trabalhos estiverem separados, enquanto o trabalhador for aquele que “não pensa” ou que “não sabe pensar”, e o pensador for aquele que não trabalha, a ideologia não perderá sua existência nem sua função (CHAUÍ, 1981, p. 86).

Assim, não há como estudar paisagens sem compreender os imaginários e ideologias que as constroem, visto que ambos são representações das diferentes formas de relacionamento do homem com o mundo em que vive.

A Figura 1 expressa graficamente uma síntese do entendimento da relação entre os conceitos de paisagem, imaginário e a ideologia como serão aplicados neste trabalho.

**Figura 1 - Interpretação da concepção das paisagens**



Fonte: Elaborado pela Autora, 2015.

#### **2.4 A matriz de análise**

A revisão teórica realizada permitiu a elaboração de uma matriz de análise, apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 - Matriz de análise das paisagens

	<b>Constituintes da paisagem</b>	<b>Como/ O que? Investigar</b>	<b>Fontes de investigação</b>
<b>ASPECTOS IMATERIAIS / SIMBÓLICOS</b>	Contexto	Conhecer o contexto histórico, econômico, social e político da construção paisagística da área estudada.	Revisão de literatura, fontes documentais, imagens, entrevistas.
	Imaginário	Ler crenças, valores, significados, enquanto recepção (experiência e juízo perceptivo) e percepção (participação) na construção das paisagens das áreas estudadas.	Revisão de literatura, fontes documentais, imagens, entrevistas.
	Ideologia	Investigar regras, modelos, planos, legislações que organizam o imaginário, desenvolvidas pelo estado, classes dominantes, arquitetos etc.	Revisão de literatura, fontes documentais, imagens, entrevistas.
	Semantização Dessemantização	Ler as atribuições de sentido ou retirada deles dos lugares.	Revisão de literatura, fontes documentais, imagens, entrevistas.
<b>ASPECTOS MATERIAIS</b>	Juízo estético das paisagens	Verificar se o construído é reconhecido pelos usuários como conformação habitual da experiência já adquirida e, ao mesmo tempo, se surpreende-o por uma conformação diferente.	Entrevistas.
	O sítio e sua evolução morfológica	Conhecer a evolução morfológica do sítio (relevo, hidrografia, rede urbana etc.)	Literatura, fontes documentais, imagens, entrevistas.
	A produção urbanística, paisagística e arquitetônica	Conhecer a produção nos diversos tempos históricos da construção das paisagens analisadas.	Literatura, fontes documentais, imagens, entrevistas.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2014.

A matriz de análise (QUADRO 1) sistematiza as dimensões das paisagens, que serão levantadas e analisadas nesta pesquisa, servindo de base para o levantamento e interpretação dos dados coletados.

A referida matriz subdivide-se em aspectos imateriais/simbólicos e aspectos materiais. Nos aspectos imateriais/simbólicos propôs-se investigar os constituintes da paisagem a

partir dos imaginários urbanos, que para Silva (2011, p. X), “dedicar-se-ão a entender como construímos, a partir dos nossos desejos, modos grupais de ver, de viver, de habitar e desabitatar as nossas cidades”. O imaginário propõe ler as crenças e valores, enquanto recepção (marcada pela experiência) e percepção na construção histórica das paisagens.

Ainda com relação aos aspectos imateriais, que irão direcionar a interpretação dos dados, propõe-se verificar a ideologia. Através da ideologia, é possível se investigar regras, modelos, planos, legislações que organizam o imaginário, desenvolvidas pelo Estado, classes dominantes, arquitetos etc. Ainda dentro dos aspectos imateriais, investigou-se o contexto histórico, econômico e social, no qual o objeto de estudo está inserido. A semantização/dessemantização, que permitem ler o sentido ou retirada dele dos lugares, e, por fim, o juízo estético das paisagens.

Com relação aos aspectos materiais foram considerados os elementos do sítio e sua evolução morfológica, a produção urbanística, paisagística e arquitetônica, que resultam na forma como os diversos atores da cidade percebem suas paisagens do ponto de vista material.

A matriz de análise levou a identificar as fontes que permitiriam uma compreensão da formação paisagística na cidade de Itaúna/MG. As fontes principais foram: a) fotografias, imagens, textos literários e reportagens de jornais; b) entrevistas com os moradores da cidade de Itaúna, para se avaliar a percepção paisagística geral da cidade; c) entrevistas com moradores/usuários dos locais de estudo, técnicos estatais (arquitetos e engenheiros) e representantes do mercado empresarial.

A técnica utilizada nas entrevistas foi o questionário semi-estruturado, dividido em questões fechadas e abertas (APÊNDICE A). Nas questões abertas foram apresentadas aos entrevistados imagens selecionadas (ANEXO A), representando momentos paisagísticos dos locais estudados, sobre as quais os entrevistados teriam completa liberdade de discorrer.

## **2.5 A área de estudo**

Os aspectos relatados na presente pesquisa se pautaram em dados coletados na cidade de Itaúna, no Estado de Minas Gerais, localizada no colar metropolitano da região metropolitana de Belo Horizonte, a 76 km da capital. Limita-se ao sul com Itatiaiuçu, ao leste com Mateus

Leme (grande Belo Horizonte), ao oeste com Carmo do Cajuru, ao norte com Pará de Minas e, ao noroeste, com Igaratinga (CIDADES DO MEU BRASIL, 2014).

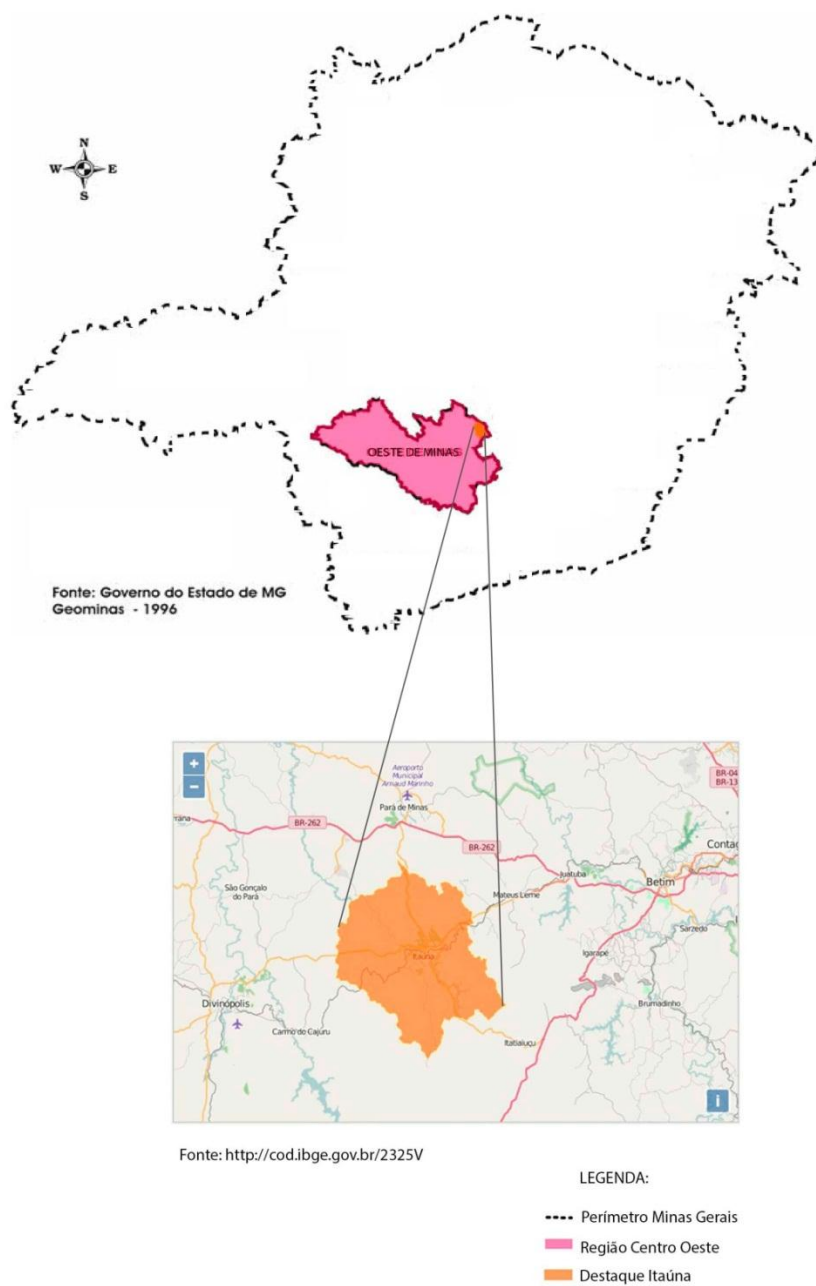
A cidade de Itaúna (Centro-Oeste de Minas), com aproximadamente 90 mil habitantes, encontra-se entre as 30 cidades de maior poder econômico, dentre 853 municípios do Estado. Tem uma situação privilegiada: quase às margens da rodovia BR-381 (Fernão Dias). A cidade tem, como marcas impressas em seu solo, os seguintes limites<sup>1</sup>: duas rodovias estaduais: a MG-050 e a MG-431; o rio São João e a estrada de ferro, hoje de propriedade da empresa ferroviária *Centro-Atlântica* e que, antes da privatização, pertencia à *Rede Ferroviária Federal S/A* (RFFSA). Tem como eixo principal de ligação para Belo Horizonte a BR 262 e, para São Paulo, a BR 381 (GUIMARÃES; CARVALHO, 2011).

---

<sup>1</sup>“Limites são elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador, são fronteiras entre duas faces, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos, etc., cortes de ferrovias, construções [...]. São referências laterais, mais que eixos coordenados” (LYNCH, 1999, p. 58).



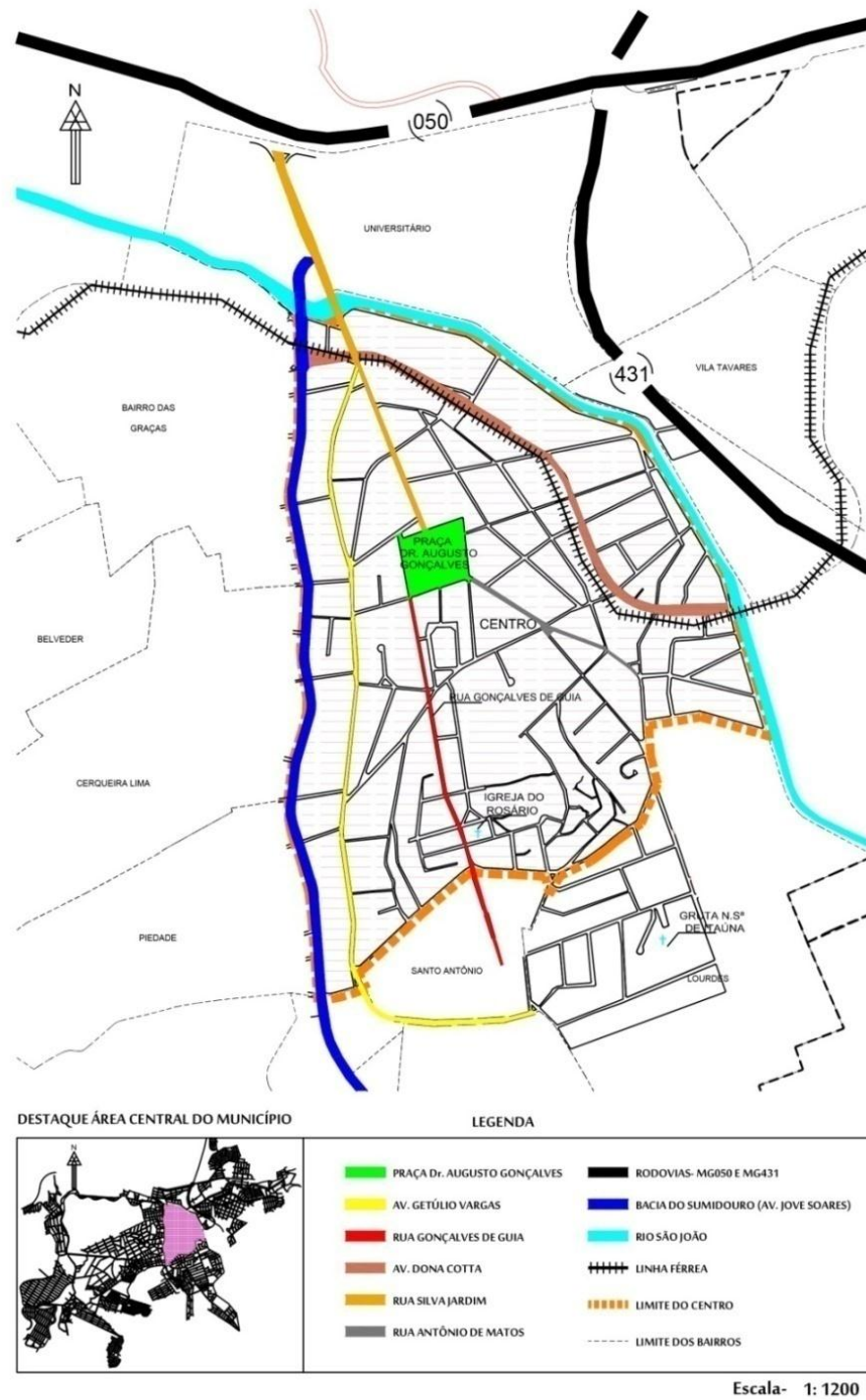
**Mapa 1 - Localização do município de Itaúna no Estado de Minas Gerais**



Fonte: Elaborado pela Autora com base em dados do IBGE, 2015.

A área de estudo é o Centro da cidade de Itaúna/MG, especificamente o entorno imediato à Praça da Matriz, incluindo a Rua Gonçalves da Guia, conforme apresentado no Mapa 2.

**Mapa 2 - Setorização do centro no contexto da cidade e o sistema viário**



Fonte: Elaborado pela Autora com base em dados da Prefeitura Mun. de Itaúna, 2015.

Pretendeu-se mostrar qual o caminho que vem sendo percorrido pelo centro, região onde se deu o início da formação da cidade, e investigar os atributos das paisagens que estão sendo geradas, e como a arquitetura tem respondido às novas solicitações desta cidade, configurada pelo crescimento acelerado. A escolha deveu-se ao fato de ser uma área significativa dentro do contexto urbano e que vem sofrendo uma acelerada transformação urbanística e paisagística, principalmente no que se refere à substituição de edificações, fato este que está interferindo diretamente na configuração da paisagem urbana, como pode ser observado nas imagens das Figuras 2 e 3.

**Figura 2 - Vista do entorno da Praça da Matriz**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

**Figura 3 - Vista parcial do Centro da cidade**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

A análise do espaço urbano de Itaúna, juntamente com seu sítio, revelou a presença de alguns percursos que nortearam o processo de ocupação do primeiro assentamento, o qual, por sua vez, evoluiu sucessivamente, tornando-se o centro da cidade atual.

Além disto, esta área tem uma grande importância social, cultural, afetiva e simbólica para os moradores, como quase todo centro dos municípios brasileiros, como argumenta Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1988):

O centro é lugar em que está a animação e a agitação, onde ocorrem mudanças. Desde que surgiram as primeiras cidades do mundo, está associado às noções de cruzamento de ruas, praça e mercado. Para o centro todos se dirigem para trocar não apenas mercadorias, mas também concepções e maneiras de ser e de viver (SANTOS, 1988, p. 52).

Também para Armando Silva (2011) “o centro alude ao que é cêntrico e focal, ponto de vista ou uso” (SILVA, 2011, p. 25). Mesmo diante da significativa mudança no panorama econômico da cidade, a principal praça da cidade, a Praça Matriz, conserva-se como o “coração da cidade”. Ainda se revela como o centro dinâmico em Itaúna, pois é a região que abriga o setor

comercial, os principais edifícios públicos, o Fórum, a Prefeitura, a Delegacia, concentrando as sedes dos bancos, as sedes administrativas de empresas e a principal igreja da cidade, a Matriz de Sant'Ana. Em torno da praça, vêm sendo “inseridas” as edificações voltadas ao uso residencial, geradas a partir da consequência do processo vinculado ao crescimento econômico, apresentado pelo setor terciário e minerário da cidade (FIGURAS 4 e 5).

**Figura 4 - Vista do entorno da Praça da Matriz  
(esquina com a Rua Silva Jardim, destaque para o Fórum)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

**Figura 5 - Vista aérea do entorno da Praça da Matriz  
(Destaque para a localização da Prefeitura)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

A estruturação da cidade de Itaúna sempre esteve definida pela atividade comercial, na área central da cidade, e a atividade industrial nas áreas adjacentes; e a mineração, um setor de grande peso na economia da cidade, em distritos isolados.

Os empresários, nas últimas décadas, voltaram-se para o centro, percebendo nele um potencial imobiliário. Esta área central da cidade mantém o seu dinamismo, observando-se claramente uma crescente aceleração de demolições, para que edificações horizontais, um pavimento, cedam lugar a edificações verticais, quatro ou mais pavimentos, possibilitando aos proprietários do imóvel, aos construtores e incorporadores, maior aproveitamento do terreno em relação ao número de unidades habitacionais.

Outro fato que justifica o recorte espacial na área central tem relação com os aspectos morfológicos existentes, caracterizados pelo traçado irregular das ruas, assentadas em sua grande parte em relevo acidentado, possibilitando-se orientar a investigação da configuração

paisagística, configurada atualmente por edifícios verticalizados com tipologias arquitetônicas singulares, sem nenhum comprometimento com as riquezas de detalhes, como também a identificação dos elementos marcantes que a configuram e se encontram nesta região da cidade, pois:

[...] o processo de crescimento da cidade de Itaúna ao longo da sua história, desde sua fundação, pode ser sintetizado em oito momentos sucessivos que fizeram com que a cidade, hoje, seja considerada, em razão das partes das quais é composta, como uma cidade média dentro da região do Centro-Oeste Mineiro e dentro do sistema urbano regional chefiado por Divinópolis, que se encontra a cerca de 30 km de Itaúna. [...] Um desses elementos é o centro da cidade, que, no caso de uma cidade média, é facilmente identificável pela densidade habitacional elevada, não apresentando vazios significativos, a não ser no caso de equipamentos de lazer, como áreas verdes equipadas e parques. Ele é caracterizado também pela presença de edificações de maior porte, encontrando tipologias arquitetônicas verticais, pela presença de funções especializadas e pelo terciário, que acaba predominando sobre os usos abrigados no centro, inclusive sobre o uso residencial, e que acaba definindo tipologias arquitetônicas peculiares e específicas, como prédios de escritórios. Em volta do centro, não apenas a densidade como também a dimensão das construções diminuem, sendo raras as construções verticais apesar de que pode existir algum agrupamento de edificações verticais em alguns bairros [...] (CONTI, 2012, p. 21).

A imagem, a seguir, mostra uma vista aérea da Praça da Matriz, sendo possível observar o Centro configurado em seu entorno, e as edificações que estão sendo inseridas dentro do contexto da Igreja Matriz Sant'Ana, fazendo com que esta perca quase por completo seu protagonismo (FIGURA 6).

**Figura 6 - Foto atual da Praça da Matriz e seu entorno  
(Destaque para a Igreja Matriz de Sant'Ana)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Incluiu-se também, como parte do recorte, a Rua Gonçalves da Guia, por ser uma via que apresenta ligação direta com a Praça, e por, nos últimos seis anos, ser objeto de uma rápida verticalização e substituição das edificações térreas, com expressivo impacto paisagístico. O que representou grande relevância dentro do ponto de vista do traçado urbano, como relata Conti (2012):

[...] na porção sul nas proximidades do Morro do Rosário, apresenta um traçado de tipo estelar, sendo que uma parte das ruas do centro converge na Praça Doutor Miguel Augusto Gonçalves. O restante do traçado é o resultado de um processo de ocupação que se adequou às características das vertentes do morro, cuja declividade aumenta na medida em que se aproxima ao topo dele. É por esta razão que no centro, nas vertentes leste e oeste, divididas entre elas pelo divisor de águas que corresponde à Avenida Silva Jardim, existe um traçado composto por quadras retangulares. Esta forma é o resultado da presença das ruas de meia encosta, de dimensão maior, e das ruas que permitem a conexão entre as ruas de meia encosta (CONTI, 2012, p. 32).



Assim, o Centro, dentro do contexto histórico da cidade, apresenta aspectos importantes para ser a área escolhida.

## **2.6 Levantamentos de dados e forma de apresentação dos resultados**

Inicialmente, investigou-se como o itaunense percebe paisagisticamente a sua cidade como um todo, a partir de respostas a entrevistas semiestruturadas. O objetivo foi apresentar um quadro dos fantasmas, imaginários, preferências, medos e afetividades dos entrevistados em relação à sua cidade. Esta percepção não diferenciou os entrevistados por segmento. Os resultados estão apresentados no item 4.2.

Em seguida, foi investigada a área de estudo, o entorno da Praça da Matriz e a Rua Goncalves da Guia, separando a percepção paisagística por grupos de entrevistados: Grupo 01, moradores em geral; Grupo 02, profissionais, arquitetos e técnicos da área; e do Grupo 03, empresários e construtores. Esta separação permitiu análises comparativas importantes. Também se realizou uma percepção dos grupos em conjunto. As respostas às entrevistas, dos grupos, foram agrupadas em conjunto de dimensões distribuídas em dois segmentos: percepções positivas e negativas, ambos colocados em um único gráfico, para facilitar a compreensão.

Uma das técnicas adotadas nas entrevistas consistia em apresentar aos entrevistados imagens escolhidas, que retratavam o passado da área com visadas partindo do largo da Praça da Matriz, sendo diferenciadas pelo entorno que cada uma enquadrava.

Tal técnica permitiu aos entrevistados refletir livremente sobre o passado da cidade e até sobre seu próprio passado, ponderando-se sobre a qualidade das mudanças ocorridas nos lugares. Os entrevistados, nas respostas, utilizavam expressões diversas, que depois foram agrupadas em conjuntos, compondo os gráficos citados. Desta forma, pôde-se ter uma avaliação de como cada um dos três grupos de entrevistados, moradores, técnicos e empresários, percebem as mudanças paisagísticas ocorridas na cidade, bem como se pode fazer uma análise comparativa das percepções dos três segmentos.

Este procedimento metodológico possibilitou investigar sobre tudo, as diversas experiências paisagísticas urbanas vinculadas às manifestações psicológicas e sociais dos cidadãos (SILVA, 2011).

Na discussão dos resultados foram sendo feitas análises comparativas, recuperando-

se, quando necessário, a literatura revista no Capítulo 2, para se elucidar resultados significativos, que iam sendo revelados.

## **2.7 Amostragem e perfil dos entrevistados**

Segundo o Itaúna em Dados, em 2010 a região do centro da cidade apresentava uma população de 7.259 habitantes (MATOS, 2012, p. 18). Foi com base neste número que dimensionou-se a quantidade de questionários a serem aplicados. Estudos estatísticos mostraram que, para se obter uma pesquisa com nível de confiança de 95%, a amostra a ser definida está na ordem de 2% da população. Assim, para se ter confiabilidade estatística aplicou-se 139 (cento e trinta e nove) questionários, e para que desta forma os resultados da pesquisa fossem relevantes. No Anexo B, estão detalhados os cálculos que levaram à definição amostral.

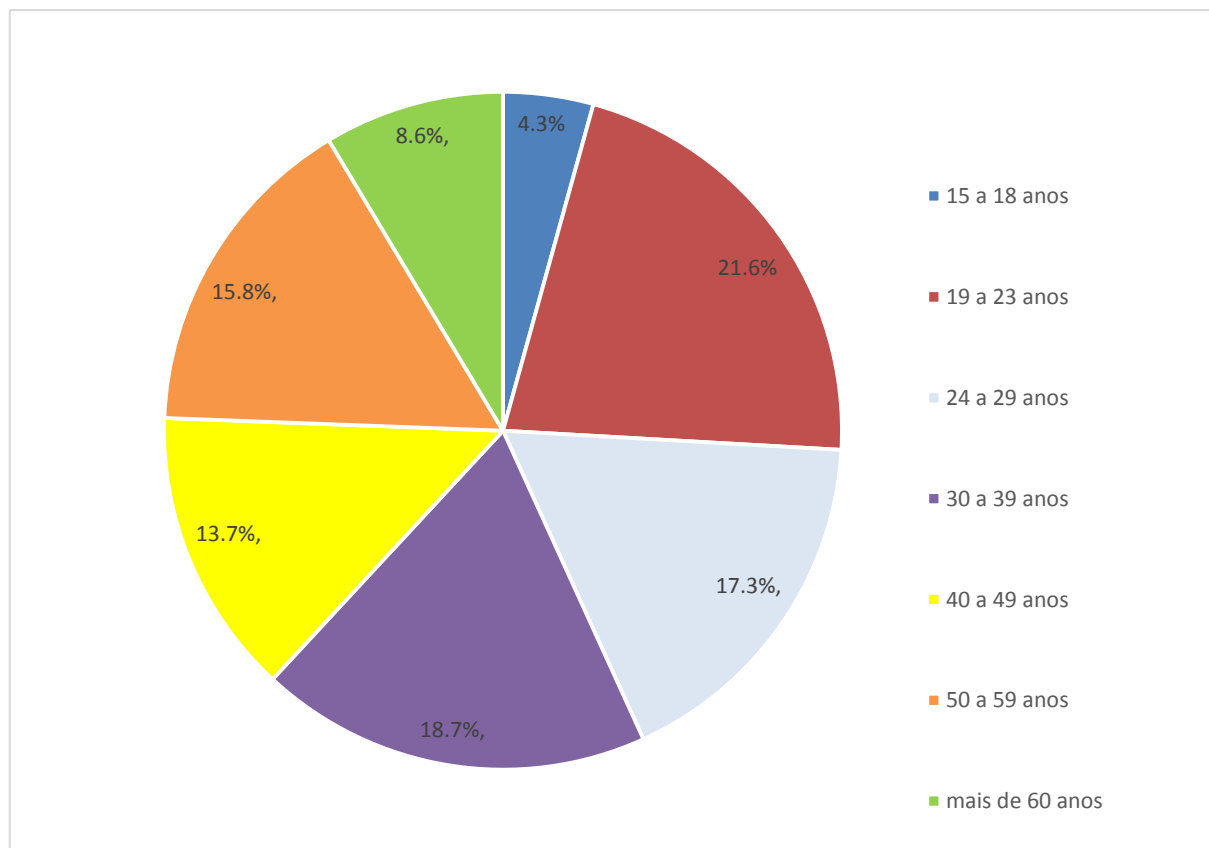
O universo dos entrevistados, como se disse, inclui moradores da cidade, técnicos, arquitetos, corretores imobiliários, funcionários da área de engenharia da Prefeitura Municipal, empresários e construtores. Dentro dos segmentos apontados e a relação com o número de questionários aplicados, ficaram subdivididos da seguinte forma: Grupo 1, moradores, 104; Grupo 2, técnicos e arquitetos, 30; e Grupo 3, empresários, 05. A aplicação aconteceu do período de 04 de março de 2015 a 13 de maio de 2015, sendo realizada no local de trabalho do entrevistado, na residência ou na Praça da Matriz, durante dias e horários alternados. A aplicação se deu basicamente através da apresentação do questionário ao entrevistado, deixando que ele falasse livremente diante de cada questão, e, em seguida, foram apresentadas as fotos, para que fizesse sua interpretação pessoal.

Dentre os 139 entrevistados, 49,6% eram mulheres e 50,4% homens, revelando assim um equilíbrio entre os gêneros.

Quanto à faixa etária dos entrevistados (GRÁFICO 1), a maioria deles se enquadrou na faixa dos 19 a 23 anos (21,6%) e, em seguida, os de 30 a 39 anos (18,7%). Portanto, a maioria dos entrevistados sequer havia nascido nas épocas em que as fotos que lhes foram apresentadas foram tiradas, décadas de 1930 e 1950. Os poucos que já conheciam a cidade mostrada nas fotos antigas relatavam que, ao vê-las, transportaram-se para os seus passados, revelando sensações que não foram relatadas pelos mais jovens.

Outra reação, que foi comum nos entrevistados mais jovens, foi a de surpresa, até mesmo espanto, de ver como era a Praça da Matriz na década de 1930. Para eles, a foto mostrada parecia referir-se a um lugar desconhecido, e muitos foram incapazes de identificar de que parte específica da praça se tratava a foto.

**Gráfico 1 - Faixa etária dos entrevistados**

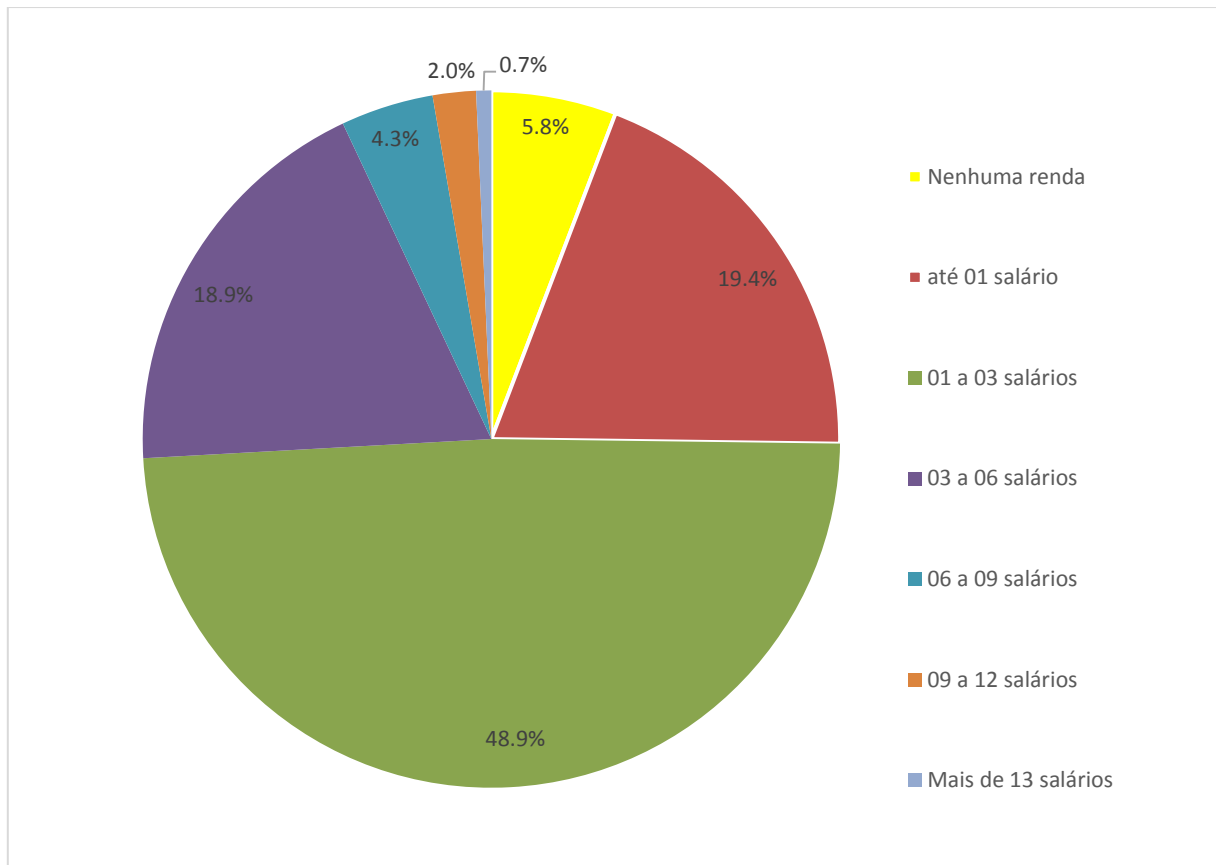


Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Quanto ao estado civil, o perfil dos entrevistados foi o seguinte: 46% solteiros; 43,9% casados; 5% separados; 2,9% viúvos; e 2,2% em união estável.

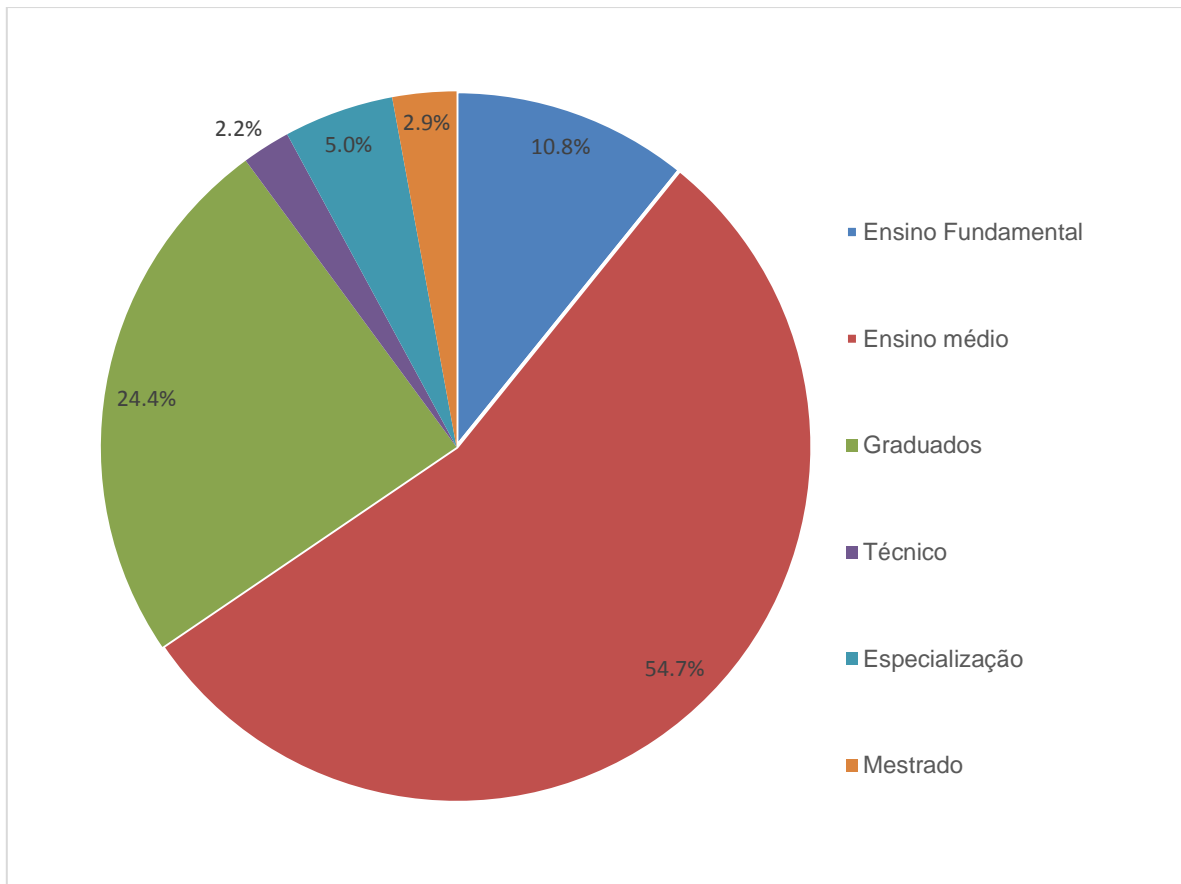
Quanto à renda, a maioria situava-se na faixa entre 01 a 03 salários mínimos (48,9%), o que configura o perfil dos entrevistados como sendo a maioria pertencente à classe social (D), de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015). Na aplicação dos questionários, observou-se que quanto menor a renda, maior o grau de dificuldade para responder às questões (GRAFICO 2).

**Gráfico 2 - Renda dos entrevistados**



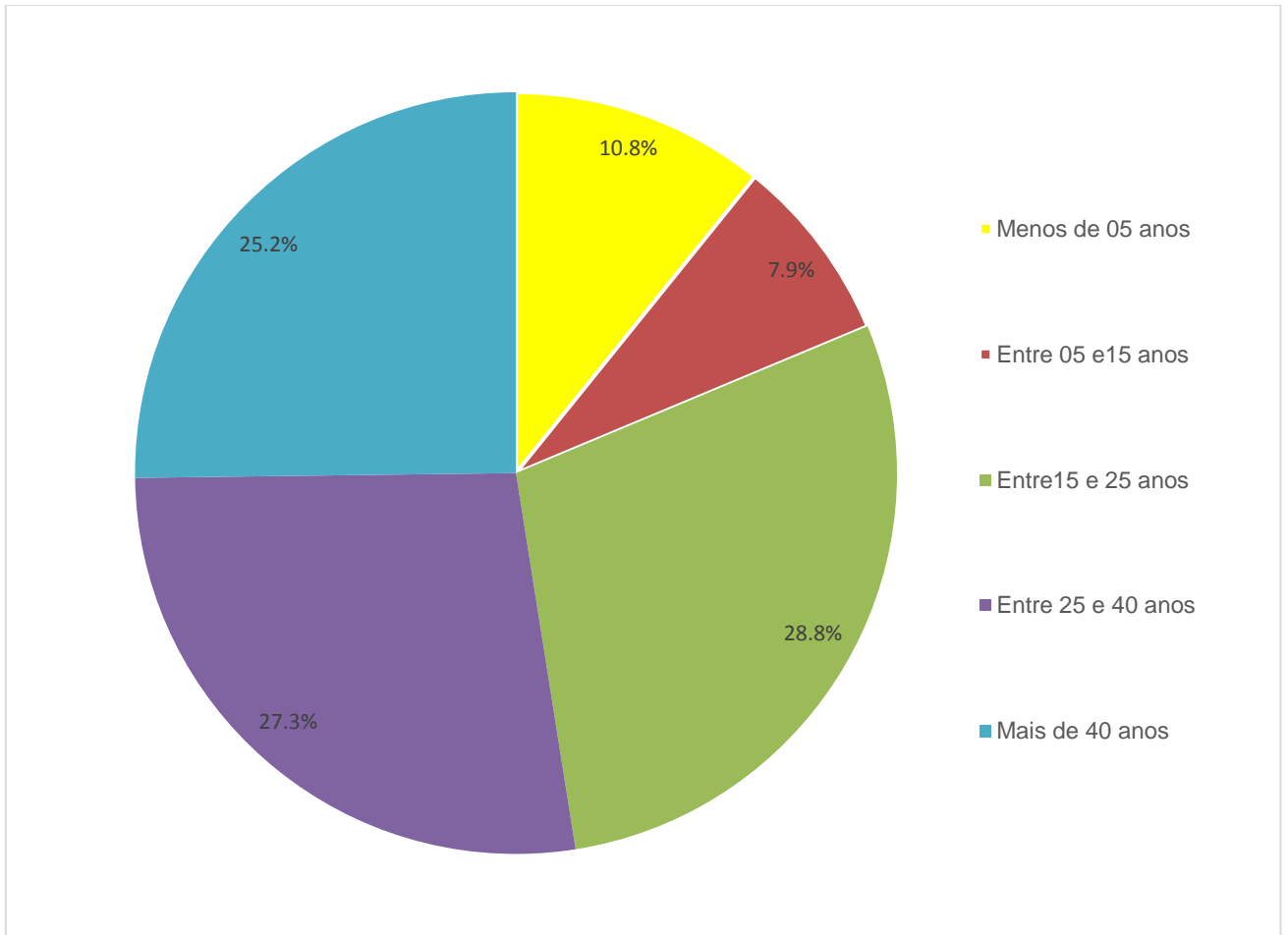
Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Quanto ao grau de instrução dos entrevistados, a maioria possuía ou está cursando o Ensino Médio (54,7%), e 24,4% são graduados ou cursam curso superior. Isto demonstra que a maior parte das pessoas abordadas possuía, ou deveria possuir, o mínimo de esclarecimento necessário para entender os aspectos abordados durante a entrevista. Foi nítida a dificuldade dos entrevistados com Ensino Fundamental (10,8%) ao se deparar com algumas questões. Muitos optaram por não responder (GRAFICO 3).

**Gráfico 3 - Grau de instrução**

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Quanto ao tempo que residem em Itaúna, mais da metade dos entrevistados (28,8%) já viviam na cidade há mais de 15 anos, o que revela que a maioria dos entrevistados apresenta familiaridade com a cidade (GRAFICO 4).

**Gráfico 4 - Tempo que reside em Itaúna**

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

### 3 A PERCEPÇÃO PAISAGÍSTICA DA CIDADE

Este item tem como objetivo identificar como o itaunense vê, de forma geral, a sua cidade, que fantasmas urbanos povoam o imaginário da cidade, e como estes interferem na imagem conformada pelos usuários do espaço urbano.

#### 3.1 Breve histórico de Itaúna

Dados históricos apontam que o povoamento da região onde hoje se localiza a cidade de Itaúna, iniciou-se no alvorecer do século XVIII, a partir da chegada de três portugueses: Tomás Teixeira, Manoel Neto de Melo e o sargento-mor Gabriel da Silva Pereira, que se tornaram donos de “datas”<sup>2</sup> de mineração no ribeirão das Lavrinhas, hoje córrego do Paiol, na região de Jacuba.<sup>3</sup> Gabriel da Silva Pereira, o verdadeiro fundador da cidade, abriu a primeira “picada”, a partir de Bonfim até Pitangui, ao longo do rio São João,<sup>4</sup> pela margem direita. Ao atravessarem para a margem esquerda na “passagem do Rio São João”, se iniciou uma povoação que viria a ser a cidade de Itaúna (NOGUEIRA, 2007).

Dono de um bom patrimônio e já estabelecido na região há anos, Gabriel construiu um oratório no alto do morro, a pedido de sua esposa. De família muito católica, a filha de João Lopes de Camargo, fundador de Ouro Preto, exigia morar em um local onde pudesse cumprir seus deveres religiosos (NOGUEIRA, 2007).

Por volta de 1750, na “passagem do Rio São João” já havia uns cem moradores entre portugueses, seus descendentes e escravos. Manoel Pinto de Madureira, que ali residia, requereu, a pedido dos demais moradores, ao primeiro bispo de Minas Gerais, Dom Frei Manoel da Cruz, uma provisão para construir uma capela<sup>5</sup> nos terrenos de sua propriedade. O despacho exigia que

<sup>2</sup>DATAS: o mesmo que dada, o que se dá; pequena extensão de terra, à beira dos rios e ribeirões auríferos, que o guarda-mor distribuía àqueles que vinham explorar a região (BARBOSA, 1995).

<sup>3</sup>Jacuba: área rural localiza entre Itaúna e Itatiaiuçu a aproximadamente 15 km da cidade de Itaúna (MATOS, 2012).

<sup>4</sup>A sub-bacia do Rio São João faz parte da Bacia do Rio Pará, localizada na Bacia do Alto São Francisco, com área de 1500 Km<sup>2</sup>. O Rio São João nasce no campo dos Gentios, no município de Itaguara e abastece 11 municípios mineiros (Itaguara, Itatiaiuçu, Carmo do Cajurú, Itaúna, Mateus Leme, São Gonçalo do Pará, Igaratinga, Conceição do Pará, Pará de Minas, Onça do Pitangui e Pitangui), desaguando no Rio Pará em Velho da Taipa, município de Pitangui (MATOS, 2012).

<sup>5</sup>“CAPELA: Pequena igreja de um altar só; santuário; ermida” (FERREIRA, 1995, p. 125). No mesmo sentido: “Templo de caráter público sendo que, para sua construção, devia ser requerida licença ao bispo que exigia, antes de conceder a doação de um patrimônio, que era constituído de uma porção maior ou menor de terras doadas ao santo ou à santa de devoção do doador. Lavrada a escritura de doação do patrimônio, era concedida licença para

a capela fosse construída no mesmo lugar onde se encontrava o oratório (NOGUEIRA, 2007).

Em 1765 a obra da capela foi concluída, tendo como padroeira a Senhora de Santana (FIGURA 7). A partir de então, a comunidade ficou conhecida como “povoação nova de Santana do São João Acima” (NOGUEIRA, 2007).

**Figura 7 - Igreja do Rosário no ano de 1948**



Fonte: Acervo Prefeitura Mun. de Itaúna, 2015.

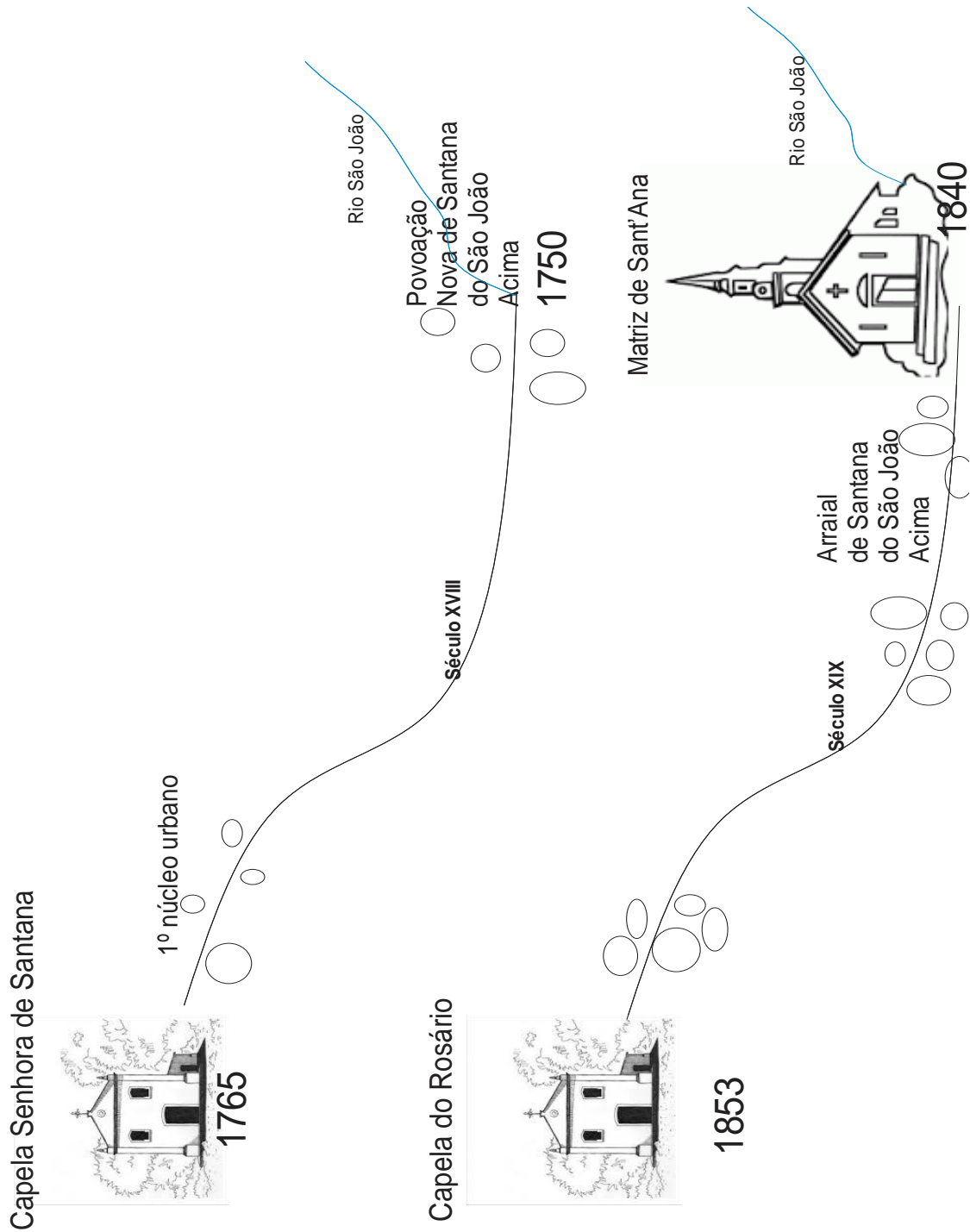
Por volta de 1840, com o trabalho dos negros nas horas de folga, foi concluída a construção de outra capela na parte baixa da cidade, tendo como padroeira Santana, conforme demonstrado na Figura 8.

---

construção da capela. Ao redor da capela, dentro desse patrimônio, formava-se um pequeno povoado, origem da maioria das cidades mineiras. Por essa capela passava, periodicamente, um padre para administrar os sacramentos” (BARBOSA, 1995, p. 48).



**Figura 8 – Esquema de formação do núcleo urbano  
(Sua relação com as edificações religiosas)**



Fonte: Elaborado pela Autora, 2015.

O arcaico e poeirento arraial<sup>6</sup> de Sant'Ana de São João Acima, com suas "vendas" e armazéns instalados no vale do Rio São João, se desenvolvia ao longo do século XVIII estimulado pela rota dos bandeirantes paulistas, tropeiros, aventureiros de todas as partes, além dos "buscadores" do ouro do Itatiaiuçu, nos ribeirões afluentes do rio São João (NOGUEIRA, 2007).

João Dornas Filho, historiador com a maior contribuição para a historiografia da cidade, afirma:

Lugar de escassa tradição na história do nosso Estado na época em que as minas de Vila Rica, Ribeirão do Carmo e Sabarabuçu enchiam a imaginação e os alforjes dos intrépidos paulistas, Santana dormitava sossegadamente, lavrando a terra e criando o gado nas margens do pobre e escachoante São João, que ainda hoje carrega nas suas águas o nosso minguaço aluviado aurífero para as venturosas paragens do Pitangui (DORNAS FILHO, 1936, p. 7).

Ainda comentando o que chamou de descobrimento do município, o mesmo autor afirma que:

Naquele tempo em que a descoberta do ouro era a preocupação dominante dos paulistas, lugar que o não escondesse nas suas entranhas, não merecia a atenção dos bandeirantes. E esse era o caso de Santana, que humilde e ignorada, plantava e criava para o sustento dos mineradores vorazes (DORNAS FILHO, 1936, p. 7).

Santana de São João Acima foi sempre pouso de tropas, cruzamentos de caminhos, que vinham do Rio de Janeiro rumo ao Sertão e vice-versa, trazendo sal, armarinhos e tecidos, tornando-se basicamente um ponto para abrigar tropeiros. O pequeno arraial quase que se resumia à Rua Direita (NOGUEIRA, 2007), conforme a Figura 9.

---

<sup>6</sup> "Arraial: acampamentos que iam sendo formados pelos descobridores do território" (COSTA, 1970). "Pequeno povoado. Feira de bois ao longo da rota dos currais na fase de expansão e penetração pecuária pelos sertões. De modo geral, vilarejos primitivos que foram se formando e fixando no decurso do processo colonizador" (SILVA, 1994, p. 72).

**Figura 9 - Vista do Arraial de Sant'Ana (data desconhecida)  
(Antigas residências da Rua Direita, atual Av. Getúlio Vargas)**



Fonte: Acervo da Prefeitura Mun. de Itaúna, 2015.

O arraial de Santana, antes da chegada portuguesa, abrigava tribos indígenas. Porém, Itaúna teve uma colonização tipicamente portuguesa, com fortes influências africanas (escravos), francesas e italianas (imigrantes) (NOGUEIRA, 2007).

A lavoura e o pastoreio, somados à boa água do rio São João, garantiram, por décadas a fio os alimentos essenciais aos primeiros povoadores. A cidade de Itaúna, em seus primórdios, era grande centro de agricultura e pecuária, que abastecia as zonas de mineração à época das Bandeiras (NOGUEIRA, 2007).

Após o Ciclo do Ouro, da região de Bonfim, vieram, em meados do século XIX, os cinco Sousa Moreira. Dos Sousa Moreira e dos Gonçalves Cançado nasceram os Gonçalves de Sousa, que seriam os responsáveis pela implantação da indústria têxtil em Itaúna. Teve início na localidade um surto de progresso industrial, desde a instalação, em 1891, da Companhia de Tecidos Santanense, seguida pela Companhia Industrial Itaunense, em 1913 e, mais tarde, diversos outros estabelecimentos industriais (NOGUEIRA, 2007).

Conti (2012) aponta a relação da indústria com o crescimento da cidade, uma vez que a Companhia de Tecidos Santanense “foi um empreendimento particular que criou uma zona

urbana com um forte grau de autonomia do centro da cidade, aplicando uma proposta urbana de tipo fordista, com o controle da mão de obra por parte da empresa em todos os momentos, dentro e fora dela” (CONTI, 2012, p. 59).

### **3.1.1 O sítio e a evolução morfológica urbana**

Percebe-se claramente pelos relatos históricos da cidade, que seu processo de formação apresenta um vínculo entre a manifestação religiosa e os aspectos do sítio e sua morfologia.

Para Conti (2012) o primeiro núcleo urbano de Itaúna coincide com o Morro do Rosário, local que acolheu a primeira edificação religiosa, antiga capela de Santana, ou seja, “o povoado de Santana de São João Acima surgiu ao redor da capela de Santana, aglutinando os agricultores pecuaristas e os poucos mineiros espalhados por toda a região” (CONTI, 2012, p. 45). Ou seja, “a capela construída na cumeeira da Colina do Rosário possuía ao seu redor seis casas e mais abaixo o arraial, em local mais propício ao desenvolvimento devido à proximidade com o Rio São João. Seu progresso aconteceu sem grandes sobressaltos, com a população exercendo suas atividades agropecuárias e a decadente mineração” (CONTI, 2012, p. 45).

O mesmo autor aponta que a ocupação originária deu-se:

[...] nessa porção do morro com a implantação das ruas a partir das condicionantes topográficas e hidrográficas. A conformação privilegiou ruas de meia encosta afastadas, do lado oeste do córrego Sumidouro, ou Prainha, e do lado leste do Rio São João, o necessário para proteger as edificações lindeiras das enchentes e das consequências associadas à insalubridade devido à presença de água (CONTI, 2012, p. 47).

Para Conti (2012), no entanto, foi a antiga Rua Direita, atual Getúlio Vargas, que estruturou o traçado urbano de Itaúna. As outras ruas existentes serviram como ruas de conexão com as ruas de meia encosta mencionadas, de maneira que se encontra, no centro, um traçado que adquiriu a forma de uma malha ortogonal, que se deforma para se adequar às especificidades geomorfológicas do relevo local.

O início da ocupação pelo Morro do Rosário é explicada por Conti (2012):

[...] a presença de um morro com uma altimetria inferior àquela dos morros em volta, com uma forma oblonga, com a dimensão principal seguindo a direção norte-sul. O morro é composto por duas porções, uma porção sul, comprometida em termos de insolação, e na

qual se encontra um conjunto de acidentes topográficos, como pequenos morros e pequenos vales, que não favorecem a ocupação, e uma porção norte, mais favorável à ocupação [...] (CONTI, 2012, p. 47).

Os aspectos que favorecem a ocupação do entorno do morro do Rosário no sentido Norte-Sul, segundo Conti (2012) são:

1. Apresentar uma orientação que propicia uma insolação uniforme ao longo de todo o dia e ao longo do ano todo; 2. Possuir duas vertentes uniformes, tanto a leste quanto a oeste, e declividades na faixa de 10%, sem acidentes topográficos impeditivos da ocupação, mas, ao contrário, com a presença de um terraço onde se localiza a praça principal e, portanto, com declividades ainda menores que facilitaram a ocupação; 3. Existir um divisor de águas (atual Avenida Silva Jardim) que, partindo do topo do maior morro (Morro do Rosário), dividia as vertentes, prolongando-se na direção norte e diluindo-se, após um breve trecho de declividades na faixa de 15%, no terraço, para reaparecer e terminar próximo à calha fluvial do Rio São João, induzindo este último a mudar seu curso de norte para oeste. Outro elemento não desprezível é a proximidade da porção norte do morro com um carrefour natural, no qual cruzavam e ainda cruzam importantes percursos: em direção sul, abria-se o caminho para o Estado de São Paulo; ao longo do curso do Rio São João, em direção oeste, podia-se marchar para o centro do Brasil; [...]O topo do morro desempenhava também um papel estratégico, pois permitia a observação e, de fato, o controle do carrefour. Não surpreende, portanto, a informação de que a primeira edificação com valor simbólico-religioso foi construída ocupando esse local (CONTI, 2012, p. 47).

As fotos a seguir mostram, com clareza, a diferença entre a configuração do entorno da Igreja do Rosário, na década de 1930/40 e a configuração atual (FIGURAS 10 e 11).

**Figura 10 - Vista do Alto do Morro do Rosário  
(Destaque para a Igreja e seu entorno - década 1930/40)**



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Itaúna, 2014.

**Figura 11 - Vista atual do Alto do Morro do Rosário  
(Destaque para a Igreja e seu entorno)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

O centro atual de Itaúna é configurado pelos elementos do relevo e as transformações nas infraestruturas viárias que foram se sucedendo ao longo do tempo, mas ainda é fortemente marcado pelas infraestruturas arquitetônicas fabris: “as chaminés são, juntamente com os telhados dos galpões, os elementos mais marcantes, constituindo uma referência na paisagem, que está ao par das edificações religiosas, como a matriz ou as igrejas dos bairros pericentrais” (CONTI, 2012, p. 82) (FIGURA 12).

**Figura 12 - Vista do Galpão da Fábrica Cia. Tecidos Itaunense (Década de 1940)**



Fonte: Acervo da Prefeitura Mun. de Itaúna, 2015.

No entanto, o relevo ainda é um grande conformador paisagístico, pela sua presença marcante nas porções norte, leste e sul da cidade. Conti (2012) ressalta um contraponto a esse relevo mais acidentado, pela “presença de morros com uma conformação mais suave, o que acabou se constituindo como um dos fatores que contribuíram, nas últimas décadas, para a expansão da mancha urbana nessa direção” (CONTI, 2012, p. 81).

Conti (2012) relaciona ainda a paisagem com o relevo, apontando que o Centro da cidade, teve sua conformação baseada na presença dos morros, pois:

A presença dos morros é um elemento importante que tem repercussões na paisagem, tanto na sua conformação geral quanto na transformação e conformação da paisagem, influenciando o tipo de ocupação. Na maior parte da cidade a estrutura fundiária caracteriza-se por lotes com dimensões padrão muito em razão da declividade existente, que faz com que seja necessário dimensionar a ocupação (lotes e quadras) de maneira a minimizar os efeitos desconfortáveis da declividade na movimentação e no transporte de pessoas e coisas. A estratégia utilizada foi a otimização do espaço e dos percursos, e o centro, pela sua conformação tida ao longo dos séculos, é, nesse sentido, o exemplo mais esclarecedor (CONTI, 2012, p. 82).

A conformação da paisagem itaunense é formada por dois tempos:

[...] um tempo lento, que se relaciona ao crescimento natural da cidade, especialmente para suas partes mais antigas, e, para aquelas mais recentes, correspondentes a algumas partes da periferia, que está ligado muito mais às decisões de planejamento e construção individuais e um tempo rápido, no qual o crescimento da cidade se dá por agregação, soma de novas partes, fruto das decisões do poder público e do capital privado, este último entendido em termos de mercado imobiliário (CONTI, 2012, p. 86).

É desse tempo rápido, especialmente, que se propôs investigar neste trabalho, avaliando-se a percepção de sua passagem pelo olhar dos diversos atores que constroem a cidade. Os resultados dessa investigação serão apresentados nos próximos itens e capítulos.

### **3.2 Como Itaúna é percebida hoje**

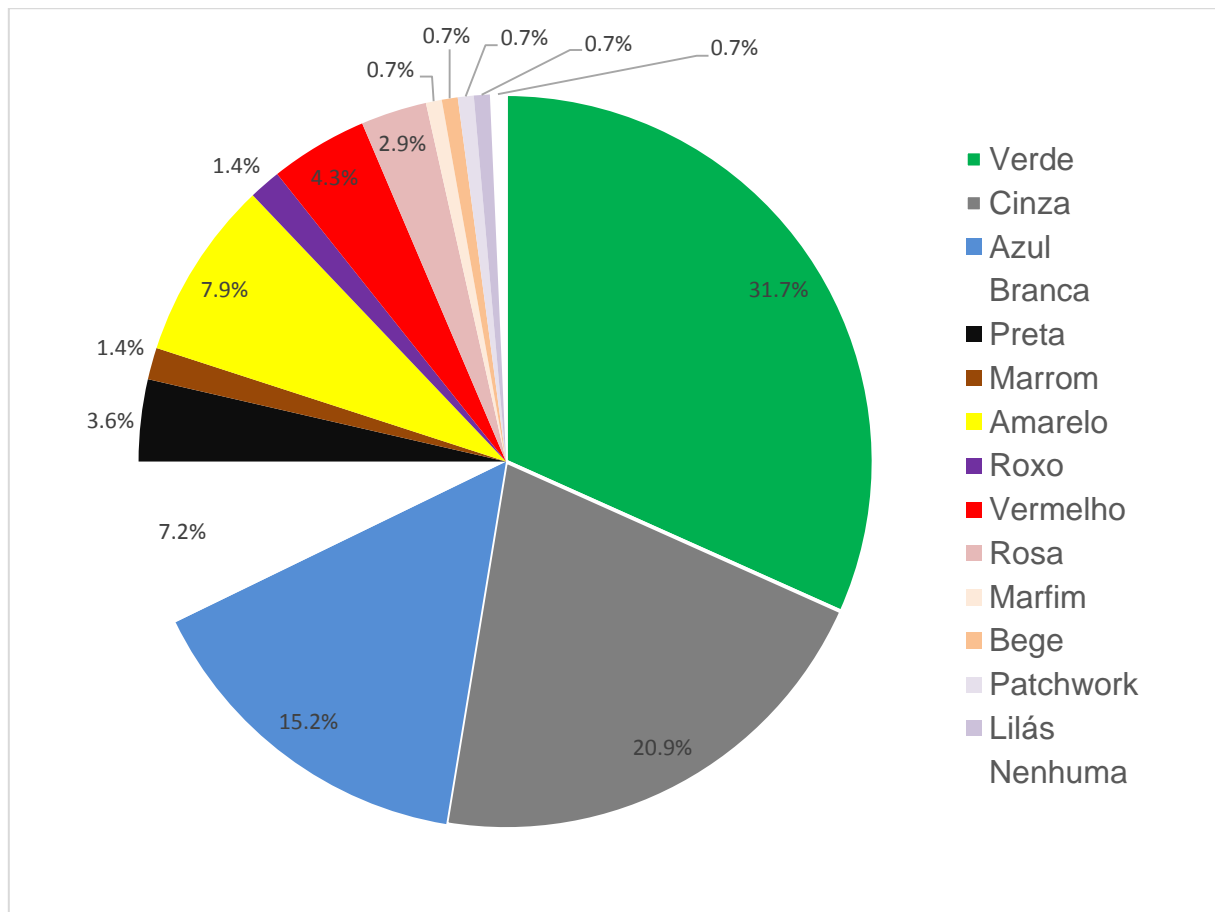
Como se verá em seguida, as três questões propostas aos entrevistados, que se encontram inseridas no corpo do questionário (APÊNDICE A), foram formuladas com o objetivo de estimulá-los “a descrever campos imaginários sobre a sua cidade, incluindo fronteiras fantasiosas para captar as projeções sociais” (SILVA, 2011, p. 47). As três questões foram:

- *Questão 08): Se lhe pedir para você atribuir uma cor à Itaúna, qual seria?*
- *Questão 09): Se você tivesse que escolher um lugar para representar Itaúna, como o Cristo Redentor para o Rio de Janeiro ou o Masp para São Paulo, qual seria?*
- *Questão 10): Para você, qual o local mais belo/agradável da cidade?*



Para responder a estas perguntas, principalmente no caso da questão em que o entrevistado era solicitado a atribuir uma cor à cidade, a maioria apresentou grandes dificuldades. Alguns até interpretaram a questão em função das cores definidas na bandeira da cidade. Porém eram direcionados a atribuir uma cor ao contexto da cidade, ou seja, uma cor que traduzisse Itaúna, em todos os aspectos, lazer, qualidade de vida, ambiências; enfim, traduzir o que cidade significa para eles em cores. No resultado final, obtiveram-se 14 cores diferentes, e em primeiro lugar ficou a cor verde com 31,7%, uma cor vibrante e forte. Em segundo lugar, de forma antagônica, ficou a cor cinza com 20,9%, uma cor opaca, triste e que reflete uma cidade sombria, sem vida ou estímulos (GRAFICO 5).

**Gráfico 5 - A cor eleita para representar Itaúna**



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

A preferência pela cor verde, não foi por acaso. Resulta da associação do verde com a natureza e a ideia de paraíso, ou seja, o persistente motivo edênico já relatado por Sérgio Buarque de Holanda em *Visões do Paraíso* (2010). Para este autor, a colonização sulamericana, e em especial a brasileira, baseou-se nesse mito, segundo o qual o paraíso estaria situado em algum lugar das novas terras descobertas. Isto, de certa maneira, justificava a destruição da natureza pelos colonizadores, para retirada das riquezas e sua deportação para a metrópole. O paraíso, dado por Deus e algo merecedor de preservação, não seria uma construção humana (HOLANDA, 2010). Enquanto este paraíso não era encontrado, todo o resto poderia ser então devastado, como demonstra o pensamento de Nicolau Sevcenko (1996):

Da mata verde surgem as feras, da mata verde surgem os insetos, da mata verde surgem os índios e todo o perigo. E se eles estão ali para conquistar alguma coisa, só podem ver o que há para conquistar se a mata sair da frente. Portanto a melhor paisagem de quem está no ponto de vista do colonizador [...] é a paisagem ausente, é a eliminação completa daquele verde. Porque o verde é o perigo, a possibilidade iminente de sua extinção física. Nessa direção é que se constrói a lógica da ocupação predatória da terra e é assim que se desenvolve a sensibilidade nativa com relação à natureza (SEVCENKO, 1996, p. 111).

José Murilo de Carvalho (1998), com base na pesquisa realizada pela Revista *Veja* e pelo IBOPE, a respeito da permanência do motivo edênico no imaginário brasileiro, demonstra que ele ainda é muito forte no imaginário das pessoas. Como demonstrou, igualmente, a opção pelo verde o itaunense. Ainda, segundo o autor, qualquer pessoa questionada sobre o que mais lhe causava orgulho em ser brasileiro, respondia: “a natureza” (CARVALHO, 1998).

Para Carvalho (1998, p. 1), “o motivo edênico habita a imaginação nacional desde os primórdios da presença européia. A visão do país como natureza cristalizou-se definitivamente [...]”.

O verde é, portanto, um “fantasma urbano” nacional, seres invisíveis que falam com as pessoas, que se deixam ver, que aparecem e vão embora, segundo Silva (2014, p. 48): “O fantasma morador de casas velhas não se encontra distante das metáforas criadas para falar do inconsciente, como sótão da casa, este lugar escuro e velho onde depositamos terríveis ou estranhas verdades que, como seres conscientes, não conhecemos”.

A prevalência do verde no imaginário do itaunense está ligada à ideia de “dom de Deus”, algo que não nos é dado pelo trabalho, reforçando a atualidade do pensamento de Holanda

(2010):

Enquanto no Velho Mundo a natureza avaramente regateava suas dádivas, repartindo-as por estações e só beneficiando os previdentes, os diligentes, os pacientes, no paraíso americano ela se entregava de imediato em sua plenitude, sem a dura necessidade – sinal de imperfeição – e de ter de apelar para o trabalho dos homens. Como nos primeiros dias da Criação, tudo aqui era dom de Deus, não era obra do arador, do ceifador ou do moleiro (HOLANDA, 2010, p. 13).

A fixação pelo verde manifestada pelo itaunense também revela um caráter conservador e religioso destes cidadãos, como fica claro mais à frente na avaliação das outras respostas.

A escolha do verde e cinza em primeiro e segundo lugares, para o itaunense, revela, a relação de constante conflito com a sua própria cidade. Ao mesmo tempo em que reconhece na verticalização um sinal de “desenvolvimento e progresso”, tal cidadão tem um sentimento nostálgico de uma cidade que deve conservar o meio ambiente e deixa claro também, a insatisfação com a falta de mais praças e parques urbanos. A escolha por essas duas cores antagônicas reafirma o pensamento de Armando Silva, que “[...] se na segmentação social do espaço de uma cidade os habitantes localizam uma cor como a cor da cidade, essa cor por força dos fatos não pode ser um simples dado empírico, já que a cor de uma cidade possui um grande espaço de formação imaginária [...]” (SILVA, 2011, p. 35).

A cor cinza (20,9%), para o itaunense, está diretamente ligada ao adensamento urbano, à verticalização acentuada no centro da cidade, com a construção de edifícios que priorizam ao máximo o aproveitamento do terreno. Vários destes entrevistados se referiam à cidade de Itaúna como uma selva de pedra, onde o verde havia desaparecido quase que por completo da paisagem urbana.

A terceira cor escolhida pelo itaunense foi o azul (15,2%). Muitos que escolheram esta cor relacionam a escolha à história da aparição de Nossa Senhora na cidade (azul é a cor de seu manto). Essa aparição configura-se como um fantasma urbano itaunense, pois está fortemente presente no imaginário coletivo.

O verde foi a cor preferida pelos entrevistados de todos os níveis de instrução, sendo liderada pelos que possuem Ensino Fundamental, com 43,8%, e seguido pelos que possuem Ensino Superior, com 32,4%, o que mostra que o grau de escolaridade não interferiu nas respostas. O mito edênico é dominante em todos os níveis de escolaridade, conforme

demonstrado na Tabela 01.

**Tabela 1 - Relação grau de Instrução x cor da cidade**

COR DA CIDADE	FUNDAMENTAL	MÉDIO	SUPERIOR
Verde	43,8%	28,9%	32,4%
Cinza	18,8%	22,4%	24,3%
Amarelo	12,5%	6,6%	8,1%
Branco	6,25%	5,26%	8,1%
Azul	0%	18,4%	2,7%
Vermelha	6,25%	5,3%	5,4%
Marrom	0%	1,3%	2,7%
Rosa	0%	5,3%	0%
Preto	6,25%	2,6%	5,4%
Roxo	0%	1,3%	0%
Lilás	0%	1,3%	0%
Bege	6,25%	0%	0%
Nenhuma	0%	1,3%	0%

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Buscou-se relacionar, também, a renda com a cor eleita e entre as faixas analisadas, de um salário mínimo, de um a três salários, e de três a seis salários, a preferência continuou pela cor verde; outro dado que mostra que, também neste caso, o imaginário do mito edênico também independe de posição social, conforme a Tabela 02.

**Tabela 2 - Renda x cor da cidade**

COR DA CIDADE	ATÉ 01 SALÁRIO	1 A 3 SALÁRIOS	3 A 6 SALÁRIOS
Verde	29,6%	27,9%	34,6%
Cinza	18,5%	20,6%	23,7%
Amarelo	3,7%	8,8%	15,3%
Branco	7,4%	7,4%	11,5%
Azul	11,1%	19,11%	11,5%
Vermelha	3,7%	5,9%	0%
Marrom	3,7%	0%	0%
Rosa	7,4%	2,9%	0%
Preto	14,8%	0%	0%
Roxo	2,9%	0%	0%
Lilás	0%	1,5%	0%
Beje	0%	1,5%	0%
Nenhuma	0%	1,5%	0%

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

A cor definida por gênero também foi a verde, ou seja, homens e mulheres a elegeram para representar Itaúna. Este dado aponta que não existe no contexto de Itaúna uma cor feminina

ou masculina. Comparando gênero e a cor de preferência, observa-se que as mulheres (26%) acham Itaúna mais cinza do que os homens (15,5%), conforme demonstrado na Tabela 03.

**Tabela 3 - Gênero x cor da cidade**

COR DA CIDADE	MASCULINO	FEMININO
Verde	32,4%	28,9%
Cinza	15,5%	26%
Amarelo	5,6%	10,1%
Branco	8,4%	5,8%
Azul	18,3%	11,6%
Vermelha	5,6%	4,3%
Marrom	1,4%	1,4%
Rosa	0%	5,8%
Preto	2,8%	4,3%
Roxo	2,8%	0%
Lilás	1,4%	0%
Beje	2,8%	0%
Nenhuma	0%	1,4%

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Na pergunta 09, “*Se você tivesse que escolher um lugar para representar Itaúna, como o Cristo Redentor para o Rio de Janeiro ou o Masp para São Paulo, qual seria?*”, o morador era estimulado a eleger um local para representar a cidade. Esta questão teve a intenção direta de levar o entrevistado a uma reflexão dos locais significativos e os valores que compõem a imagem-síntese da sua cidade.

A imagem-síntese constrói imaginários a partir da experiência com a história de um local, vinculada diretamente com a nossa imaginação. Para Ana Clara Torres Ribeiro (1996), a nossa própria imaginação pode ser definida como:

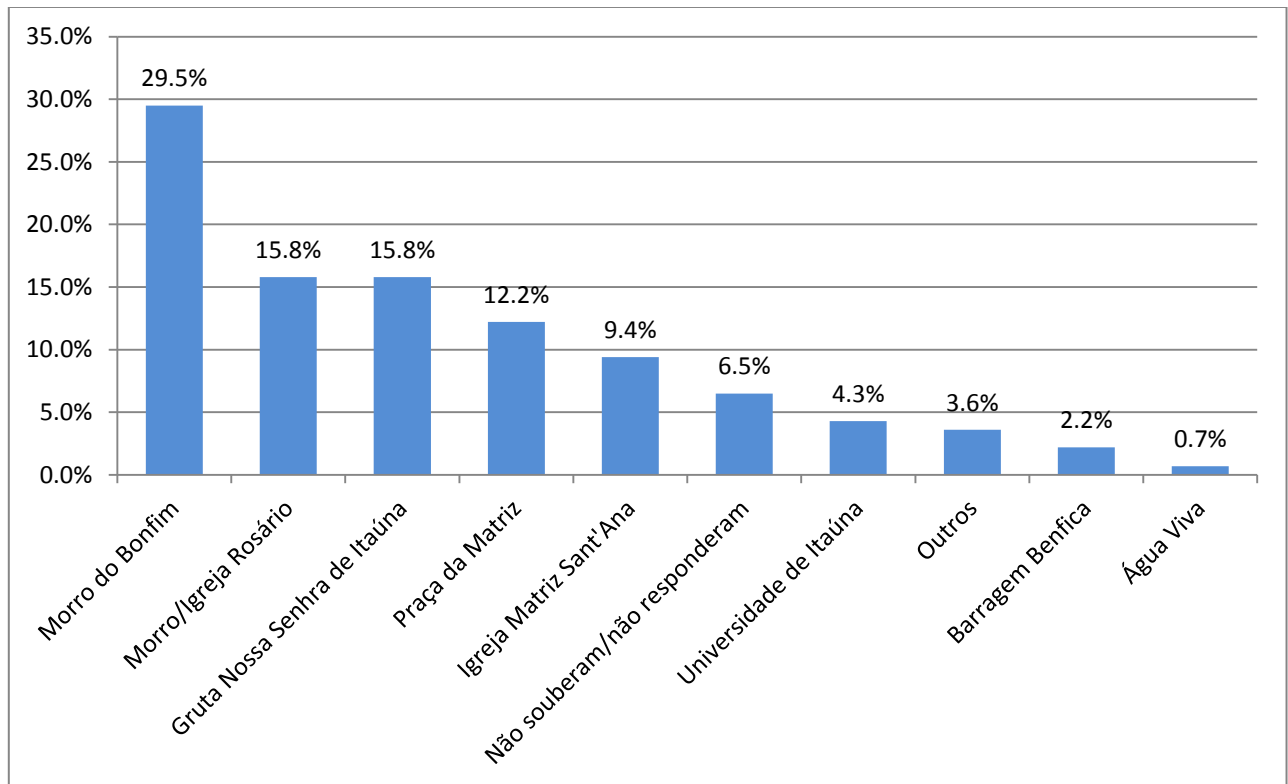
[...] imagens heterogêneas [...], representações não lineares da vida coletiva, memórias diversas, bagagens analíticas, informações soltas e, por vezes, fragmentárias. Imaginação, aliás, que não apenas a nós pertence, já que construída a partir de orientações identitárias cujas matrizes históricas e culturais são extensamente compartilhadas na sociedade brasileira (RIBEIRO, 1996, p. 55).

A imagem-síntese, ideologicamente construída e manipulada, fortalece determinados imaginários. Para Ribeiro (1996, p. 55): “[...] o imaginário construído junto à expansão da urbanização brasileira, também se constituiria como matéria prima de variadas práticas institucionais e discursos que elaborariam a ideação da vida urbana, sobretudo daquela vida que se desenvolve nos espaços metropolitanos do país”.

De uma forma geral, a imagem-síntese para Ana Clara Torres Ribeiro, se refere aos: “acúmulos de vivência e de práticas profundamente desiguais que se articulam em representações da vida metropolitana, por vezes também bastante homogêneas, ou melhor, homogeneizadoras do imaginário social. Verdade e mitificação participariam, concretamente, de sínteses culturais (imagens-síntese) da vida coletiva” (RIBEIRO, 1996, p. 56).

Dos vários locais eleitos pelos moradores, o morro do Bonfim, um dos pontos mais altos da cidade, ficou em primeiro lugar com 29,5% e em segundo lugar, empatados, o Morro do Rosário (15,8%), local onde se deu o início da cidade, e a Gruta Nossa Senhora de Itaúna (15,8%), marcada pela dita aparição de Nossa Senhora em 1956. Seguidos destes, vêm a Praça da Matriz (12,2%), a Igreja Matriz de Sant’Ana (9,4%), Universidade de Itaúna (4,3%), Barragem do Benfica (2,2%), a Fonte de Água Mineral, Água Viva (0,7%), outros (3,6%) e os que não souberam, atingiu 6,5% (GRAFICO 06).

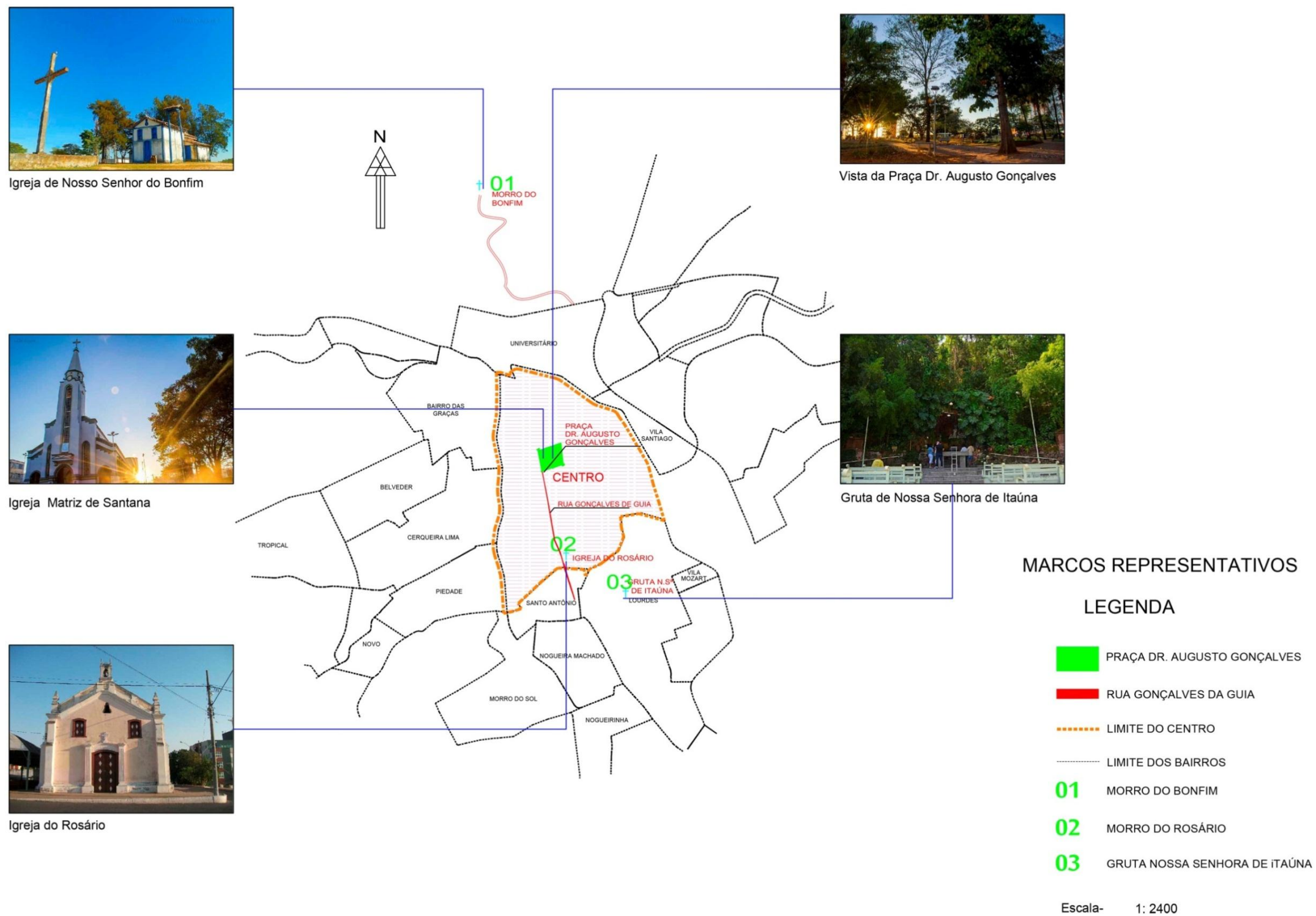
**Gráfico 6 - Local que representa Itaúna**



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

O Mapa 3 destaca os três primeiros locais eleitos pelo itaunense para representar Itaúna, e demonstra sua relação com a área em estudo, o Centro da cidade.

Mapa 3 - Localização dos 3 primeiros locais eleitos para representar Itaúna



Fonte: Elaborado pela Autora com base em dados da Prefeitura Mun. de Itaúna, 2015.



Os principais marcos escolhidos apontam para a prevalência das crenças religiosas associadas a lugares elevados e “verdes”. Uma das imagens-síntese de Itaúna, para os moradores, pode ser a de *cidade abençoada* como se viu pelas definições dadas (verde pela proteção de Deus e azul pelo manto de Nossa Senhora) e *progressista* (cinza). Seus habitantes não procuram construir uma relação ideal entre expansão urbana e preservação ambiental e das tradições, pois a preservação ambiental seria dom de Deus e a expansão urbana, sinal de progresso.

O primeiro lugar escolhido, o Morro do Bonfim, além de ligado à escolha mística e religiosa, está diretamente relacionado também a duas questões fundamentais para a paisagem, como visto no Capítulo 1. A primeira diz respeito à vista do alto, onde a maioria daqueles que elegeram este local, relatavam que subiam o Morro do Bonfim, o monte mais alto da cidade (cerca de 1.000m de altitude), por simplesmente subir, por mera curiosidade em constatar os relatos de quem já o havia subido. Mas, quando chegavam lá, ficavam maravilhados com a vista que aquele topo apresentava da cidade. Ao mesmo tempo, perguntavam onde estava esta beleza que lá de baixo não conseguiam ver? Tal situação se identifica com o texto “Petarca é o culpado”, de Vladimir Bartalani (2009), em que o autor afirma que “[...] Petarca subiu por subir, por mera curiosidade, simplesmente pelo desejo de ver um lugar reputado por sua altura” (BARTALANI, 2007, p. 2). A figura de Petarca, neste mesmo sentido, mostra com clareza que é preciso deslocar-se para se ter uma concepção de paisagem.

As Figuras 13 e 14 mostram visadas da cidade a partir do Morro do Bonfim. De lá, se pode ter uma boa compreensão das transformações paisagísticas por que passa a cidade, o que, de acordo com os moradores, não se pode perceber estando na parte baixa. A visão do alto, tão cara à paisagem nos seus primórdios, ainda é fundamental para se compreender os fenômenos urbanos. O corpo, inserido nas paisagens, também precisa do deslocamento para o alto para compreendê-la e percebê-la melhor. Precisa do desnível, como afirma Gordon Cullen (1983):

[...] uma descrição de nossas reações emotivas perante a posição que ocupamos num determinado espaço deverá, forçosamente incluir as questões dos níveis. De um modo geral, abaixo do nível médio do terreno, temos sensações de intimidade, inferioridade, encerramento ou claustrofobia, enquanto que acima desse nível podemos ser tomados de grande euforia, ou por sensações de domínio ou superioridade, ou ainda, sentimo-nos expostos ou com vertigens [...] subir implica ascender ao desconhecido (CULLEN, 1983, p. 40).

Na escolha dos moradores também persiste a ideia da paisagem nascida em seus primórdios, na pintura do ‘Quatrocento’, no norte da Europa, que retratava e valorizava os aspectos naturais e bucólicos. Esta forma de se ver e pensar a paisagem ainda é muito presente no imaginário do brasileiro.

**Figura 13 - Vista do centro da cidade de Itaúna a partir do Morro do Bonfim**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

**Figura 14 - Morro do Bonfim com visada a partir da Praça da Matriz**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Com relação ao Morro do Bonfim, outro aspecto relevante é a presença da Capela do Senhor do Bonfim, dotada de valor histórico, religioso e arquitetônico, com construção datada de 1853. Esse morro é local de peregrinação religiosa da população. A capela foi construída em estilo arquitetônico jesuítico simples (estilo colonial) (RODRIGUES, 2015) (FIGURA 15).

**Figura 15 - Capela do Morro do Bonfim antes do incêndio (2013)**



Fonte: Adilson Nogueira, 2015.

Recentemente, a Capela foi vítima de um incêndio criminoso, em outubro do ano de 2014 (RODRIGUES, 2015). Esse incêndio destruiu quase toda sua estrutura. No morro onde fica a Capela encontra-se, atualmente, um aglomerado de torres de transmissão descaracterizando a paisagem em torno dela.

Sem dúvida, a Capela de Nosso Senhor do Bonfim era portadora de valiosas referências à identidade e à memória dos itaunenses. Tombada como patrimônio histórico em 02 de outubro de 2006, por tal razão é alvo de forte apelo às autoridades locais, para que sejam tomadas providências rápidas e eficientes, referentes à sua restauração (RODRIGUES, 2015) (FIGURAS 16 e 17).

**Figura 16 - Capela do Morro do Bonfim  
(após incêndio criminoso em 2014)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

**Figura 17 - Capela do Morro do Bonfim  
(após incêndio criminoso em 2014)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Em segundo lugar na preferência dos itaunenses, também está uma paisagem vista do alto, de sobrevôo, onde, no imaginário deles, ainda se preserva uma ideia idílica da paisagem, o Morro do Rosário. Nele se encontra localizada a Igreja do Rosário (FIGURA 18). Esta ideia reforça a importância que a morfologia dos sítios tem para a legibilidade dos moradores sobre suas cidades (FIGURA 19).

**Figura 18 - Igreja do Rosário (ano 2015)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

**Figura 19 - Vista do centro a partir do Morro do Rosário**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Em terceiro lugar está a Gruta de Nossa Senhora de Itaúna, que denota a importância da fé e da religiosidade para a população. Seus símbolos, ainda hoje, instalam-se como fantasmas urbanos. Para Armando Silva (2014, p. 51), o fantasma urbano significa “a incidência do imaginário sobre as representações sociais. Perceber um objeto não é apenas apreciá-lo como tal, em suas propriedades ontológicas, mas antes receber as diferentes cargas simbólicas que o representam [...]”. Esse autor ainda relata que as imagens dão impressão de ter seu fantasma incluído, como ocorre com “a Giralda, o grande emblema urbano de Sevilha, cuja sombra parece cobrir e tomar toda cidade” (SILVA, 2014, p. 52). Com certeza, foram essas cargas simbólicas que povoaram a mente do grupo de entrevistados, que elegeu a Gruta de Nossa Senhora de Itaúna para representar Itaúna, uma vez que o local é marcado pela suposta aparição da referida Santa. Muitos apontam o lugar como o local onde ainda se encontra a paz.

A ideia de paz relatada pelo itaunense remete à intimidade que Cullen (1983, p.71), associa, “[...] vegetação exuberante, um recinto, um pequeno retângulo de céu [...]” para construir uma “[...] atmosfera de interioridade, íntima e cordial. É uma imagem transbordante de vitalidade e calor humano”.

Outro elemento existente na gruta fortalece a sua concepção como um *habitat* de fantasmas urbanos. Trata-se do altar existente ao fundo, com a imagem de Nossa Senhora, fazendo referência ao que Cullen (1983) denomina como *pavão branco* “um local à beira do Tamisa, que nos aparece como encantado. A folhagem densa é de um verde opaco [...] a pequena abertura ao fundo apenas conduz ao silêncio que paira sobre vozes que nunca mais se ouviram” (CULLEN, 1983, p. 70) (FIGURAS 20 e 21).

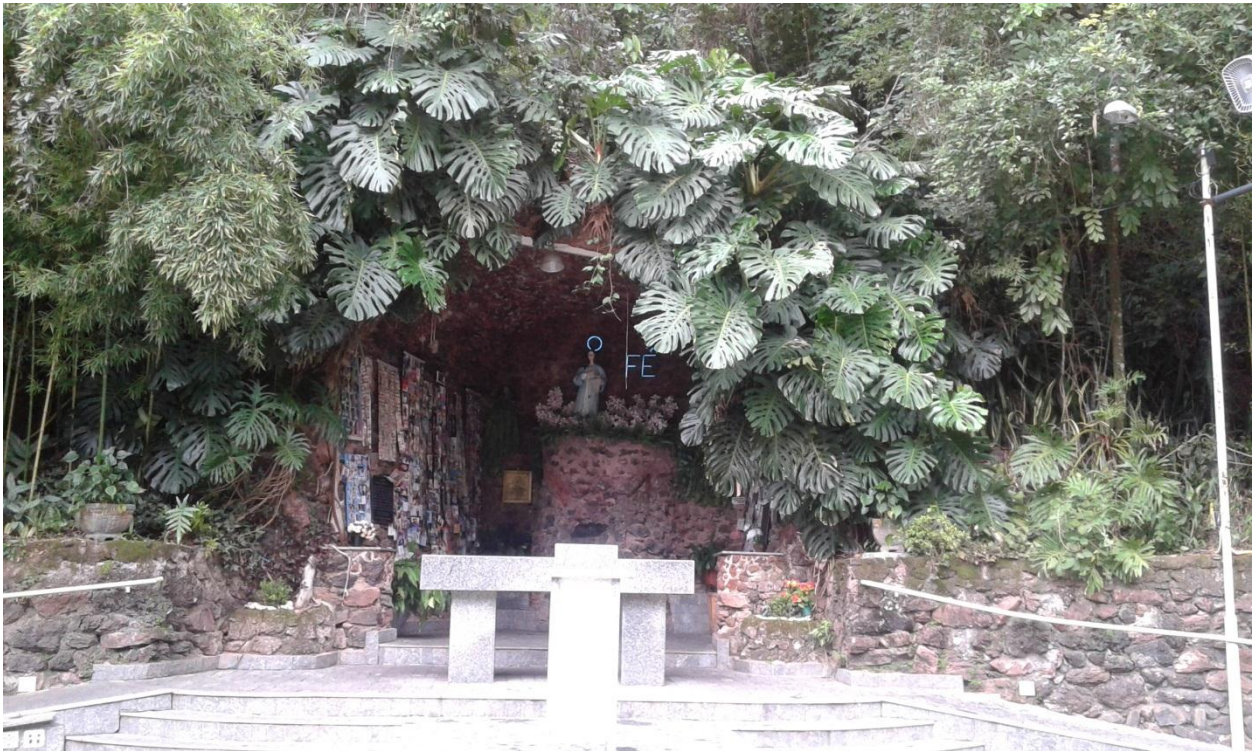
**Figura 20 - Fase inicial da Gruta de Nossa Senhora de Itaúna  
(Foto datada de julho de 1955)**



Fonte: Acervo Prefeitura Mun. de Itaúna, 2015.



**Figura 21 - Gruta Nossa Senhora de Itaúna com destaque para o altar**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Nos quarto e quinto lugares aparecem, respectivamente, a Praça da Matriz e a Igreja da Matriz. Tais locais serão abordados com detalhes no próximo capítulo. A praça, como dito anteriormente, engloba ao seu redor edificações que simbolizam a hierarquia política, econômica e religiosa da cidade, ou seja, abriga em seu entorno a Prefeitura, Fórum, agências bancárias e a Igreja Matriz de Sant’Ana.

A relação entre a escolha da Praça e os moradores da cidade de Itaúna configura o que Cullen (1983) define como recinto, pois a Praça torna-se “síntese da polaridade entre pés e pneus, i.e., entre a circulação de pessoas e veículos [...]” (CULLEN, 1983, p. 27).

Ao transitar pela Praça de um extremo ao outro, é possível, ao se transportar das vias de veículos para adentrar a Praça, perceber com clareza o que diferencia o estar dentro ou fora do recinto, ou seja, “fora dele o ruído, o ritmo apressado da comunicação impessoal, vai-vem que não se sabe para onde vai nem donde vem; no interior, o sossego e a tranquilidade de sentir que o largo, a praceta, ou o pátio tem escala humana” (CULLEN, 1983, p. 27) (FIGURA 22).

**Figura 22 - Praça Matriz de Sant’Ana**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Portanto, a igreja desenvolve, nesse contexto, a função de ser um ponto focal, mais especificamente neste caso, a torre da igreja, que associada ao recinto, torna-se seu ponto focal “o símbolo vertical da convergência. [...] o ponto focal define a situação, surge como uma confirmação” (CULLEN, 1983, p. 28) (FIGURA 23).

**Figura 23 - Igreja Matriz de Sant'Ana**



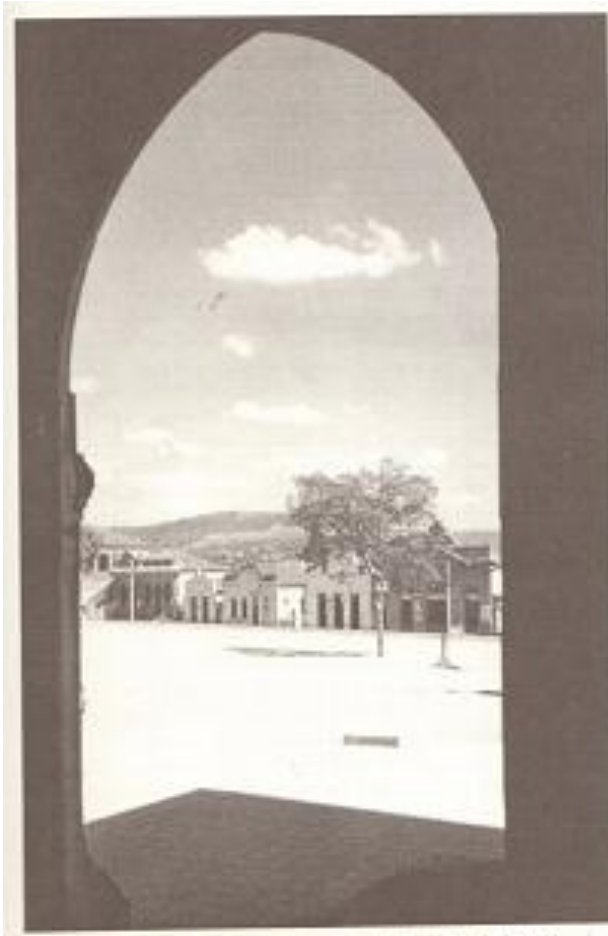
Fonte: Acervo da Autora, 2015.

As imagens apresentadas nas Figuras 24 e 25, a seguir, possibilitam a comparação do contexto do largo da Praça da Matriz, com visão a partir do lado de dentro da porta central da Igreja. A imagem da esquerda é datada da década de 1930 e a imagem da direita é atual, de 2015.

Essas imagens descrevem bem o conflito relatado até então. Na imagem da década de 1930, é possível avistar as edificações horizontais e ao fundo o horizonte, permitindo uma

integração entre o construído e o natural. Na imagem atual (2015), os edifícios se tornam barreira, não sendo possível de se perceber e nem diferenciar o que é natureza, diante da massa edificada que se formou no largo.

**Figura 24 - Praça Matriz de Sant'Ana  
(Largo da Praça Matriz - década de 1930)**



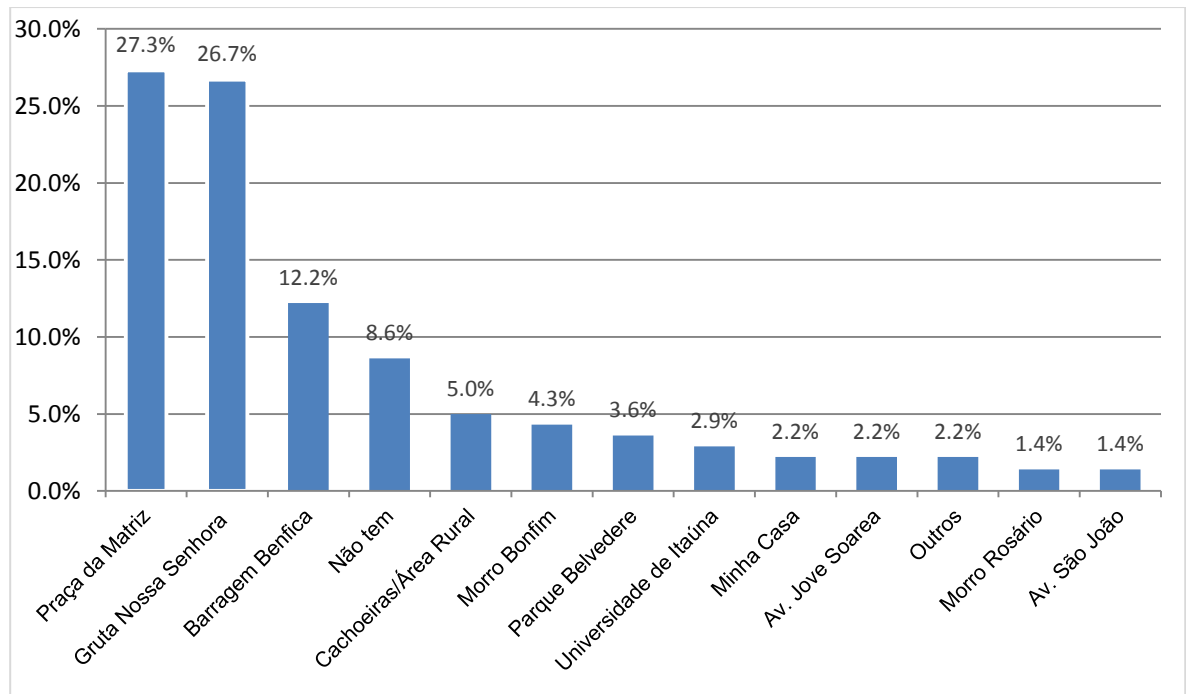
**Figura 25 - Praça Matriz de Sant'Ana  
(Largo da Praça Matriz - atual 2015)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Os entrevistados revelaram também as dificuldades que tiveram para escolher o local mais belo e agradável da cidade. Para 8,6% dos entrevistados, não existe este local na cidade. A maior parte respondia a esta questão com muita dificuldade. Talvez tenha sido esta a questão com a qual as pessoas ficavam mais pensativas e refletiam sobre o que significaria eleger um local para representar o belo e agradável na cidade de Itaúna (GRAFICO 7).

**Gráfico 7 - Local mais belo e agradável da cidade**



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Em primeiro lugar, com 27,3%, foi eleita a Praça da Matriz (FIGURA 26). O relato dos moradores ao descreverem sua preferência pela Praça, as sensações eram diversas. Porém, o que dominou a opinião da maioria foi o fato de ela abrigar a Matriz de Sant'Ana, local que apresenta uma significativa carga simbólica para a cidade, principalmente no que se refere ao contexto histórico. E também por causa da ambiência criada pelas árvores centenárias, existentes em todo o seu largo. Ou seja, é a experiência do corpo naquela Praça que termina por atribuir-lhe este estatuto especial, revelado nas respostas.

**Figura 26 - Vista aérea da Praça Matriz de Sant'Ana**

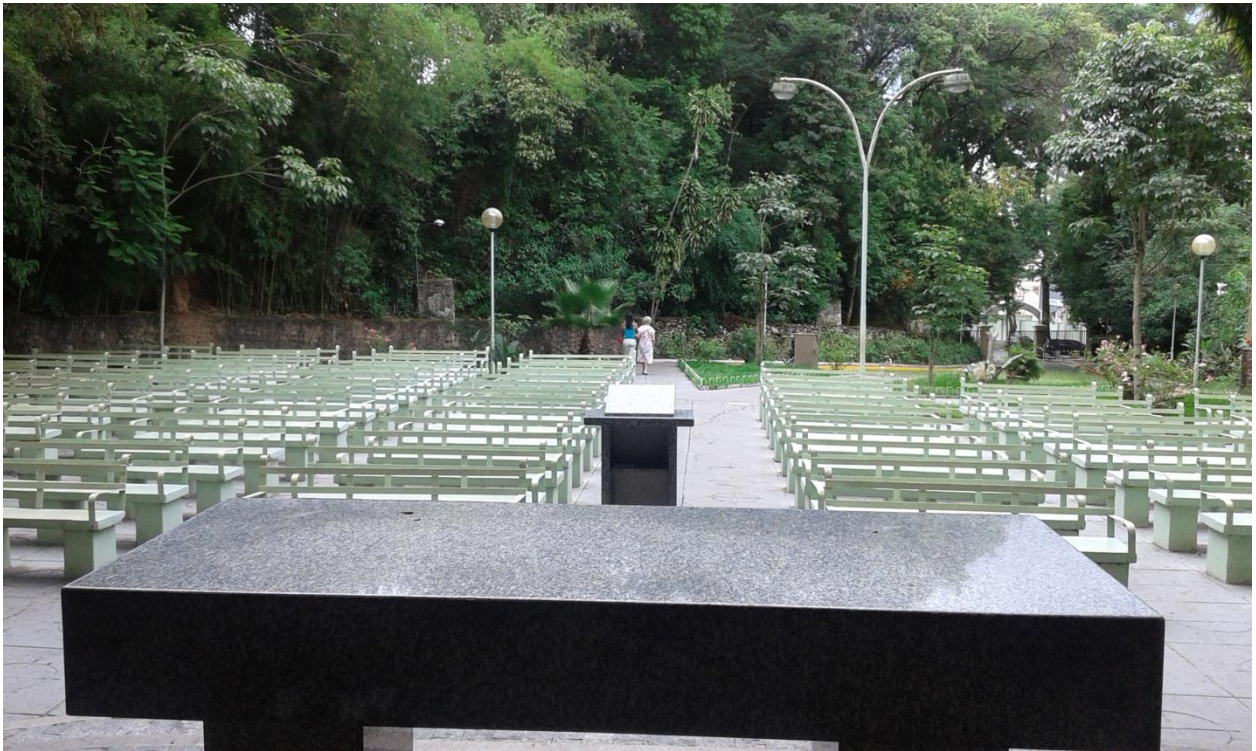


Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Em segundo lugar, novamente, aparece a Gruta Nossa Senhora de Itaúna, com 26,7%. O que direcionou os entrevistados a eleger a Gruta como local mais belo e agradável da cidade é o forte apelo à religiosidade, além da tranquilidade e a existência de grande área verde configurada por uma mata que cerca o local (FIGURA 27).

Isto reafirma a imagem-síntese que se propôs, anteriormente, para Itaúna, como uma cidade conservadora e religiosa, podendo ser comprovado nos versos de Maria Lúcia Mendes: “Ó Itaúna que te quero santa, Da missa das nove, Missa dos homens, Da festa do Rosário, Ou no alto do Bonfim, Acenando o mês de maio” (MENDES, 2001, p. 31).

**Figura 27 - Gruta Nossa Senhora de Itaúna**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

A relação do grau de instrução dos entrevistados com o local mais belo e agradável da cidade traz informações relevantes. A preferência pela Praça é liderada, com 31,6%, pelo grupo que possui Ensino Médio; porém, os menos instruídos, ou seja, Ensino Fundamental, apontam em primeiro lugar, com 37,5%, a Gruta Nossa Senhora de Itaúna, demonstrando a forte relação que estes estabelecem com a religiosidade.

Outro dado relevante foi a escolha da Barragem do Benfica, onde estão inseridos alguns condomínios de luxo da cidade, que dominou a opinião do grupo dos Graduados com 18,9%, apresentados na Tabela 04.

**Tabela 4 - Relação Grau de Instrução x local mais belo agradável**

LOCAL MAIS BELO E AGRADÁVEL	ENSINO FUNDAMENTAL	ENSINO MÉDIO	GRADUADOS
Gruta N.S. Itaúna	37,5%	21%	27%
Praça da matriz	12,5%	31,6%	21,6%
Morro do Bonfim	0%	3,9%	5,4%
Morro do Rosário	0%	1,3%	2,7%
Barragem Benfica	12,5%	14,5%	18,9%
Universidade	6,25%	2,6%	2,7%
Parque Belvedere	0%	6,6%	2,7%
Outros	31,25%	6,6%	8,1%
Indiferente	0%	11,8%	10,8%

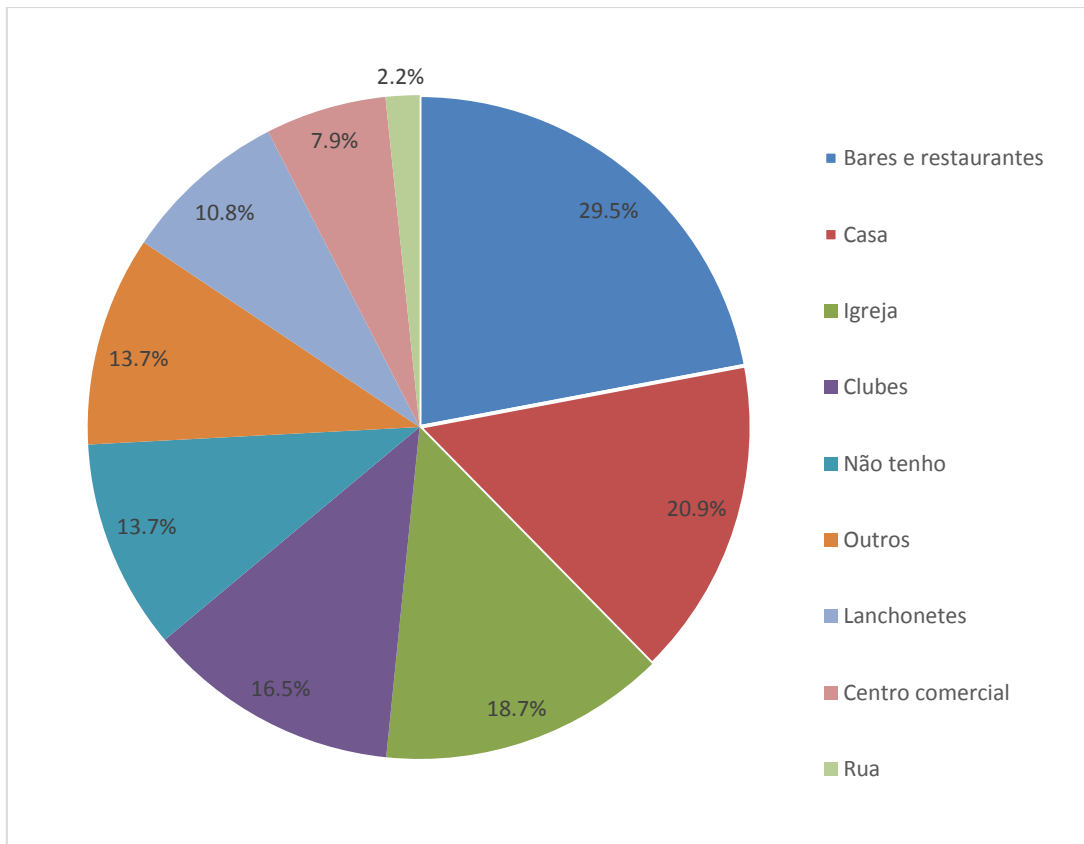
Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Com relação à décima primeira pergunta: “*Qual o seu lugar de preferência para lazer na cidade?*”, as respostas apontaram para os bares (29,5%), minha casa (20,9%), igrejas (18,7%), clubes (16,5%), lanchonetes (10,8%), Centro comercial (7,9%), ruas (2,2%), outros (13,7%), não tinham (13,7%). Destaca-se, ainda, que alguns dos entrevistados optaram por eleger mais de um local de preferência para lazer.

O local eleito pelos Itaunenses para o lazer, com 29,5%, foi os bares. Este dado reafirma a carência que os moradores têm de locais para lazer na cidade. O estranhamento do morador com a cidade vem se acentuando, a ponto de elegerem, em segundo lugar como local de preferência para o lazer, sua própria casa (GRAFICO 8).



**Gráfico 8 - Local de preferência para lazer na cidade**



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

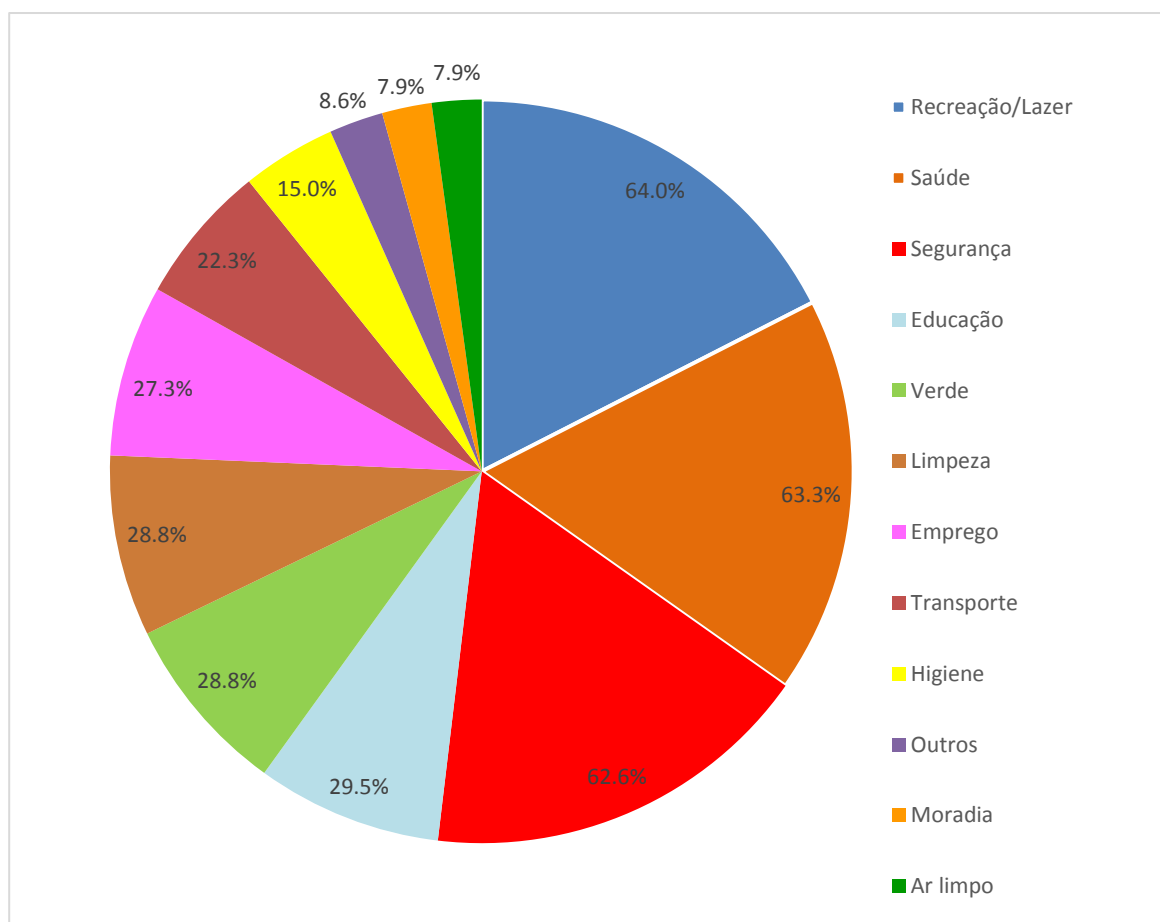
O itaunense parece buscar em casa uma proteção contra a rua, que para ele, como fica claro pelas entrevistas, vem se tornando hostil, sem qualidade, espaço para mera circulação. Da Matta (2004), explica este fenômeno dizendo que no Brasil a rua é lugar da luta, da competição, do anonimato, da individualidade, se movendo sempre num fluxo de pessoas indiferenciadas e desconhecidas, que se chamam povo e massa. Já em casa, para o antropólogo, somos reconhecidos como gente, nossa gente. Na rua, há apenas grupos desarticulados de indivíduos, que povoam as cidades e que remete à exploração e a uma ideia de cidadania e de trabalho, que é negativa.

A última questão desta etapa se referiu à percepção do usuário em relação aos equipamentos, serviços e políticas públicas existentes na cidade. À pergunta 12: “*Para você, o que falta nesta cidade?*”, obteve-se as respostas: a) Segurança (62,2%); b) Saúde (63,3%); c) Transporte (22,3%); d) Moradia (7,9%); e) Verde (28,8%); f) Limpeza (28,8%); g) Educação (29,5%); h) Recreação/lazer (64%); i) Emprego (27,3%); j) Ar limpo (7,9%); l) Higiene (15%);

m) Outros (8,6%). Esta é outra questão em que os entrevistados optaram por mais de uma opção. Para a maioria dos moradores a maior carência é a falta de recreação/lazer (64%).

Talvez isto explique, em parte, o estranhamento dos moradores com a cidade. Sendo o lazer uma prática que permite e fortalece as relações sociais, para os Itaunenses, a ausência de espaços públicos apropriados tem levado a sua sociabilidade cada vez mais para o privado, no sentido relatado por Armando Silva (2014): “se o espaço público é a base do urbanismo cidadão, não saímos de casa para ir ao exterior, para a área externa, mas, em rigor, saímos de casa para ir dentro, para sermos parte e construir o espaço público”(SILVA, 2014, p. 145) (GRAFICO 9).

**Gráfico 9 - O que falta na cidade**



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Em segundo lugar, com 63,3%, ficou a saúde, aspecto que não é apontado isoladamente em Itaúna, mas sim em todo país, pois segundo reportagem de André Fuentes da Revista Veja de 23/04/2014:

Em levantamento que mediu a eficiência dos serviços de saúde de 48 países, o Brasil ficou em último lugar. A *Bloomberg*, portal americano especializado em economia, atribuiu uma nota para cada país. Para o cálculo, foram usados critérios de expectativa de vida, média do custo do serviço de saúde e quanto esse custo representa comparado ao PIB per capita de cada país (FUENTES, 2014).

Em terceiro lugar, 62,6%, apontam como deficiência a falta de segurança. Alegam que Itaúna é uma cidade que perdeu muito dos atributos de uma cidade do interior, principalmente no que se refere à falta de tranquilidade e ao aumento significativo da violência e da criminalidade.

## **4 A PERCEPÇÃO PAISAGÍSTICA DA ÁREA DE ESTUDO**

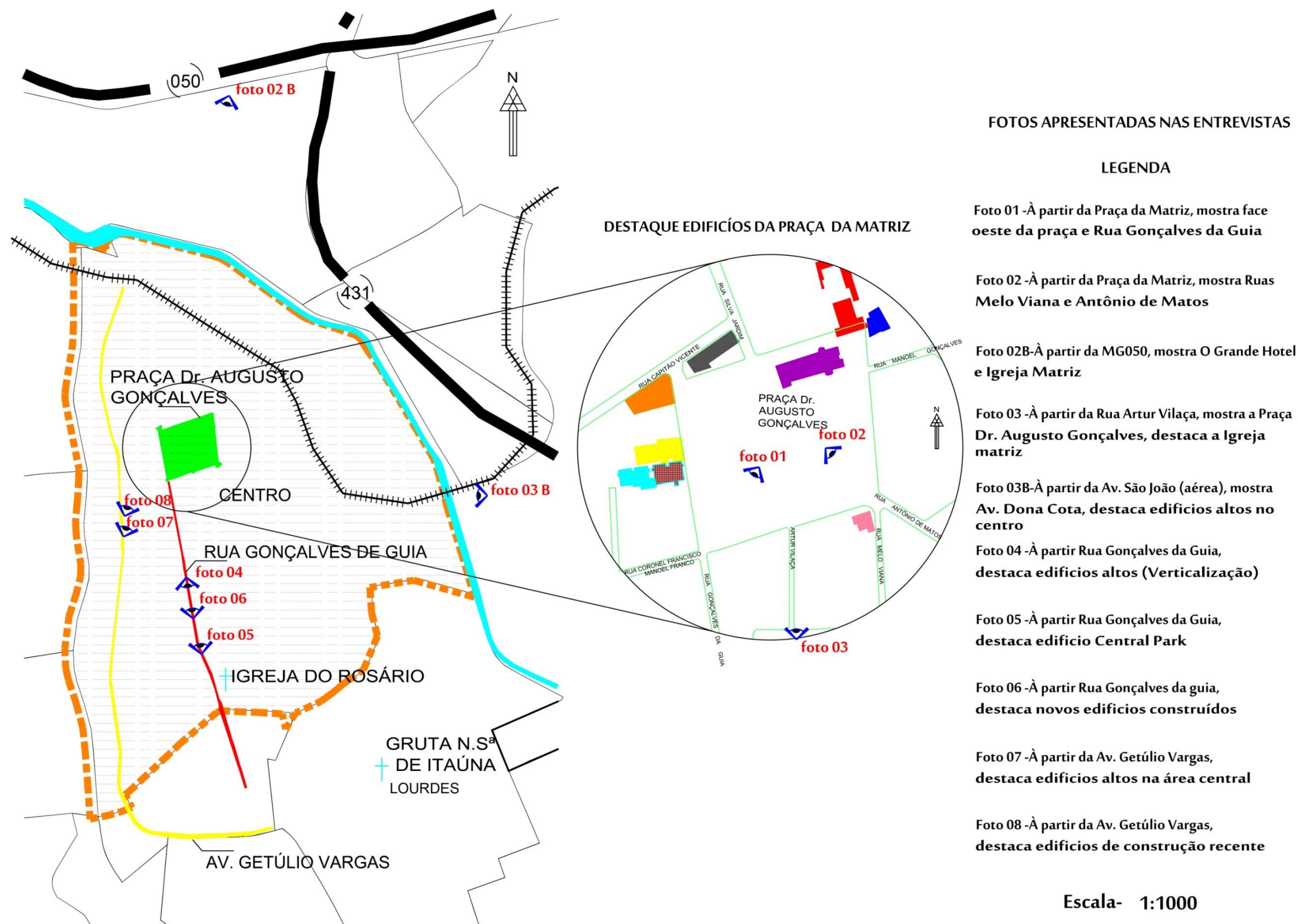
### **4.1 A praça da matriz e seu entorno**

Para levantar a percepção dos entrevistados, foram aplicadas entrevistas aos três grupos distintos, relatados no Capítulo 3: Grupo 1, moradores; Grupo 2, técnicos; e Grupo 3, empresários.

Em três das questões desse questionário, questões 15,16 e17 (APENDICE A), foram mostradas fotos antigas e atuais da Praça da Matriz e seu entorno (ANEXO A). A intenção ao abordar o entrevistado com as fotos antigas era a de fazer com que eles explorassem a temporalidade como instrumento para identificar a forma de “pensar” de cada um. Como já mencionado anteriormente, em uma das reflexões metodológicas de Henri Lefebvre (1999), sobre a temporalidade da história, propõe-se que, se tenho no presente uma inquietação, é necessário voltar ao passado para descobrir sua origem e, descobrindo-a, retorno ao presente para verificar sua influência nas transformações.

A seguir mostra-se a localização e as visadas das fotos utilizadas nas entrevistas, apresentado no Mapa 04.

Mapa 4 - Visada das fotos utilizadas nas entrevistas



Fonte: Elaborado pela Autora com base em dados da Prefeitura Mun. de Itaúna, 2015.

#### 4.1.1 A evolução paisagística

Neste item, descreve-se a evolução paisagística da Praça da Matriz e seu entorno, reconstruída pela documentação consultada, relatos, entrevistas e fotos de diversas épocas. Aquelas que foram apresentadas aos entrevistados, por ocasião da realização das entrevistas. A primeira foto apresentada ao entrevistado foi a da Praça da Matriz, na década de 1930, com destaque para a Rua Direita, que aparece ao fundo, abaixo no nível da Praça, em uma área mais plana, apresentando um cordão de edificações dispostas ao longo da rua, intercaladas por uma densa vegetação (FIGURA 28).

**Figura 28 - Foto da Praça da Matriz e seu entorno na década de 1930**



Fonte: Acervo da Prefeitura Mun. de Itaúna, 2014.

Naquele contexto, Itaúna iniciava um processo de industrialização que foi diretamente responsável pelo crescimento econômico apontado na época. O imaginário presente na sociedade daquele tempo era o de que o desenvolvimento industrial seria capaz de levar o município a desempenhar um importante papel econômico na região centro-oeste, se tornando

uma cidade reconhecida pelas atividades industriais aqui desenvolvidas. A indústria não teve apenas o intuito de fortalecer o setor econômico da cidade, mas também teve a função de atribuir à Itaúna o destaque dentre os demais municípios da região. Isto pode-se verificar no trecho do documento redigido por Dr. Augusto Gonçalves, então deputado estadual, em 14 de junho de 1901, à Câmara dos deputados, solicitando a elevação do distrito a município:

[...] esta localidade tem um movimento comercial e industrial e agrícola superior ao de muitas vilas e cidades do nosso estado [...] a indústria local é bastante desenvolvida, e é representada por uma importante fábrica de fiação de tecidos, fundada há nove anos [...] o seu movimento comercial é sem contestação mais importante do que o dos distritos e cidades circunvizinhos, e é representado por 39 comerciantes (DORNAS FILHO, 1954, p. 52).

A imagem da Figura 28 revela a praça principal da cidade, com tratamento paisagístico ainda incipiente e, no seu entorno, configurando o que Gordon Cullen (1983) denomina como recinto, “uma unidade base da morfologia urbana” (CULLEN, 1983, p. 27). Tal recinto é configurado pelo conjunto das edificações circundantes, que funcionam como o que o autor denomina de “edifícios-barreira”, uma vez que “não impede o tráfego de veículos ou pessoas, funcionando apenas como elementos de pontuação ou delimitação” (CULLEN, 1983, p.32).

Neste recinto, criam-se duas claras categorias: o aqui e o além, marcados pela Praça e o seu casario, em contraponto ao entorno, no qual predomina a massa uniforme do relevo vegetado, ocupado esparsamente por alguns casarões. Verifica-se ainda, que naquela época, o domínio visual da natureza, configura o que a Teoria da Gestalt chama de “relação figura-fundo”. Em tal relação, a mente humana apresenta a tendência de organizar as percepções do objeto visualizado, sobre o do fundo no qual ele aparece: uma parte emerge do todo e se destaca (BOCK, 2004).

Na Figura 28, pode-se ver que a Praça, ainda sem tratamento paisagístico, já se configura como uma figura que se destaca sobre o fundo, uma massa uniforme dos elementos naturais do entorno, reafirmando aquilo que Bock (2004) ensina: quanto mais clara a separação figura-fundo, mais nítida a percepção da forma.

À época da imagem da Figura 28 a cidade ainda não tinha uma legislação urbanística, e a ocupação da área central foi acontecendo a partir do largo da Praça da Matriz. Naquele importante núcleo irradiador, localizava-se a Igreja Matriz. Era o centro herdado da herança européia. Este aspecto é relatado por J. Teixeira Coelho Netto (2012) que alega:

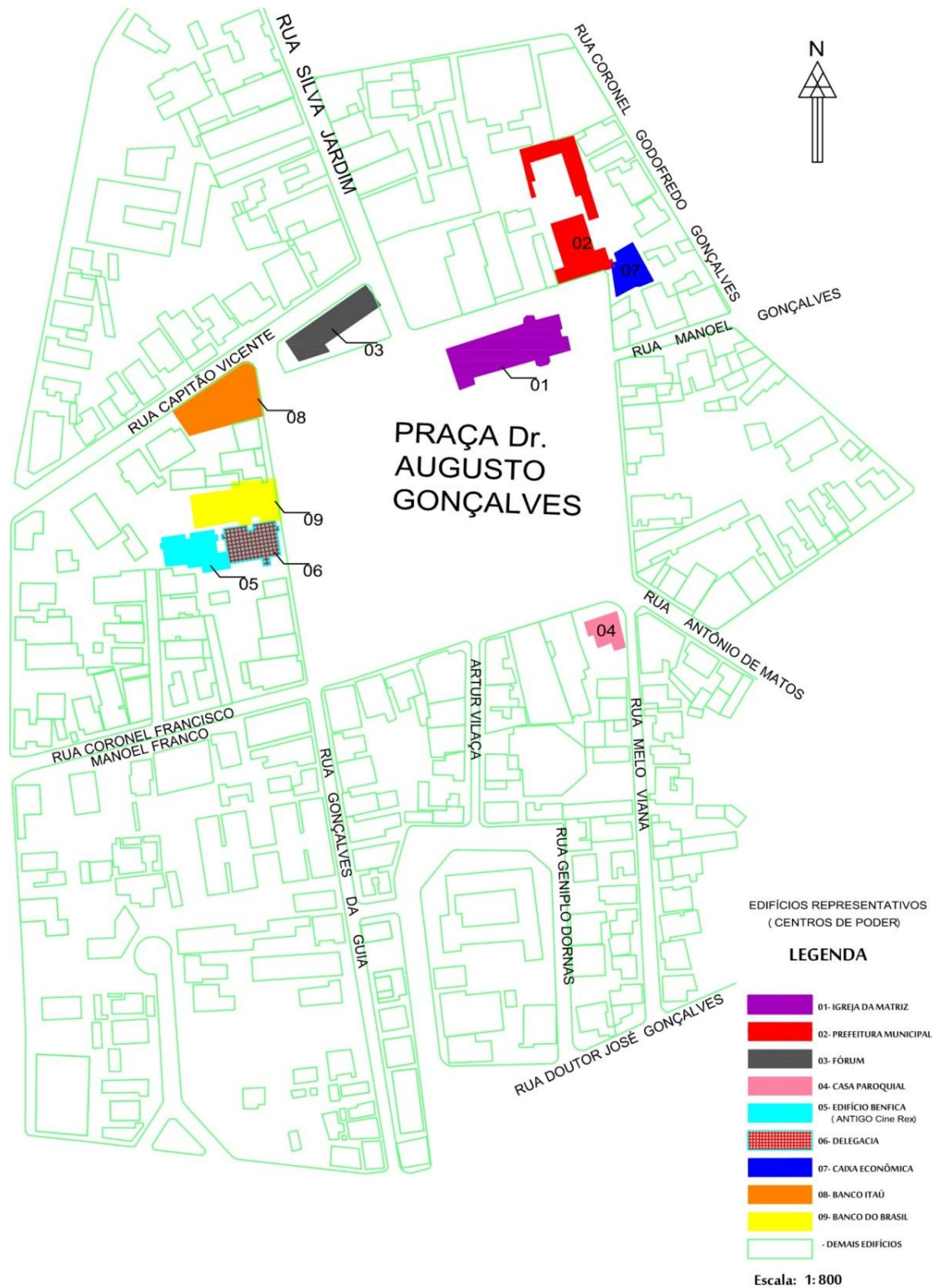
Este centro era fundamentalmente o lugar do poder político, do poder econômico e do poder espiritual. Isto significava a presença física da administração (os edifícios “públicos”: a prefeitura, o tribunal, a escola) a presença física da riqueza (o comércio e suas lojas) e a presença do templo. Era o lugar de onde emanava não só vida, a animação da cidade (pois ao redor da Igreja e na praça se desenrolavam atividades fundamentais como o teatro, o carnaval, as execuções dos condenados [...]) como, e especialmente, a ordem, justa ou injusta, que mantinha a cidade (COELHO NETTO, 2012, p. 124).

Esse foi um dos mais importantes fatores que ajudaram a criar aquilo que denominou-se, no capítulo anterior, de imagem-síntese de Itaúna: cidade religiosa e conservadora, com pretensões de progressista.

Atualmente, este formato urbanístico e paisagístico da Praça é muito definidor do que é Itaúna hoje. Nesta Praça, estão localizados a Igreja Matriz, a sede da Prefeitura, o Fórum, as principais agências de bancos, a Casa Paroquial, os escritórios das principais empresas, ou seja, os órgãos públicos e os representantes da lei e do poder se encontram se instalados em um mesmo espaço, conforme apresentado no Mapa 5.



**Mapa 5 - Localização dos edifícios representativos na Praça da Matriz**



Fonte: Elaborado pela Autora com base em dados da Prefeitura Mun. de Itaúna, 2015.

A segunda foto antiga mostrada na Figura 29 se refere à parte do largo da Praça da Matriz, com destaque para Casa Paroquial e a casa do Coronel Artur Vilaça. Ao fundo, aparece configurado em meio ao relevo acidentado, parte do Centro da cidade. Os casarões inseridos em sequência, ao longo do traçado irregular das ruas, configuravam uma integração discreta, aspecto apontado por Gordon Cullen (1983) como sendo “a intromissão do homem na natureza sem causar excessiva perturbação” (CULLEN, 1983, p. 88). A relação estabelecida entre as edificações existentes e o entorno ainda acontecia com certa harmonia, especialmente pela interrupção do cordão das edificações por áreas livres.

**Figura 29 - Foto da Praça da Matriz e região do centro na década de 1930**



Fonte: Acervo da Prefeitura Mun. de Itaúna, 2014.

A percepção do usuário, como será visto mais à frente, começa a apresentar uma conotação diferente, a partir do momento em que as fotos da década de 1930 são substituídas por uma foto da década de 1970, que pode ser observada na Figura 30.

**Figura 30 - Foto aérea da Praça da Matriz e seu entorno na década de 70**



Fonte: Arquivo Prefeitura Mun. de Itaúna, 2014.

Nessa década, a cidade já apresentava ruas pavimentadas e um significativo aumento do número de edificações, porém com uma tendência ainda à horizontalidade. A Praça já possuía um tratamento paisagístico mais elaborado e, embora o seu entorno imediato tenha sofrido um pequeno adensamento, a escala e o volume das edificações ainda preservavam a relação figura-fundo das décadas passadas. Os quintais e áreas livres iam construindo uma transição ainda suave com as edificações, se diluindo em direção ao entorno vegetado, o que resultava numa relação mais harmônica entre os elementos naturais e construídos, especialmente quando se compara com a paisagem configurada na atualidade. Como se verá, à frente, muitos entrevistados relataram que, naquela época, a paisagem era mais harmônica.

A Praça revelada na Figura 28, agora com as árvores já crescidas e o tratamento paisagístico interno já definido, aproxima-se da categoria recinto, no sentido definido por Cullen (1983).

A Figura 31 mostra a situação atual, do mesmo ângulo da imagem mostrada na Figura 28.

**Figura 31 - Foto da Praça da Matriz e região do centro (2015)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Nessa foto atual, da Praça da Matriz e região do Centro, já não se observa mais a relação figura-fundo que permitia destacar a Praça em relação ao entorno, ainda não ocupado. Os edifícios térreos foram substituídos por uma aglomeração vertical, que rompe a relação com a natureza do passado. A cidade torna-se cinza, apesar de todos querê-la verde.

A paisagem atual da área Praça cedeu ao domínio do capital, ao qual se subordina o poder municipal, onde predomina a imposição dos interesses particulares, permitidos pela legislação e seus parâmetros urbanísticos, que visam explorar e maximizar o aproveitamento do terreno em relação à área construída permitida.

A imagem da Figura 31 revela o rompimento equilibrado que existia até a década de 1970, entre o largo da Praça e o contexto da cidade, produzido pela verticalização, aniquilando a interligação entre espaço próximo e remoto, que Gordon Cullen (1983) bem define:

[...] aproxima de nós a distância, insere no espaço próximo uma cena longínqua, particularizando-a obrigando-nos a uma observação detalhada daquilo que, através da sua trama, coloca mais perto de nós. As suas aplicações são evidentes: aproxima de nós a

paisagem ou a cidade longínquas, e permite seleccionar ou rejeitar imagens com uma determinada finalidade (CULLEN, 1983, p. 41).

Outra consequência direta da verticalização que a cidade veio apresentando foio comprometimento da memória da cidade, principalmente no que se refere às edificações inseridas no largo da praça, na década 1930, que atualmente apresentam-se descaracterizadas ou substituídas por edifícios verticais. Veja-se, por exemplo, o Cine Rex, um cinema que existia na cidade na década de 1930, que foi demolido para se construir a primeira torre da cidade, na década de 1970, conforme destacado nas Figuras 32 e 33.

**Figura 32 - Foto do antigo Cine Rex na década de 1960**



Fonte: Arquivo Prefeitura Mun. de Itaúna, 2014.

**Figura 33 - Foto da Praça da Matriz com foco no edifício Benfica (antigo Cine Rex)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Talvez seja essa alteração no entorno da praça o que mais incomodou os moradores da cidade, principalmente aqueles que frequentavam o cinema, e o tem vivo na memória, sempre que relembram seu passado, como pode ser percebido nos versos da escritora itaunense Maria Lúcia Mendes (2001):

Demoliram o Cine Rex. Seguindo a lei natural de todas as coisas, o nosso mais antigo cinema chega ao fim. Em seu lugar, o progresso elevou um edifício majestoso, modificando assim a paisagem da praça da matriz. Instalado no antigo teatro Mário Matos, cujas temporadas marcaram a época em nossa terra, o Cine Rex tem seu lugar reservado na lembrança de cada um. Ponto de encontro da juventude que ali se reunia, olhando cartazes, ou discutindo sobre este ou aquele filme, o velho cinema foi cúmplice de muitos sonhos e romances. [...] Demoliram o Cine Rex. Afinal tudo passa. [...] A cortina do tempo dispersou na lembrança a última cena de toda uma época. Seus astros e estrelas se apagaram. E o Cine Rex, como bom filho, fez o mesmo (MENDES, 2001, p. 45-46).

Na Figura 34 pode-se observar a área central, no entorno imediato da Praça, e a ausência, quase que por completa, da integração discreta, isto é, percebe-se totalmente o contrário, a intromissão do homem na natureza, causando excessiva perturbação. A antiga Rua Direita, cujo eixo é percebido com nitidez na Figura 28, aqui desaparece quase que por completo, em meio às edificações. A vegetação presente na imagem da década de 1930 dá lugar aos edifícios, que imponentes vão se misturando em meio a uma paisagem configurada pela total falta de harmonia no construído x natural.

**Figura 34 - Vista da área central da cidade a partir da Praça Matriz (2015)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

A Figura 35, uma foto da região central em 2010, já revelava uma verticalização crescente, criando-se uma massa edificada, onde áreas livres quase não são percebidas. A Igreja Matriz já não tem mais protagonismo.

**Figura 35 - Foto da região Central em 2010**



Fonte: Prefeitura Mun. de Itaúna, 2014.

Praticamente não se destaca no aglomerado das edificações. Sua arquitetura se apresenta quase como um estranhamento, em meios às edificações que vão surgindo em seu entorno. A condição da Praça como recinto se fragiliza, pois o ponto focal que o reforça se dilui e a relação figura-fundo se perde.

Este processo de verticalização, também apontado por Conti (2012), caracterizando Itaúna como uma cidade em processo de transformação e polinuclear:

Um outro elemento aparece mais recentemente na paisagem urbana alterando de maneira cada vez mais significativa a parte central da cidade. Trata-se do aparecimento das tipologias habitacionais multifamiliares verticais. A verticalização de partes da cidade é o resultado mais explícito do processo de valorização do solo urbano. Esse processo não se limita ao centro, mas envolve também, além das áreas centrais dos subcentros reconhecidos como tais, parte dos bairros pericentrais, especialmente aqueles de classe média, cujas partes são contíguas ao centro. Para ser mais explícito, esse processo envolve os bairros Cerqueira Lima e Das Graças na porção deles contíguas à Avenida Jove Soares.



A paisagem resulta, portanto, cada vez mais marcada com essa presença, passando a imagem de uma cidade em processo de transformação e polinuclear (CONTI, 2012, p. 84).

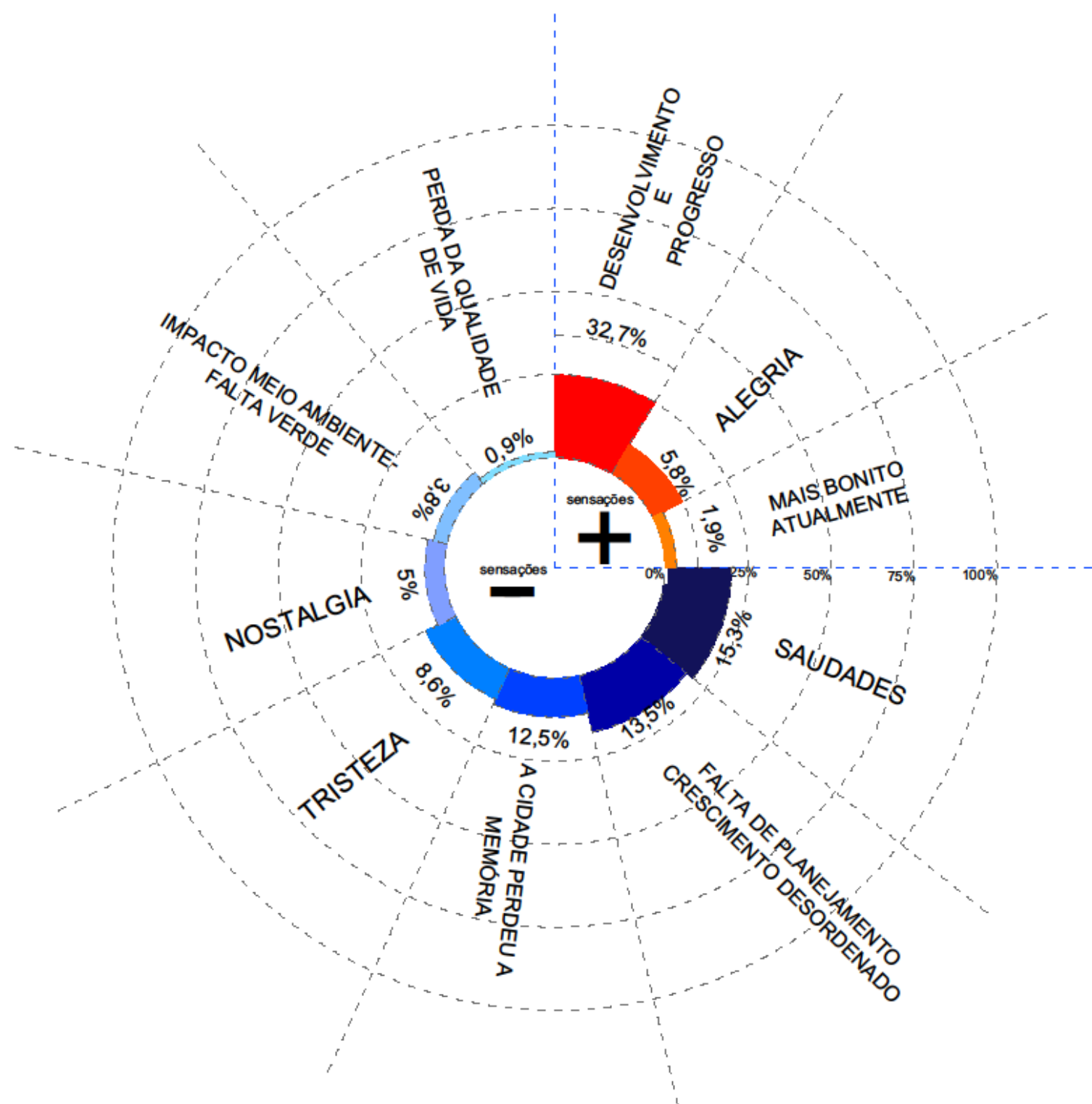
A imagem da Figura 35 revela, sobretudo, as consequências da implantação do Plano Diretor de 2008, que acelerou o processo de demolição para que fossem inseridas edificações verticais. A região central foi a que sofreu a maior modificação, por se tratar de uma área com grande valorização imobiliária. Sofreu uma espécie de desurbanismo, que Gordon Cullen (1983), assim aponta:

Através da observação da cidade construída pela especulação ou pelas autoridades locais é se forçado a constatar que esta concepção de paisagem urbana não tem sido respeitada. [...] Se pensarmos os edifícios como letras do alfabeto, reparamos que elas não são utilizadas para formar palavras coerentes, mas sim gritos monótonos e desolados de AAAAA! ou OOOOO! E quanto às novas cidades desenhadas por arquitectos contemporâneos para quebrar o velho jugo do AAAAA-OOOOO?(CULLEN, 1983, p. 135).

#### **4.1.2 A paisagem percebida pelos moradores**

O Gráfico 10 descreve as sensações do Grupo 1, moradores, quando solicitados a comparar a figura da Foto 01 (ANEXO A), mostrada no item anterior, com a realidade.

Gráfico 10 - Sensações percebidas pelos moradores (Grupo 1)



Fonte: Elaborado pela Autora, 2015.

O total de 40,4% das respostas se traduz em sensações positivas, em 59,6% em sensações negativas e 5,7% dos entrevistados, optaram por não responder.

Nas sensações positivas, liderando com 32,7%, os entrevistados identificaram a mudança ocorrida como sinal de desenvolvimento, progresso, evolução e modernidade, revelando a percepção do morador associada ao imaginário de Itaúna como cidade progressista.

Para muitos moradores da cidade a substituição de casas por prédios significa desenvolvimento, ou seja, edifícios altos significam que a cidade está crescendo. Chegam até revelar uma certa satisfação pela mudança ocorrida na cidade. Coelho Netto (2012) explica, em parte, este fenômeno, quando diz da necessidade que o homem ocidental sente de ocupar o espaço, de não deixar um espaço vazio ou de perceber a verticalidade como forma de avanço, ou seja, “[...] está se falando numa dimensão específica da arquitetura: a dimensão do imaginário” (COELHO NETTO, 2012, p. 97).

No imaginário dos itaunenses, a verticalização dos edifícios comunica a ideia de desenvolvimento. A arquitetura, como ensina Umberto Eco, torna-se uma comunicação: “uma consideração fenomenológica da nossa relação como o objeto arquitetônico diz-nos, antes de mais nada, que comumente fruímos a Arquitetura *como fato de comunicação*, mesmo sem dela excluirmos a funcionalidade” (ECO, 2013, p. 188).

Outra sensação positiva apresentada por 5,8% dos entrevistados foi a “alegria”, expressão que utilizaram espontaneamente para descrever o que a mudança ocorrida provocou-lhes. Para esse contingente, a mudança ocorrida traduz prosperidade, ou seja, a configuração atual é bem melhor.

Uma minoria, 1,9% dos entrevistados, relatou que a paisagem atual é mais bela, pois, segundo eles, a substituição das edificações e a pavimentação da praça apresentaram uma ambiência positiva.

As sensações negativas se destacam com relação às positivas, totalizando 59,6%. Liderando as sensações negativas, para 15,3 % dos entrevistados, o sentimento foi descrito como saudade. O relato desta sensação permitiu comparar o comportamento diferenciado entre as diferentes faixas etárias, ou seja, esta sensação era manifestada mais comumente nas pessoas que viveram na época das fotos apresentadas anteriormente.

Relembavam, com nitidez, a tranquilidade daquele tempo, no qual, segundo eles, havia mais espaços verdes e áreas livres e as edificações antigas eram belas e agradáveis. Alguns

entrevistados chegavam a descrever com detalhes a experiência vivida em alguns dos locais apresentados nas fotos, com destaque para o Cine Rex, o cinema da década de 1930 e que foi demolido para se construir um edifício de quatorze andares.

Seguido pelo sentimento de saudade, 13,5% dos entrevistados acreditam que a paisagem que está se configurando na cidade poderia apresentar mais qualidade se houvesse um planejamento. Para estes, o crescimento da cidade é necessário e inevitável, porém defendem a ideia de que existem formas da cidade crescer sem agredir sua história e a natureza (FIGURA 36).

**Figura 36 - Foto da região central em 2015**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

Para 12,5%, o fato que mais incomodou foi a falta de preservação do passado, por isto, acreditam que o centro deveria ter sido preservado e com ele a história de Itaúna. Acreditam que a cidade perdeu sua memória e cresceu sem preservar sua história, que só pode ser identificada hoje através das fotos que retratam a arquitetura da época.

Outra sensação descrita pelos moradores, com mais de 50 anos, foi a de tristeza. Para 8,6% dos entrevistados, o cenário atual da cidade está sendo desenhado pelo excesso de prédios, pela falta de espaço, falta do verde, pela destruição do patrimônio histórico, o que causa, segundo eles, uma profunda tristeza.

Nostalgia foi a sensação descrita por 5% dos entrevistados, que relatavam, com entusiasmo, que antigamente existia mais beleza arquitetônica e paisagística, e questionavam porque tudo isto foi destruído.

O impacto ao meio ambiente e a retirada das árvores para a inserção de edificações, comprometendo as áreas verdes, para 3,8% dos moradores, revela um fator negativo da passagem do tempo. Aqui se depara novamente com a questão do verde, já descrita no capítulo anterior. Como dito, a nostalgia pelo verde revelada pelos entrevistados é um fantasma que povoa constantemente o imaginário do morador, que associa uma cidade melhor com a presença do verde. Contraditoriamente, este mesmo morador vê as novas edificações como símbolo de desenvolvimento.

A minoria de 0,9% relata que a comparação entre o passado e a atualidade possibilitou identificar uma perda significativa na qualidade de vida. A qualidade de vida para o morador da cidade de Itaúna foi traduzida na foto antiga, pelas amplas áreas verdes, a harmonia existente na arquitetura das edificações e nos poucos carros que circulavam na cidade por volta da década de 1930.

A interpretação dos dados transcritos no Gráfico 1, possibilitou avaliar que a percepção do morador da cidade é muito determinada pelos imaginários e as representações sociais. Para Armando Silva (2014) isto é urbanizar, ou seja, “[...] urbanizar é também uma maneira de sobrecarregar de significados os objetos da vida cotidiana. Pode ser [...] que um fato ou um objeto domine o imaginário, com respeito à percepção empírica do objeto, o que quer dizer que o fantasma domina sobre o real” (SILVA, 2014, p. 51-52).

Diante da foto que retrata a década de 1930, em comparação com uma foto atual, mostrada nas Fotos 02 e 02B (ANEXO A), os entrevistados manifestaram algumas sensações diferentes das já relatadas. Revelando, assim, o imaginário concebido através da experiência urbana, que segundo Armando Silva (2011):

O imaginário afeta, filtra e modela a nossa percepção da vida e tem grande impacto na elaboração dos relatos da cotidianidade, contada pelos cidadãos diariamente, e tais

pronunciamentos, a fabulação, o segredo ou a mentira, [...]. Os relatos urbanos focalizam a cidade gerando diferentes pontos de vista (SILVA, 2011, p. 50).

A comparação entre esses diferentes momentos impressos na paisagem da cidade, capturados através de fotos, desencadearam diversas sensações, com significados opostos. Em contrapartida àqueles que elegeram a atual paisagem da cidade como sinônimo de desenvolvimento, 31% percebe esta paisagem como algo que traduz crescimento desordenado, falta de planejamento e poluição visual. A aglomeração das edificações passava para muitos a sensação de falta de liberdade. Para estes, a existência do verde significa liberdade.

Para muitos, o aglomerado das edificações era traduzido como uma poluição visual, uma agressão aos olhos do observador. E esta percepção se tornava mais acentuada quando se comparava a conformação atual com configuração apresentada no início da formação da cidade. Fez-se uma comparação, entre os edifícios que foram surgindo e se amontoando na cidade, com os *outdoors* que são distribuídos na cidade com apelo à publicidade, e que poluem e agredem o contexto urbano, sem nenhuma coerência com o contexto no qual se insere. Os edifícios são inseridos, portanto sem coerência e retratam o apelo e a busca pelo lucro.

Estabelecendo uma relação percebida com a aglomeração das edificações, a paisagem carregada era a percepção relatada por 10,1% e apontava o momento vivido pelo mercado imobiliário na cidade, como o principal responsável pela destruição da natureza. Como dito anteriormente, para muitos uma paisagem harmônica e agradável de se observar se faz através do equilíbrio entre o natural e o construído e assim, o caminho percorrido pela cidade de Itaúna, tem perdido progressivamente esse caráter, uma vez que relatam que a paisagem atual não proporciona prazer ao ser observada.

Nas sensações negativas, aparece com 6,5%, o abafamento e o sufoco relatados diante da percepção do amontoado de edificações verticais, que se proliferaram de forma acentuada.

O sentimento de tristeza aparece novamente em 5% dos entrevistados, que pensam ser um absurdo, o caminho que a paisagem da cidade vem percorrendo. O relato de alguns moradores, diante da comparação das duas paisagens configuradas nas fotos apresentadas, era de que o seu passado havia sido engolido. “Engoliram meu passado!” Foi a declaração mais marcante dos relatos expostos. A sensação do morador era a de que o local que ele vive hoje, não é o mesmo da sua infância. Que os elementos urbanos, que poderiam fortalecer a memória da cidade e estabelecer o vínculo com o seu passado, foram totalmente destruídos. Hoje já não é

mais possível recorrer a uma casa ou a um contexto da cidade, para lembrar fatos que fazem parte do seu passado.

Mais um aspecto construído no imaginário do morador é o de que o crescimento da cidade, configurado através do aglomerado das edificações e conseqüente verticalização, remete à insegurança para 1,4% dos entrevistados do Grupo 01. Esta insegurança se traduz para muitos no fato de que o contexto urbano, configurado na foto da década de 30, remete à época em que as casas não apresentavam muros altos e havia uma conexão mais direta das edificações com a rua. As pessoas se sentavam na calçada ao cair da tarde para conversar. Uma época em que o contato entre as pessoas era mais valorizado e fazia parte das relações humanas. Hoje, os muros que cercam as casas estão cada vez mais altos. A individualidade sendo fortalecida pela ideia de privacidade e segurança, ofertada pelos edifícios de apartamentos, onde as pessoas se fecham cada vez mais em seu próprio mundo, na certeza de estar seguro.

Quando os entrevistados viram a Foto 03 (ANEXO A), retratando a década de 1970, em comparação com a realidade atual, mostrada nas Fotos 03 e 03B (ANEXO A), notou-se que a percepção do usuário começou a apresentar uma conotação diferente, a partir do momento em que as fotos da década de 1930, são substituídas por uma foto também da área central, porém agora na década de 1970.

Esta percepção influenciou diretamente nas respostas dos entrevistados, em que 71,1% da percepção geral ficaram definidas em sensações negativas, 28% em sensações positivas e 09% optaram por não responder. Pode-se observar que há um domínio das sensações negativas e uma mudança de opinião.

Entre os entrevistados, 20,9% manifestaram sentimento de indignação com o que, para eles, se configura como crescimento desordenado e comprometimento do patrimônio histórico. A falta de preservação do contexto histórico, para eles, significa um apagamento do seu próprio passado, como confirma Santos (1988):

[...] conjuntos de lugares e dos edifícios que os ocupam dão uma conformação às cidades e definem os seus ritmos. Através deles se produzem e sem mantêm memórias. Os espaços costumam ser mais eficientes nesse sentido do que livros, álbuns de fotografias e até limites. As pessoas que conseguem distinguir “a cara” do lugar onde vivem e lembrar como era e como evolui e chegou a ser o que é, se sentem mais seguras, têm uma sensação mais forte de serem dali (SANTOS, 1988, p. 53).

Entre os entrevistados, 15% relataram que a aglomeração dos edifícios verticais, hoje, é caracterizada como “tumulto e bagunça”. Sabendo que “no juízo estético” confrontam-se duas ordens complexas: a da obra julgada e a da mente que julga” (BENEVOLO, 2013, p. 50), a desorganização visual relatada resulta da falta de harmonia entre os novos elementos edificados, com o que existia. Os entrevistados declaram que isto produz uma sensação de sufocamento e também promove o distanciamento entre as pessoas.

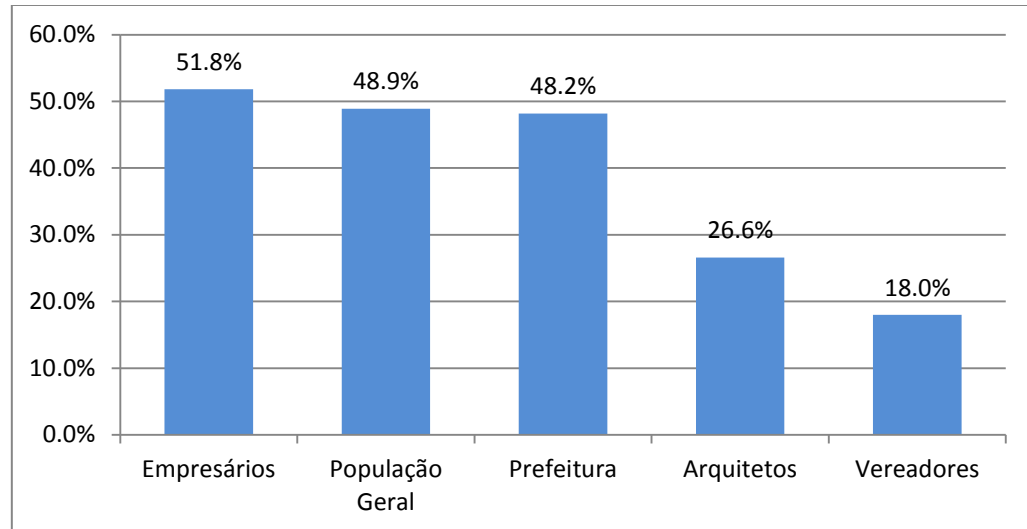
A ausência das áreas verdes volta a incomodar, como um fantasma urbano que persiste e continua a assombrar o imaginário das pessoas. Da mesma maneira que a nostalgia do verde, fica evidente que a verticalização para parte do itaunense representa desenvolvimento e progresso e para outra parte perda de qualidade de vida na cidade, em que o crescimento significativo de prédios pela cidade passa a impressão de desordem e desrespeito à natureza. “O concreto invadiu a cidade”! Relatavam alguns, indignados com atual configuração da paisagem da cidade.

Fechando as sensações negativas, 4,3% sentem saudades, descrevendo a foto da década de 1970, como algo que transmite tranquilidade. Para alguns, a foto antiga dá vontade de sair pelas ruas e capturar as experiências que o espaço urbano pode proporcionar e atual “dá vontade de ficar em casa”, fato que caracteriza os 2,2% que elegeram sua casa como local mais belo e agradável da cidade.

No último momento da entrevista, os entrevistados foram convidados a relatar a quem eles atribuíam às mudanças ocorridas nas paisagens da cidade, dentre as opções apresentadas (empresários, prefeitura, vereadores, arquitetos ou população em geral) podendo ser assinalada uma ou mais opções, a maioria assinalou mais de uma opção (GRAFICO 11).



**Gráfico 11 - Principais responsáveis pelas mudanças ocorridas nas paisagens urbanas de Itaúna**



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Para 51,8%, os empresários são os principais responsáveis pelas mudanças ocorridas, justificadas pela busca pessoal pelo lucro e pela especulação imobiliária, para 48,9% seria a população em geral, já que, não se manifestam ou interferem nas questões que envolvem a concepção urbana.

Como afirma Santos (1988, p. 55), “[...] quem vive, trabalha, se desloca e usa de muitas formas um espaço urbano está contribuindo para refazê-lo sem parar.”

Seguido por 48,2% das opiniões, a Prefeitura, ou seja, o poder público local é o principal responsável, por ser ele quem “define a legislação” que concebem os parâmetros urbanísticos.

Para 26,6% das opiniões, o arquiteto é o responsável direto pela atual conformação da paisagem da cidade de Itaúna, mostrando o poder que o arquiteto tem diante da tomada de decisão em um projeto, bem como a visão crítica que o mesmo deve apresentar ao desenvolver um projeto.

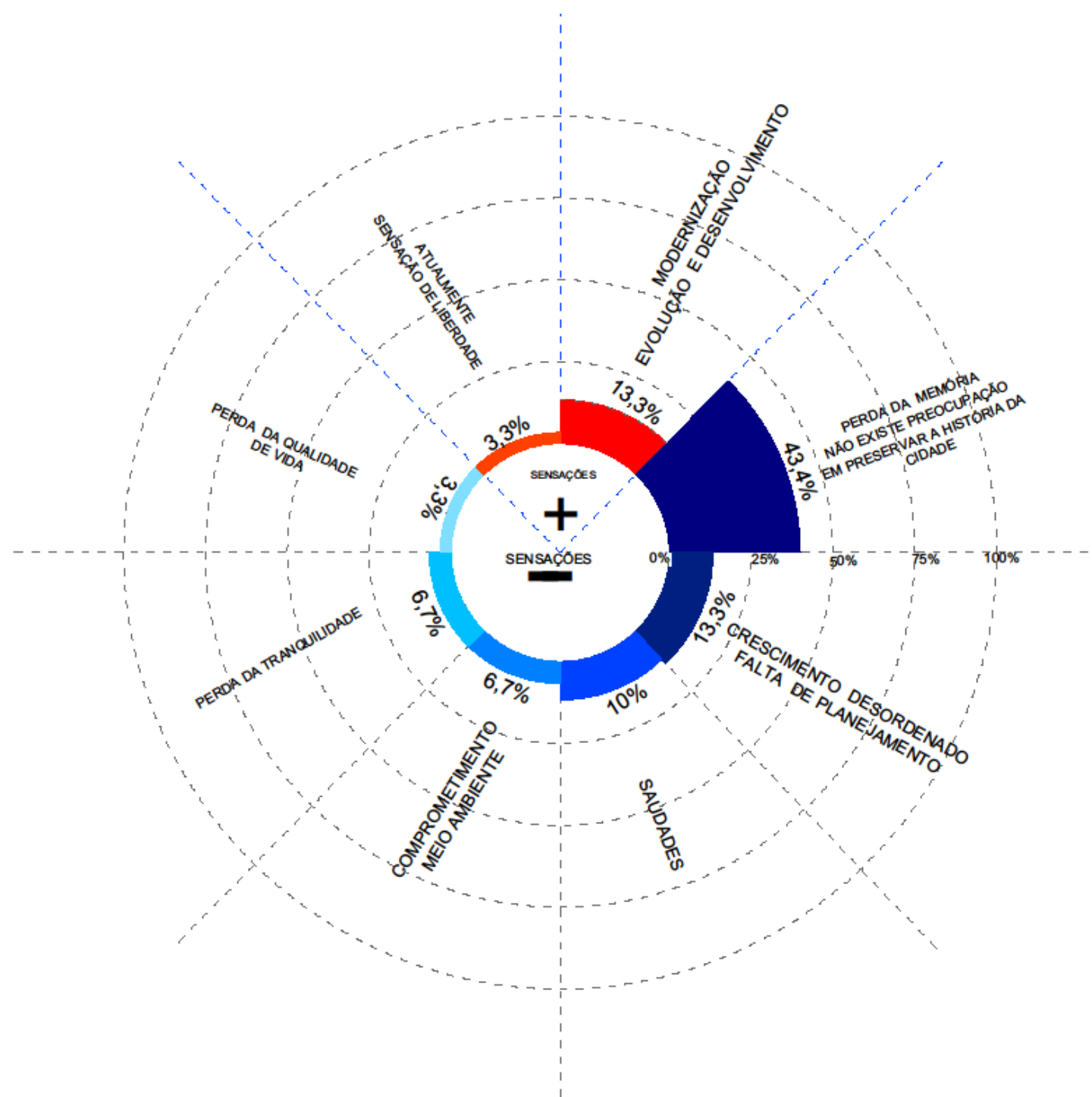
E finalmente, os vereadores também foram apontados como responsáveis, porém em minoria, com 18,8%, por serem eles que aprovam as leis. Os moradores ratificam que as responsabilidades são diluídas, como o jogo de cartas proposto por Santos (1988):

[...] o que acontece na cidade pode ser comparado ao jogo de cartas. O jogo urbano se joga sobre um sítio determinado que é a sua “mesa”. Aí se juntam parceiros que se enfrentam segundo os grupos e filiações a que pertençam. Há os políticos, técnicos e funcionários que representam o GOVERNO. [...] Existem as EMPRESAS que agem através de investimentos na indústria, no comércio e nos serviços, com especial destaque para o capital ligado aos ramos imobiliário e da construção civil cujas as ações têm reflexos diretos no meio urbano. Por fim, entra a POPULAÇÃO fragmentada nos mais diversos grupos (vizinhança, filiação política e religiosa, profissão, parentesco, afinidades...) (SANTOS, 1988, p. 50-51).

#### **4.1.3 A paisagem percebida pelos profissionais**

A partir das imagens apresentadas, este segmento revelou uma percepção negativa da cidade (GRAFICO 12).

Gráfico 12 - Sensações percebidas pelos profissionais, arquitetos e demais técnicos da área (Grupo 2)



Fonte: Elaborado pela Autora, 2015.

Para esse grupo, 83,4% das sensações são negativas e apenas 16,6% positivas. Já 43,4% das respostas negativas enquadram-se no que se denomina “Perda da memória/não existe preocupação em preservar a história da cidade”. Para os profissionais da área, a configuração atual da paisagem demonstra, com clareza, a falta de preocupação em preservar a história da cidade.

Esta mesma questão já interpretada pelo Grupo 1, como sinônimo de evolução, progresso e desenvolvimento, mostra a diferença entre a percepção do morador e do profissional da área.

Este dado mostra que a concepção da cidade de Itaúna, para o arquiteto ou profissional da área, é diferente da concepção do morador/usuário.

Dentre 13,3%, são percepções negativas que dizem respeito às questões relacionadas à falta de planejamento. Este aspecto também aparece nos relatos dos moradores, mas em menor número 8,6%. Para o Grupo 2, a falta de planejamento e o crescimento desordenado se dá em função da omissão de alguns colegas da área, da falta de comprometimento com a qualidade de vida dos moradores da cidade, e, principalmente, pela conduta irresponsável da maioria dos empresários da cidade.

O sentimento de saudades, em virtude de um passado que transmitia mais tranquilidade e qualidade de vida, caracterizou a sensação de 10%, sendo mais comum nos entrevistados com mais de 50 anos.

A verticalização comprometendo o meio ambiente foi apontada por 6,7% dos profissionais da área. O mesmo número, 6,7%, traduz o contexto desenhado na atualidade em perda de tranquilidade. Eles apontam que a época da Foto 02 (ANEXO A), da década de 1930, era melhor para se viver, pois existia mais harmonia entre as edificações e os espaços verdes.

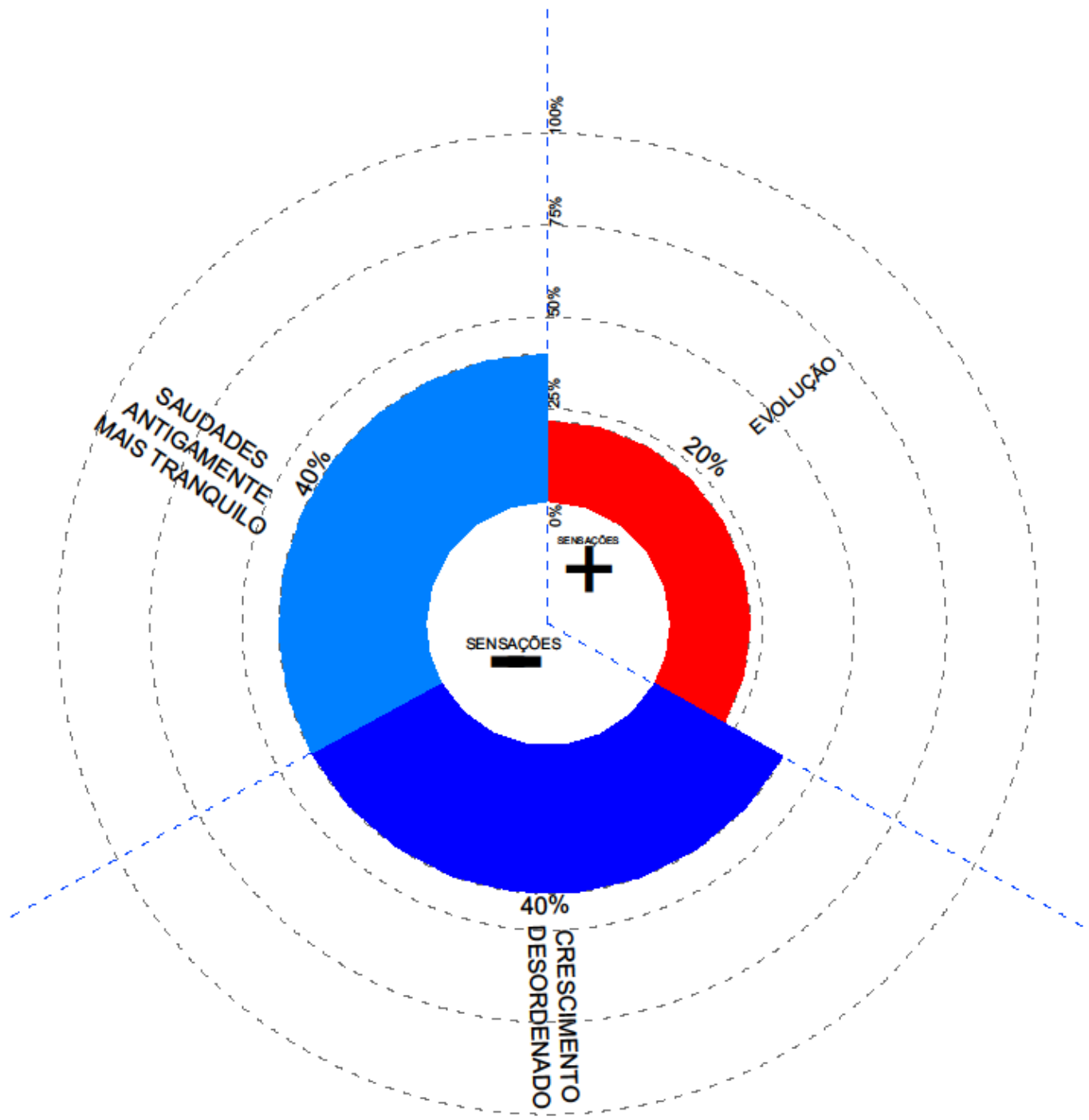
Encerrando as sensações negativas, 3,3% dos técnicos da área identificam uma perda na qualidade de vida na cidade que, segundo eles, é ocasionada, sobretudo, pela verticalização, pelo adensamento urbano, que comprometem as áreas livres, tão necessárias nas cidades para se criar ambiências positivas.

Nas sensações positivas, 13,3% dos técnicos apontou a configuração atual como sinal de modernidade, e segundo 3,3%, as paisagens atuais causam uma sensação de liberdade. Pergunta-se: “porque esta sensação de liberdade?” Respondem: “há mais possibilidades de trabalho para os arquitetos, pois se pode construir mais!”.

#### **4.1.4 A paisagem percebida pelos empresários**

Através do Gráfico 13, pode-se perceber as sensações manifestadas pelo Grupo 3: empresários e construtores, diretamente envolvidos no mercado da construção civil na cidade de Itaúna/MG.

Gráfico 13 - Sensações percebidas pelos empresários e construtores (Grupo 3)



Fonte: Elaborado pela Autora, 2015.

O processo foi o mesmo aplicado aos moradores e técnicos. Observa-se que os principais responsáveis pelas transformações paisagísticas da Praça e seu entorno, em Itaúna como um todo, afirmam que o resultado produz sensações negativas (80%).

Nessa forte reação negativa, 40% descrevem seus sentimentos como saudades de um “tempo mais tranquilo, onde viver na cidade possibilitava uma vida calma e saudável”.

Outros 40% definiram a configuração atual desordenada em consequência da falta de planejamento. Alguns atribuíram a responsabilidade maior à falta de um plano diretor eficiente.

Ao apontarem a falta de planejamento e o crescimento desordenado como problemas na configuração atual da paisagem da cidade, não estariam eles se isentando de sua responsabilidade na formação desse cenário?

Para os empresários, a configuração atual da Praça e seu entorno, assim como de toda a cidade em geral, expressa uma perda de qualidade de vida, principalmente pelo fato de a edificação vertical aglomerar as pessoas e promover o distanciamento entre elas.

Outros 20% definiram a paisagem atual como sinal de evolução. Número inferior ao dos moradores, mas superior ao dos técnicos. Relatam que a cidade evoluiu muito em relação ao passado e que a atual configuração é inevitável para que o progresso aconteça. Eles próprios apontam que “o jeitinho dos empresários” tenta burlar a lei e impor os seus interesses próprios.

As respostas revelam uma contradição entre como agem os empresários e como pensam. Pois, como homens de negócios, buscam verticalizar e extrair o maior lucro de sua atividade, sem uma preocupação com o coletivo. Porém, contraditoriamente, identificam a atual configuração como negativa.

## **4.2 A Rua Gonçalves da Guia**

A escolha desta rua se deve ao fato, de ela apresentar, nos últimos anos, uma rápida transformação, com grande parte de suas edificações substituídas por edifícios de uso misto. As tipologias adotadas são bem similares e o programa arquitetônico se define basicamente em local no térreo uma área comercial e a garagem, quatro pavimentos com dois apartamentos por andar, com média de 80 m<sup>2</sup> cada.

A rua em estudo apresenta dois aspectos com caracteres bastante relevantes, o primeiro deles é a proximidade com o morro do Rosário, onde está inserida a Igreja do Rosário, a primeira igreja da cidade e local onde se deu o início da formação da cidade, e por constituir um

eixo direto de ligação com a Praça da Matriz. O segundo deles seria o papel que esta rua desempenhou no contexto da cidade, entre as décadas de 1950 até 1990, anos em que quase toda a sua extensão era formada pela presença de prostíbulos, configurando a zona boêmia da cidade, conhecida como a “Rua da zona”.

Na Figura 37 observa-se o eixo da Rua Gonçalves da Guia e sua interligação com a Praça da Matriz e as edificações existentes na época de 1930, e na Figura 38 verifica-se o mesmo eixo na configuração atual.

**Figura 37 - Foto da Rua Gonçalves da Guia  
(A partir da Praça da Matriz - década de 1930)**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.



**Figura 38 - Visada da Praça da Matriz até a Rua Gonçalves da Guia (2015)**

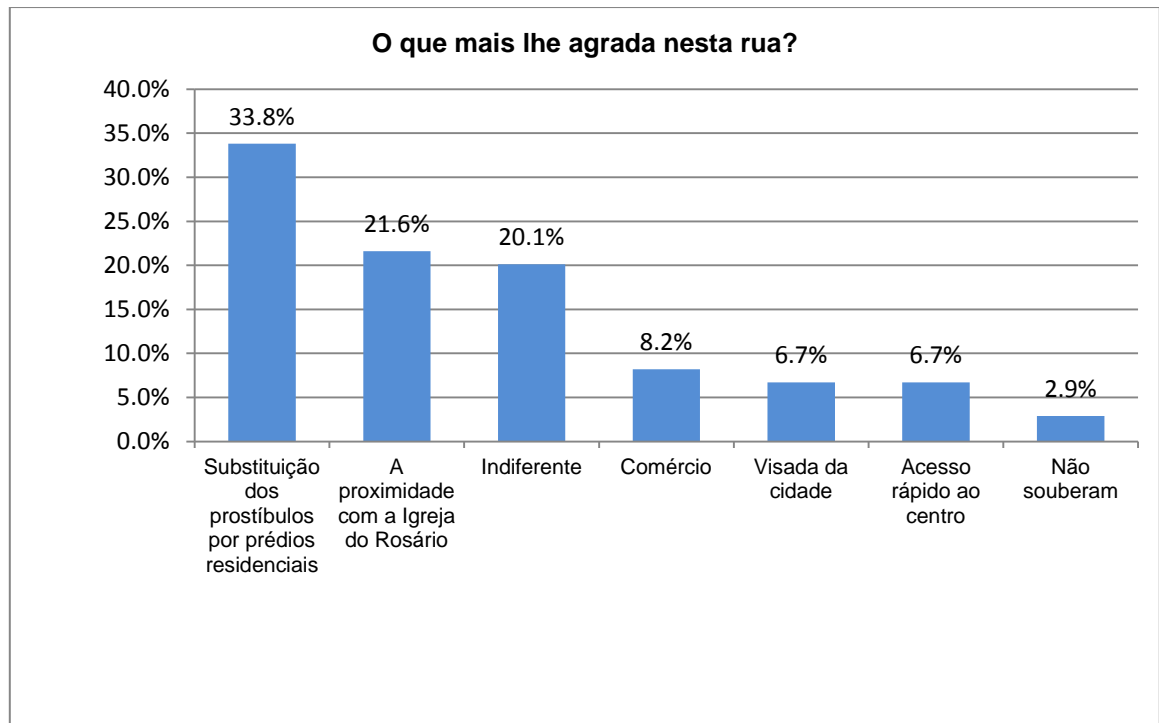


Fonte: Acervo da Autora, 2015.

A investigação desta área se deu a partir de dois pontos, que partem da percepção do morador da cidade em torno do que “lhe agrada, ou do que lhe desagradam” nesta rua.

Apresentar-se-ão, em primeiro lugar, os aspectos que agradam ao morador de Itaúna, em relação à Rua Gonçalves da Guia (GRAFICO 14).

**Gráfico 14 - O que mais agrada ao morador de Itaúna na Rua Gonçalves da Guia**



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Dentre os aspectos que agradam ao morador, a opinião que liderou com 33,8% das respostas, foi a substituição dos antigos prostíbulos por prédios residenciais, que implicaram na alteração do caráter das edificações, que hoje são voltadas para o uso residencial e comercial. Este grupo apresenta-se satisfeito com a inserção das novas edificações na rua.

A forte ligação que morador da cidade tem com o antigo uso da rua como prostíbulo, leva a comprovar as relações do imaginário com o simbólico que segundo Armando Silva (2014):

A construção imaginária passa, desse modo, por múltiplos padrões de narração cidadã; mas, subliminarmente a todos os seus relatos, corre como fonte primária de um acontecimento psíquico a figura escorregadia, porém envolvente, do fantasma social (SILVA, 2014, p. 47).

E em segundo lugar, o fator que mais agradou, 21,6% dos entrevistados, está relacionado ao aspecto histórico, que seria a proximidade que a rua apresenta com a Igreja do Rosário, local onde se deu o início da cidade, como verificado no Capítulo 2.

A indiferença dos entrevistados enquadrou 20,1% das opiniões, diante da falta de intimidade que estes apresentam com a rua, ou seja, a existência dos prostíbulos e a morfologia da mesma, interferiram no tipo de vínculo que este grupo estabelece com a rua.

A inserção do comércio na rua agradou a 8,2%. Este grupo destaca este instrumento comocapaz de revitalizar a região e dar novo uso a um espaço, que para eles, se encontrava bastante degradado.

Configurando um empate em 6,7%, destaca-se a importância da rua pela visada da cidade que o local possibilita, e o acesso rápido ao centro, se configurando como um atalho.

E finalmente, 2,9% não souberam responder, caracterizando o estranhamento que esses moradores da cidade apresentam pelo local.

Na Figura 39, uma foto tirada do alto da torre da Igreja Matriz, é possível perceber no alto do Morro do Rosário, como a Igreja do Rosário praticamente desaparece diante das edificações que a cercam. Sua arquitetura colonial reluta para se impor diante do aglomerado de edifícios que se inseriram no seu entorno.

À direita da Igreja, observa-se a Rua Gonçalves da Guia, que praticamente desaparece diante do aglomerado de edifícios, que estão dispostos em uma sequência que impede de se obter uma visada da mesma (FIGURA 39).

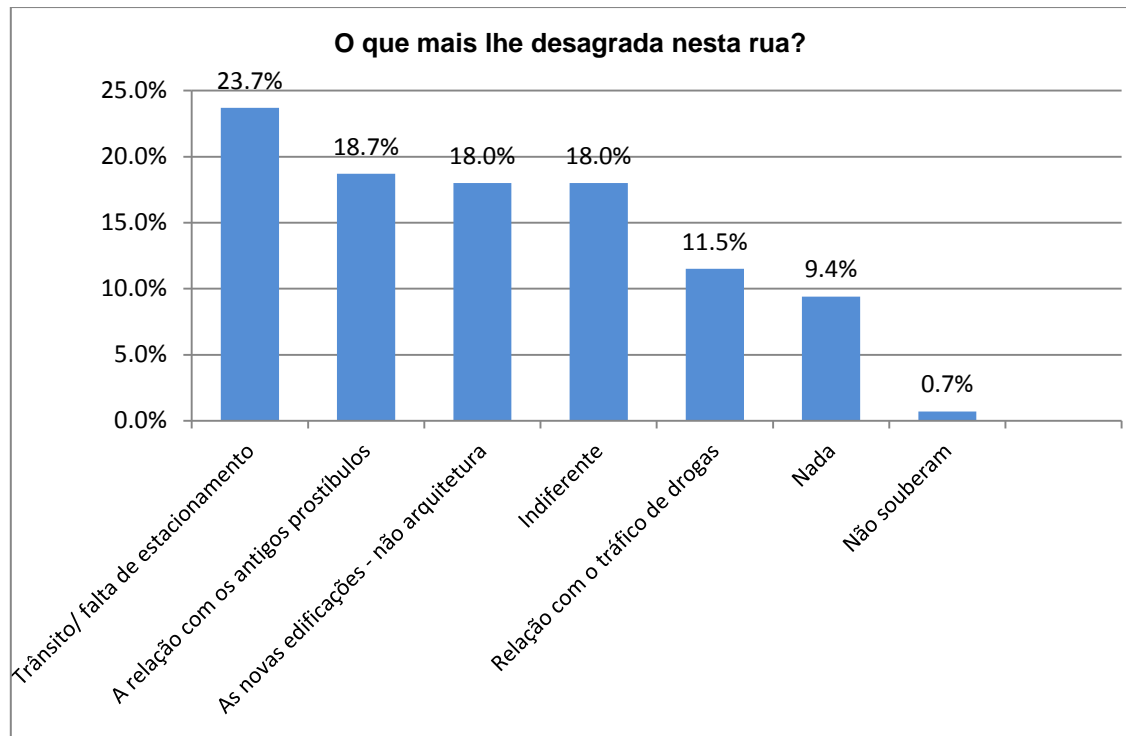
**Figura 39 - Rua Gonçalves da Guia com visada a partir da torre da Igreja**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

A seguir, serão apontadas as questões que mais *desagradam* ao morador de Itaúna na Rua Gonçalves da Guia (GRAFICO 15).

**Gráfico 15 - O que mais desagrada ao morador de Itaúna na Rua Gonçalves da Guia**



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

A opinião dos usuários da Rua Gonçalves da Guia, que liderou os aspectos negativos em 23,7%, foi o trânsito e a falta de estacionamento, além dos passeios estreitos.

Em segundo lugar, com 18,7%, o maior incômodo ainda vem da imagem persistente dos antigos prostíbulos e a relação destes com o local, uma vez que este fato atribuiu à rua o título de “rua da zona”. Para os entrevistados, essa rua ficou com imagem de uma rua mal frequentada, configurando aí mais um fantasma urbano da cidade de Itaúna. Essa rua pode ser identificada como um emblema urbano, ou seja, “elementos escolhidos pelos cidadãos como possuidores da maior concentração simbólica em suas representações coletivas, atuam como ícones de reconhecimento das culturas urbanas para um determinado território e por períodos concretos” (SILVA, 2014, p. 146).

Para 18% dos entrevistados, as novas edificações passam uma sensação de “abafamento” acentuada pela “falta de arquitetura” das novas edificações, ou seja, apresentam um repertório formal “pobre” e padronizado, que estão interferindo diretamente no contexto em

que estão inseridas. Outros 18%, apresentaram indiferença diante dos aspectos que lhes desagradam.

Outro aspecto negativo, que influenciou 11,5%, é que o local tem tráfico de drogas, gerando assim uma imagem e sensação de insegurança.

Para 9,4%, nada lhes desagradam na rua e 0,7%, optou por não responder a questão.

A Figura 40 apresenta uma visada da Rua Gonçalves da Guia, a partir da Praça da Matriz; nela é possível de se observar a interligação, através do eixo viário, entre a praça e a rua, bem como os edifícios dispostos em seu entorno.

**Figura 40 - Foto da Rua Gonçalves da Guia com visada a partir da Praça**



Fonte: Acervo da Autora, 2015.

A seguir, na Figura 41, pode-se observar as edificações atuais da Rua Gonçalves da Guia, podendo se verificar o resultado formal proveniente da legislação em vigor.

**Figura 41 - Foto das edificações atuais na Rua Gonçalves da Guia**



Fonte: Acervo da Autora, 2014.

Apesar do fantasma urbano de “rua da zona” ainda permanecer forte na percepção dos seus moradores, a Rua Gonçalves da Guia tornou-se motivo de cobiça dos empresários da cidade, pela sua localização e pelo fato do valor do terreno ali ser mais baixo que outros locais da área central. E é mais baixo exatamente pela imagem persistente, no imaginário dos moradores, de rua degradada, associada aos usos marginais (dessemantização apropriada pelo mercado imobiliário).

Aproveitando esse fantasma urbano, os empresários edificaram até o máximo permitido pelo Plano Diretor de 2008. Observa-se que tal plano, ao estabelecer para a rua uma possibilidade de verticalização, opera ideologicamente sobre o imaginário coletivo, o qual coloca a rua como lugar marginal, favorecendo os grupos empresariais locais. Em verdade, o Plano Diretor de 2008, manipulado pelos empresários que comandam a sua formulação, visa, em última

instância, instituir na rua uma operação higienista. E eles se apoiam no imaginário coletivo que também quer essa higienização.

Discute-se, a seguir, como o Plano Diretor de 2008 apropriou-se do imaginário coletivo para criar uma legislação nefasta aos interesses da cidade. Porém, não por acaso, se apoia nos imaginários, que foram relatados nos itens anteriores.

### **4.3 Os Imaginários e a Legislação Urbanística de Itaúna**

A cidade de Itaúna, em particular a sua área central, em estudo, vem sofrendo alterações impactantes na conformação da sua paisagem urbana, acentuadas, a partir da implantação do Plano Diretor em 2008, o que acelerou a demolição de edificações no centro da cidade, ocasionando um processo de verticalização acentuado.

A partir da lógica desse processo de verticalização, foi desenvolvido um estudo através de “manchas”, que indicam, dentro da região, as áreas que apresentaram significativa alteração, ou seja, sofreram diretamente o efeito da implantação do Plano Diretor.

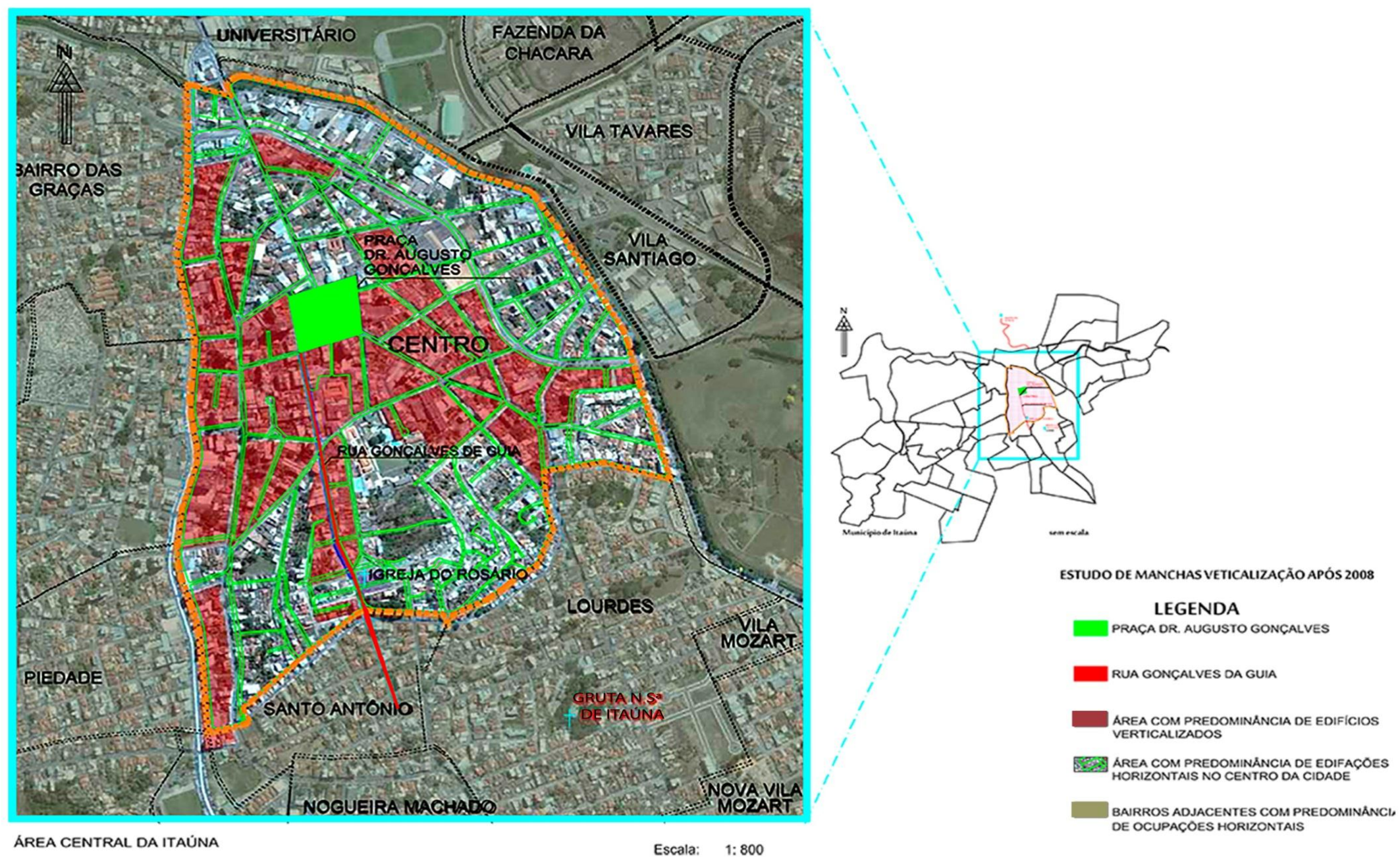
É possível perceber que grande parte do Centro foi comprometida por esse fenômeno. Nota-se que são poucas as áreas na região central, que ainda não apresentam este processo de verticalização.

O entorno imediato do largo da Praça da Matriz, apresenta-se praticamente verticalizado, com exceção da Avenida Silva Jardim, que vem mantendo suas características tipológicas, por se tratar de um pólo comercial, onde a maioria das edificações existentes é voltada para o uso comercial. Outra região que conserva suas características e ainda não sofreu influência direta desse fenômeno, é a porção leste da encosta do morro do Rosário, onde a topografia acidentada, que de certa forma, impediu que esse processo fosse inserido no local.

Dessa forma, o processo de verticalização se apresenta mais acentuado nas proximidades da linha férrea, Avenida Dona Cota, na Avenida Getúlio Vargas (antiga Rua Direita), Avenida Jove Soares e no entorno imediato da Praça da Matriz, Rua Antônio de Matos, Rua Gonçalves da Guia e Rua Zezé Lima, áreas que apresentam topografia menos acidentada (MAPA 6).



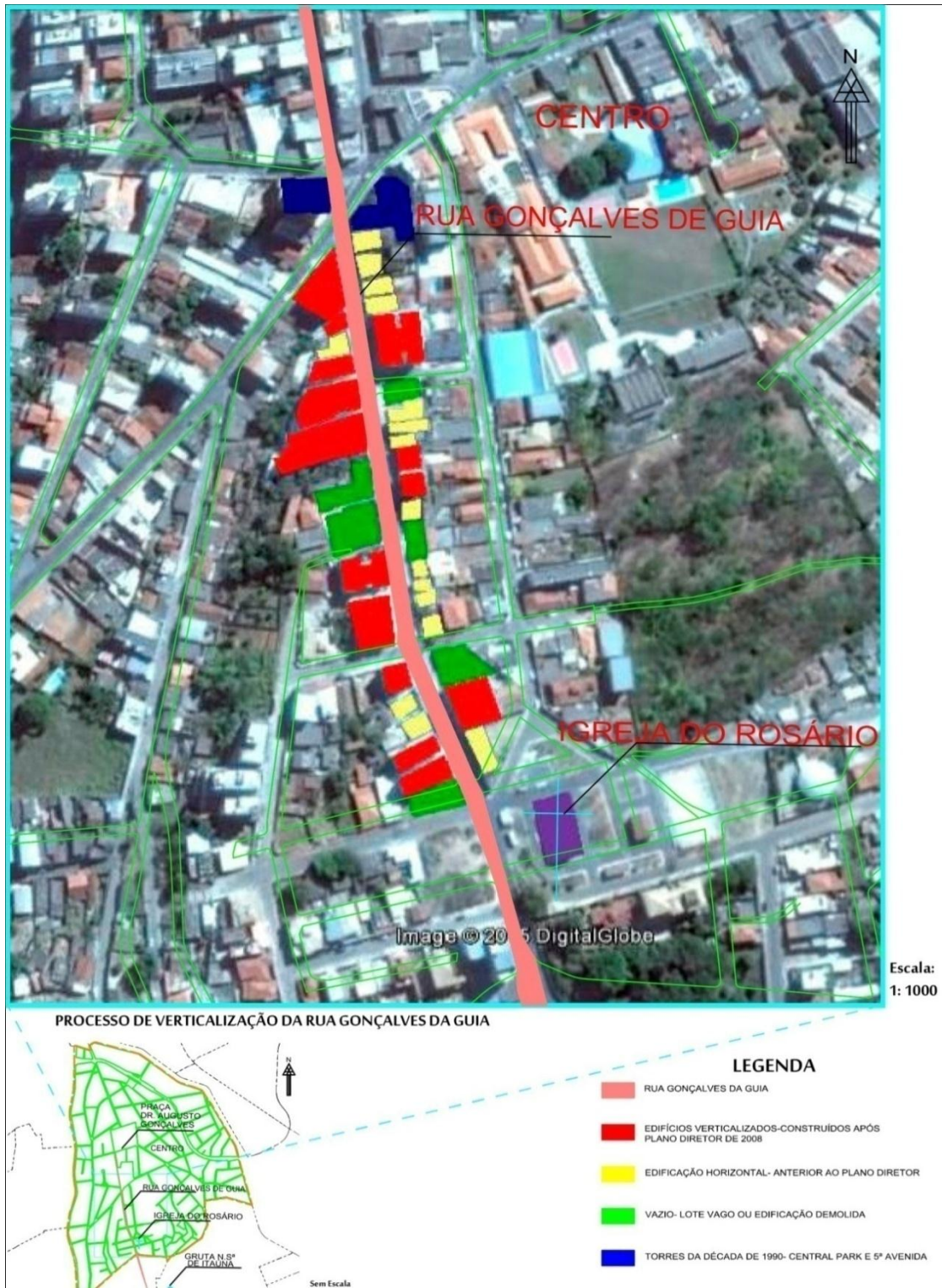
Mapa 6 - Estudo de mancha da verticalização ocorrida no Centro da cidade



Fonte: Elaborado pela Autora com base em dados da Prefeitura Mun. de Itaúna e imagens de Satélite do *Google Earth*, 2015.

O fenômeno de verticalização também ocorreu na Rua Gonçalves da Guia, estudada no subitem 4.2. Em vermelho destacam-se as edificações verticalizadas (antigas edificações horizontais substituídas por edifícios de quatro pavimentos) em amarelo as edificações horizontais existentes, anterior à implantação do Plano Diretor e em verde as áreas vazias, como mostra o Mapa 07.

**Mapa 7 - Tipologia das edificações existentes da Rua Gonçalves da Guia**



Fonte: Elaborado pela Autora com base em dados da Prefeitura Mun. de Itaúna e imagens de Satélite do Google Earth, 2015.

Nesse novo cenário, a padronização ou homogeneização das edificações é claramente identificada, uma vez que parece ter sido criado um “protótipo” de projetos que consegue obter o máximo do coeficiente de aproveitamento. Isto é, visa o lucro como único fim, com o mercado imobiliário centralizado nas mãos dos construtores e incorporadores, direcionando e determinando a formação da paisagem urbana da cidade.

A produção advinda com a implantação do Plano Diretor produziu edifícios padronizados, com repertório formal pobre e qualidade arquitetônica duvidosa. Além disto, tais edifícios reduziram os espaços livres laterais e frontais que marcavam as paisagens anteriores, conformando um conjunto de uma massa edificada densa e uniforme, empobrecendo a, antes variada, composição paisagística (FIGURAS 42 e 43).

**Figura 42 - Edifícios existentes na Av. Gétulio Vargas**



Fonte: Acervo da Autora, 2014.

**Figura 43 - Edifício existente na Rua Gonçalves da Guia**

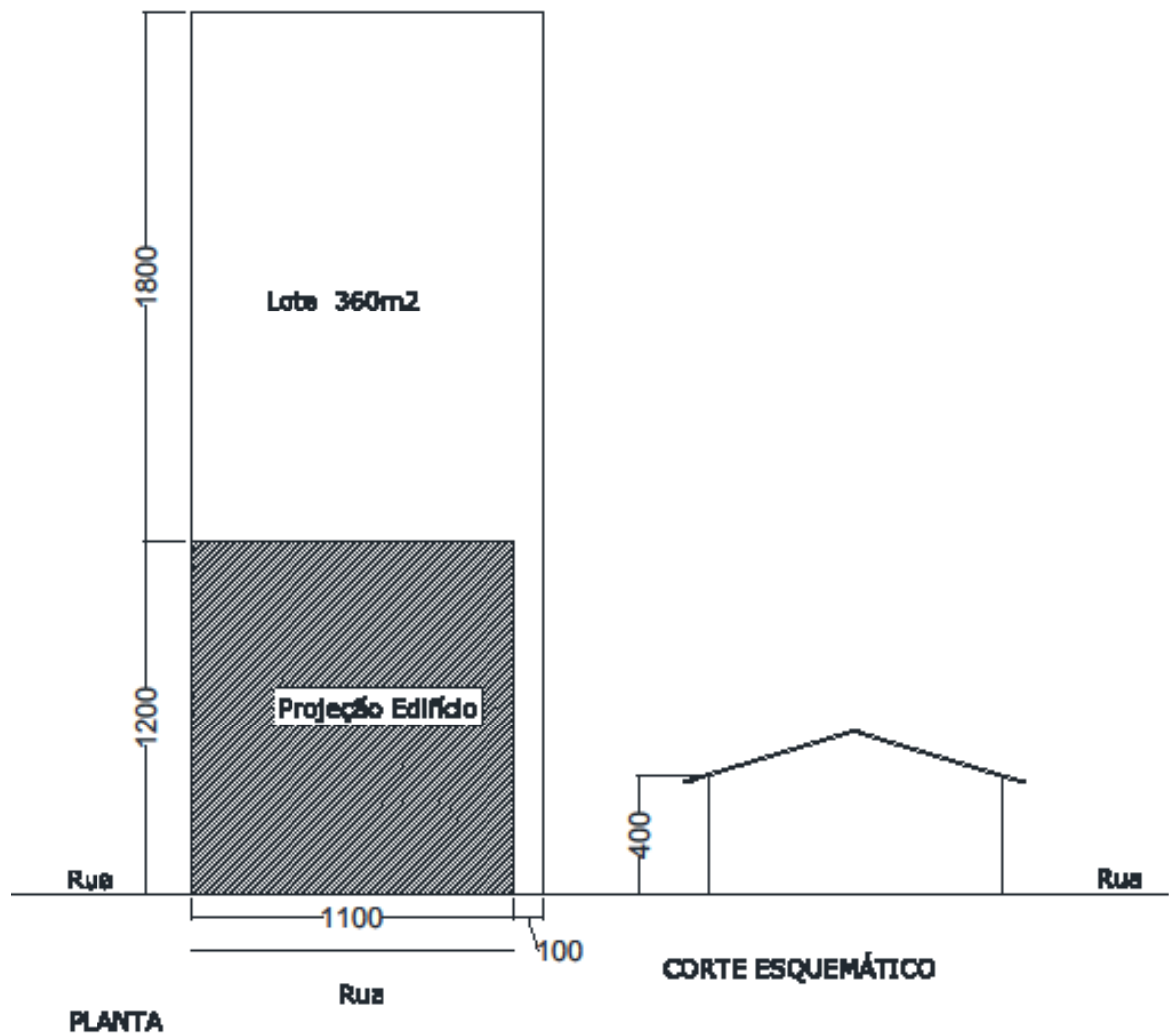


Fonte: Acervo da Autora, 2014.

Através das figuras a seguir, é possível comparar as tipologias arquitetônicas anterior à 2008 e após 2008. Na tipologia anterior a 2008, é possível observar o domínio da horizontalidade, e apesar de serem edificadas no alinhamento, preservavam áreas livres/verdes nos terrenos (FIGURA 44). Na tipologia mais usual, após 2008, observa-se a verticalização das

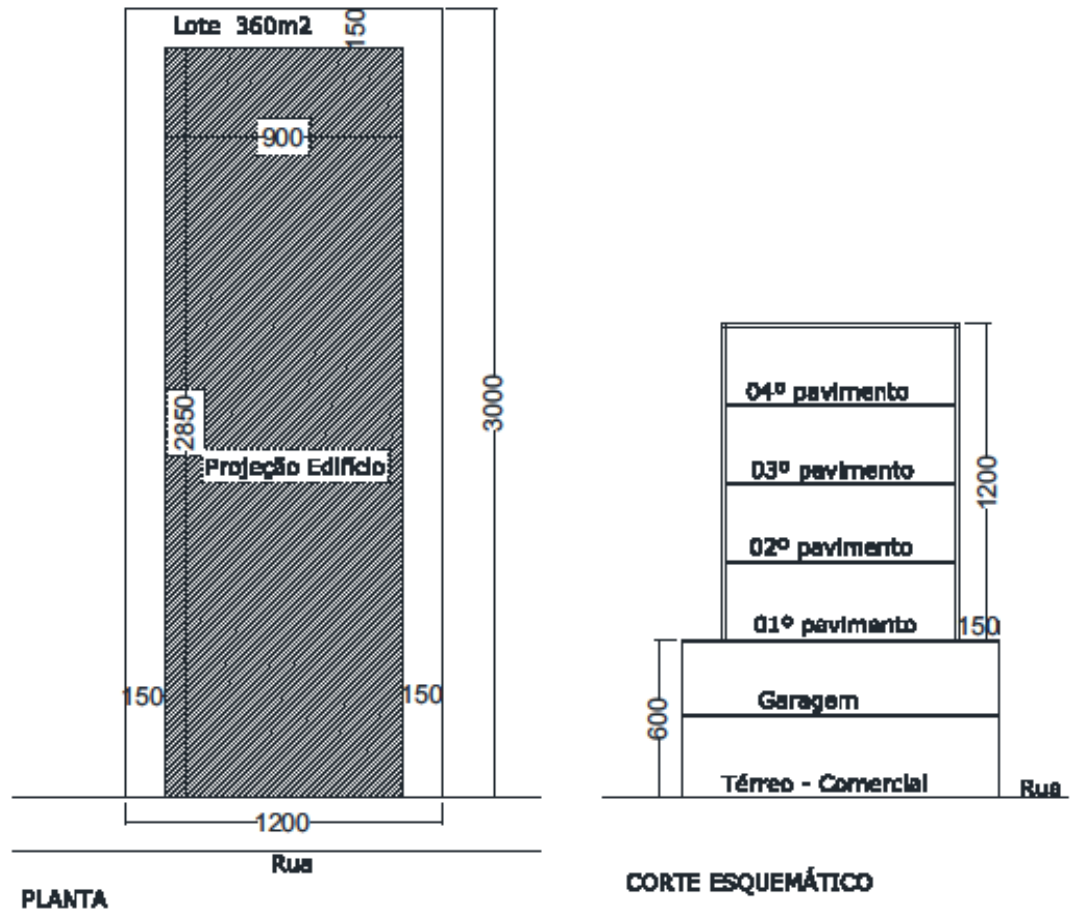
edificações situadas no alinhamento, sendo permitido construir na divisa até 6m de altura, a partir destes 6m, o afastamento exigido é de 1,50m até 12m de altura (FIGURA 45).

**Figura 44 - Tipologia mais usual na área central até 2008**



Fonte: Elaborado pela Autora, 2015.

**Figura 45 - Tipologia mais usual na área central após 2008**



Fonte: Elaborado pela Autora, 2015.

Impulsionados pela valorização imobiliária, os incorporadores, construtores e proprietários de terrenos na região central da cidade aceleraram a aprovação de projetos junto à prefeitura, antes da implantação do Plano Diretor, pois projetos aprovados até 2008 poderiam ser construídos até 2010.

Os resultados parciais da presente pesquisa mostram que a elaboração do Plano Diretor de 2008 apoiou-se nos imaginários urbanos, deliberadamente ou não, manipulando-os ideologicamente, como ensinava Coelho Netto (2012, p. 102): “não há portanto, como separar o imaginário do ideológico [...]”.

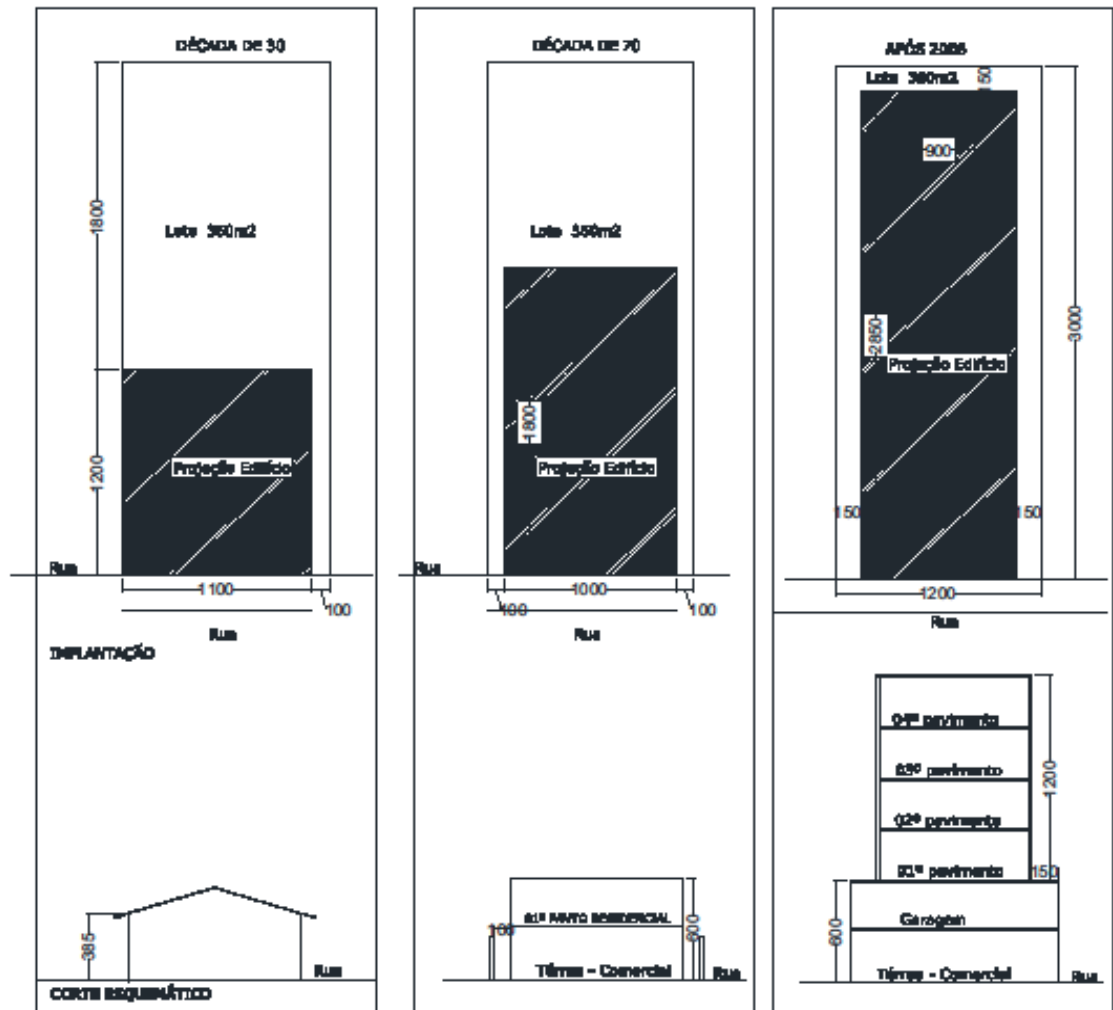
Uma forma de manifestação da ideologia tem-se no discurso da Lei Complementar nº 49, de 21 de outubro de 2008, que institui o Plano Diretor do município de Itaúna, que advoga em favor da promoção de uma cidade sustentável, bem dentro do mito da “cidade verde”, muito em voga nas legislações atuais, procurando conciliar crescimento com preservação do “patrimônio paisagístico” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAÚNA, 2008).

Tal discurso reverbera os imaginários urbanos apontados nos itens anteriores, especialmente da persistência do mito edênico e o da cidade progressista, sempre em favor de um discurso da garantia da qualidade de vida para os moradores. Todavia, a prática desses incorporadores se distancia cada vez mais deste discurso.

A percepção geral que se tem das áreas centrais da cidade de Itaúna é que a maioria dos edifícios projetados recentemente e os em construção se desvinculam cada vez mais da construção de paisagens qualificadas, como demonstram os resultados dos capítulos anteriores. O que se vê e se percebe, pelas ruas da cidade, são construções cada vez mais impulsionadas pela simplificação dos elementos que as compõem, para que assim favoreçam o processo de conclusão das mesmas, pois o tempo de execução irá influenciar no custo final. Além disto, a sua implantação desconsidera a herança paisagística do lugar, onde os edifícios colocavam-se no terreno permitindo áreas livres para recreação, circulação ou simplesmente manter uma boa relação entre o edificado e o não edificado, como mostra a evolução tipológica da Figura 46.



**Figura 46 - Evolução Tipológica da Implantação das Edificações**



Fonte: Elaborado pela Autora, 2015.

Na prática, ao contrário do seu discurso, a legislação de uso e ocupação do solo direciona a forma de ocupação para o máximo aproveitamento das áreas. E a vontade do lucro fácil simplifica as tipologias, produzindo um padrão construtivo e de acabamentos similares, definidos unicamente pelo custo final da edificação.

Esta forma de ocupação está interferindo diretamente na configuração das paisagens urbanas, que estão sendo direcionadas pelos parâmetros enquadrados pela lei, e está provocando nos moradores de Itaúna, segundo relatos da maioria dos entrevistados, sensações negativas,

como pode ser comprovado no Capítulo 4, no item 4.1.2. A Figura 47 mostra com clareza o repertório formal das novas edificações que estão sendo inseridas no Centro da cidade.

**Figura 47 - Edifícios existentes na Rua Gonçalves da Guia**



Fonte: Acervo da Autora, 2014.

Os resultados obtidos da percepção do morador revelam que ele está dividido entre a cidade que está crescendo e a cidade que apresenta significativo impacto ambiental, ao substituir suas áreas livres por áreas edificadas.

Alguns moradores se mostraram indignados com a falta de preservação do passado e do patrimônio histórico diante de inúmeras demolições e apontaram a lei como o único instrumento capaz de reverter tais posturas.

O discurso ideológico que construiu o Plano Diretor propõe uma cidade bela e agradável, que se preocupa com o meio ambiente e a qualidade de vida dos moradores. Por outro lado, os imaginários manifestados na percepção do morador mostram, com clareza, o conflito existente entre o que a lei propõe e o que ela de fato está edificando e construindo na cidade. As

paisagens que estão se configurando traduzem claramente que o discurso do Plano Diretor é um e sua prática é outro.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem da antiguidade estabeleceu com o seu entorno uma relação de sobrevivência imediata, aspecto que interferiu diretamente na forma de se relacionar com a natureza. Dessa forma, a interferência no ambiente natural através dos elementos construídos, pautava-se em princípios filosóficos, religiosos e morais, e era feita de forma a corresponder às necessidades básicas do homem. Em meados do século XIX, novas forças redirecionam abruptamente a experiência da paisagem, marcadas pela decadência da tradição humanista que passou a comandar o pensamento ocidental desde o Renascimento e pelo fortalecimento e crescimento do modo de produção capitalista.

A paisagem entra no século XX, com o homem sendo movido principalmente por estes valores capitalistas, que têm sérios reflexos na forma de ocupação do espaço pelo homem. Ou seja, transformações mais amplas ocorrem no sentido de que a paisagem passe a atender às crescentes e insaciáveis demandas do capital expressas em novas necessidades físicas, econômicas e culturais do indivíduo e da coletividade.

Ao se elucidar o objeto de estudo dessa pesquisa, a área central da cidade de Itaúna, e relacioná-la com seu contexto histórico, verificou-se que o processo de formação de suas paisagens foi condicionado, inicialmente, pela relação do homem com o ambiente natural mediada pela exploração da terra e pela atividade agropecuária para subsistência, sob a marca imaginária do domínio religioso.

Em meados do século XX, com o surto industrial que ocorre na cidade, Itaúna começa a se desenvolver mais fortemente dentro da lógica capitalista, que passou a comandar diretamente na forma de ocupação do seu espaço urbano. Assim, a relação do homem com o ambiente natural passa a ser fortemente direcionada pelo modo de produção capitalista, representado especialmente pela mineração, siderurgia e construção civil.

A cidade passou a crescer dentro desta lógica e as paisagens configuradas passaram a expressar a ausência de harmonia entre o natural e o construído.

Tal processo agrava-se após a implantação do Plano Diretor de 2008, com a aceleração da demolição de muitas edificações para se inserir edificações verticais, resultando na baixa qualidade paisagística que se observa hoje na área central da cidade de Itaúna, como revelam os dados coletados da percepção dos três grupos entrevistados.

A análise dos resultados obtidos apontou que a concepção paisagem de Itaúna apresenta estreita relação com os imaginários e os fantasmas urbanos que engendram a percepção paisagística dos seus moradores.

A percepção e ação dos diversos atores que constroem a cidade apontam, ainda hoje, para a prevalência das crenças religiosas e da ideia de cidade do progresso. A imagem síntese de Itaúna poderia assim ser resumida: cidade religiosa e conservadora com pretensões de progressista.

A escolha dos moradores pelas cores verde e cinza, em primeiro e segundo lugares, para representara cidade, revela a relação de constante conflito dos seus habitantes com ela. Ao mesmo tempo que reconhecem na verticalização um sinal de “desenvolvimento e progresso”, apresentam um sentimento nostálgico de uma cidade que deveria conservar o meio ambiente, deixando claro também a insatisfação com a falta espaços livres com áreas verdes, no espaço urbano.

A interpretação dos dados possibilitou avaliar que a percepção do morador da cidade é muito determinada pelos imaginários e as representações sociais. As sensações negativas lideraram as opiniões do grupo dos moradores, encabeçadas pelos sentimentos de saudades, tristeza e nostalgia, reconhecendo que a atual configuração urbana decorreu da falta de planejamento, do crescimento desordenado, comprometendo a memória afetiva da cidade, a preservação do meio ambiente e resultando em significativa perda da qualidade de vida. Mesmo reconhecendo isto, os habitantes de Itaúna não procuram construir uma relação ideal entre expansão urbana e preservação ambiental.

A nostalgia pelo verde revelada pelos entrevistados é um fantasma que povoa constantemente o imaginário do morador, que associa uma cidade melhor com a presença de vegetação. Outro fantasma persistente é a ideia de que as novas edificações verticalizadas seriam símbolo de desenvolvimento.

A “cidade sem memória” foi o título atribuído à Itaúna por alguns de seus moradores. De alguma forma e contraditoriamente, o itaunense não gosta das transformações dos últimos anos, que fizeram, na visão deles, a cidade perder sua identidade. Isto demonstra que muitos moradores valorizam o patrimônio histórico material, não só como garantidor da preservação da memória coletiva, mas, pelo que se depreendeu das entrevistas, como garantidor de uma boa qualidade paisagística.

O grupo dos profissionais, arquitetos e demais técnicos da área, identificou a conformação atual da paisagem itaunense como resultado do crescimento desordenado, expresso pela verticalização excessiva e um adensamento significativo na área central da cidade. Esta percepção liderou a maioria das opiniões dos profissionais da área, o que revela que a decisão deles de projetar as edificações é consciente, inclusive do resultado negativo que têm gerado. Porém, ao mesmo tempo em que percebem a atual configuração como negativa, segundo a visão da maioria dos arquitetos entrevistados, eles argumentaram que projetam o que cliente pede. Desta forma acham-se isentos de maiores responsabilidades pela geração da paisagem construída, atribuindo aos empresários e ao Estado quase toda a responsabilidade.

Os empresários da construção civil, como capitalistas que visam, sobretudo, o lucro advindo da máxima ocupação dos terrenos, fazem tudo para verticalizar, adensar, não importando a qualidade urbana produzida. Além disto, utilizam-se da pressão do poder econômico para que as leis os favoreçam, em detrimento da coletividade. Apesar disto, surpreendentemente, como ficou demonstrado, reconhecem que o que se configura como resultado tem sido muito negativo. Trata-se, aqui, não de uma questão de consciência dos seus atos, pois ficou demonstrado que eles as têm, mas da ausência completa da verdadeira visão dos grandes homens de negócios. Um resultado paisagístico interessante não só seria positivo para todos os habitantes, mas também para suas próprias atividades. Dentro do grupo de todos os entrevistados, os empresários foram apontados como os principais responsáveis pelas mudanças urbanísticas e paisagísticas em Itaúna.

Conclui-se, diante dos dados revelados nesta pesquisa, que a área central de Itaúna está sofrendo transformações urbanas que não estão resultando na qualidade paisagística que os próprios habitantes esperam e desejam de sua cidade. Este é o principal problema que deveria ser enfrentado por todos aqueles que estão envolvidos com o planejamento urbano de Itaúna. Revelam também que os parâmetros permitidos pelas legislações urbanísticas não têm sido eficientes para mudar, esta percepção negativa. Enfim, verificou-se que, na cidade de Itaúna, existe um planejamento urbano cujos parâmetros urbanísticos têm produzido paisagens urbanas que não são aquelas em que os moradores gostariam de viver.

Os resultados da pesquisa evidenciam que as legislações urbanísticas ancoram-se nos imaginários urbanos e que determinados grupos, operando ideologicamente, sabem manipulá-los para garantir a manutenção de seus interesses. Mostram também que as paisagens são capazes de

revelar para além das formas que expressam: revelam muito do invisível que constrói os lugares.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.
- BARTALINI, Vladimir. Petrarca é o culpado. *Vitruvius*, ano 1, Dez. 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/01.010/1386>>. Acesso em: 10 fev. 2014.
- BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o Arquiteto**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BERQUE, Augustin. **Cinq Propositions pour une Théorie du Paysage**. Paris: Editions Champ Vallon, 1994.
- BOCK, Ana Maria. *A Psicologia e as Psicologias*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- CARVALHO, José Murilo de. O motivo Edênico no imaginário social. São Paulo: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Out.1998.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. (tradução Marcos Marcionilo). São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CIDADES DO MEU BRASIL. **Cidades**. Disponível em:<<http://www.cidadesdomeubrasil.com.br/mg/itauna/#imagens>>. Acesso em: 28 mar. 2014.
- CHAUÍ, Marielena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. **A Construção do Sentido na Arquitetura**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CONTI, Alfio; HERCULANO, Renata N.; ANTUNES, Sandra M. N. **Morfologia urbana, paisagem e mercado imobiliário**: uma análise exploratória da cidade de Itaúna. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2012.
- COSTA, Joaquim Ribeiro. **Toponímia de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1970.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. São Paulo: Livraria Martins Fortes. 1983.
- DA MATTA, Roberto. **O que é Brasil?** São Paulo: Roco, 2004.
- DEVORE, Jay L. **Probabilidade e estatística**: para engenharia e ciências. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- DORNAS FILHO, João. **Itaúna**: contribuição para a história do município. Belo Horizonte, 1936.



DORNAS FILHO, João. A criação do município de Itaúna. **Revista Acaiaca**. Belo Horizonte, fev. 1954, p. 52.

ECO, Umberto. **A Estrutura Ausente**. 7. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2013.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Cidade, Imagem e Imaginário**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1995.

FUENTES, André. Impávido colosso. **Revista Veja**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/impavido-colosso/em-ranking-sobre-a-eficiencia-dos-servicos-de-saude-brasil-fica-em-ultimo-lugar/comment-page-1/>>. Acesso em: 27 set. 2015.

GUIMARÃES, Airton; CARVALHO, Márcio. **Itaúna centenária: patrimônio cultural**. Belo Horizonte: Rona Editora, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Base de dados**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313380>>. Acesso em: 19 out. 2015.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. **Destruição ou Desconstrução? Questões de paisagem e tendências de regionalização**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LYNCH, Kevin M. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MATOS, Ângelo Braz de. **Itaúna em Dados**. Ano: 2012 – ano base 2011. 5. ed. Itaúna. Disponível em: <<http://www.itauna.mg.gov.br/site/resources/anexos/%7BAACDE3CA-DCA4-43EC-E017-E8BDDCCCEE1B%7D.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

MARX, Murilo. **Cidade no Brasil: em que termos?** São Paulo: Nobel, 1999.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de viagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MENDES, Maria Lúcia. **Itaúna Pedra de Cetim**. Belo Horizonte: Editora Cultura, 2001.

NOGUEIRA, Guaracy de Castro. Itaúna: História forjada na coragem e no trabalho de grandes cidadãos. **Jornal Integração**, Itaúna/MG, 14 set. 2007, p. 5.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção do Brasil: o nascimento da paisagem brasileira sob o olhar do outro. **Revista de História e Estudos Culturais**, Porto Alegre, v. 01, n. 1, p. 1-34, out./dez. 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAÚNA–MG. **Plano Diretor**. Disponível em:<<http://www.itauna.mg.gov.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAÚNA–MG. **Dados Cadastrais**. Disponível em:<<http://www.itauna.mg.gov.br/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

RELPH, Edward. **A paisagem Urbana Moderna**. Rio de Janeiro: Edições 70, Brasil Ltda.,1987.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Imaginação e Metrópole: As ofertas paradigmáticas do Rio de Janeiro e São Paulo**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996.

RODRIGUES, Janete. História de Itaúna Capela de Nosso Senhor do Bonfim. **Jornal Social**, Itaúna/MG, 21 de nov. de 2015, p. 2.

ROGER, Alain. **Breve tratado del paisaje**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **A cidade como jogo de cartas**. São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SILVA, Armando. **Imaginários, estranhamentos urbanos**. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Coord.). **Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil**. Lisboa: São Paulo: Verbo, 1994.

SIMMEL, Georg. **A filosofia da paisagem**. Covilhã: LusoSofia: Press, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. O Front Brasileiro na Guerra Verde: Vegetais, Colonialismo e Cultura. São Paulo: **Revista USP**, Junho/Agosto, 1996.

VILLAÇA, Flávio. **Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil**. In: DEAK, Csaba; SCHIFFER, Sueli (ORGs). O processo de urbanização no Brasil. São Paulo: Edusp, 2004.

## APÊNDICE A - Questionário Semiestruturado de Percepção Paisagística de Itaúna (MG)

**Data da aplicação:**

**Local da aplicação:**

**1. Sexo:**

Masculino  Feminino

**2. Idade:**

15 a 18 anos  24 a 29 anos  40 a 49 anos  60 anos ao mais

19 a 23 anos  30 a 39 anos  50 ao 59 anos

**3. Estado Civil:**

Solteiro(a)  Separado(a) / Divorciado(a)  União estável

Casado(a)  Viúvo(a)

**4. Qual a sua ocupação?**

**5. Qual é sua renda mensal aproximadamente?**

Nenhuma renda.

Até 1 salário mínimo (até R\$ 788,00).

De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 788,01 até R\$ 2.364,00).

De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.364,01 até R\$ 4.728,00).

De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.728,01 até R\$ 7.902,00).

De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 7.902,01 até R\$ 9.456,00).

Mais de 13 salários mínimos

**6. Qual seu grau de instrução?**

**7. Há quanto tempo você reside em Itaúna?**

menos de 05 anos  entre 15 e 25 anos  mais de 40 anos

entre 05 e 15 anos  entre 25 e 40 anos

**A cidade:**

**8. Se te pedir para você atribuir uma cor a Itaúna, qual seria?**

**9. Se você tivesse que escolher um lugar para representar Itaúna, como o Cristo Redentor para o Rio de Janeiro ou o Masp para São Paulo, qual seria? Porquê?**

**10. Para você, qual o local mais belo/agradável da cidade? Porque?**

**11. Qual o seu lugar de preferência para lazer na cidade?**

Centro comercial

Bares

Lanchonetes

Igreja

- Rua \_\_\_\_\_
- Clubes
- Casa
- Outros \_\_\_\_\_
- Não tenho

**12. Para você, o que falta nesta cidade?**

- Segurança
- Saúde
- Transporte
- Moradia
- Verde
- Limpeza
- Educação
- Recreação/lazer
- Emprego
- Ar limpo
- Higiene
- Outros

**O objeto de estudo : R. Gonçalves da Guia-**

**13. O que mais lhe agrada nesta rua ou região?**

**14. O que mais lhe desagrada nesta rua ou região?**

**15. Observando a foto 01 e comparando com a atualidade quais sensações/impressões você sente? Sabe dizer porque?**

**16. Observando a foto 02, e comparando coma foto 2B quais sensações/impressões você sente? Sabe dizer porque?**

**17. Observando a foto 03 e comparando com a foto 3B, quais sensações/impressões você sente? Sabe dizer porque?**

**18. Qual o seu sentimento em relação às transformações ocorridas nas paisagens da cidade, nos últimos anos, em função da substituição do tipo de edificações?**

**19. A quem você atribui às mudanças nas paisagens urbanas de Itaúna?**

Empresários

Prefeitura

Vereadores

Arquitetos

A população em geral

**ANEXO A - Imagens apresentadas aos Entrevistados**

FOTO 01



FOTO 02



FOTO 02 B



FOTO 03





FOTO 03 B



FOTO 04 - RUA GONÇALVES DA GUIA



FOTO 05



FOTO 06



## ANEXO B - Definição da Mostra de Pesquisa

A seguir são descritos as bases de cálculo, apontando a relação entre amostra definida e a margem de erro a ser considerada. Para uma população  $N = 7259$ , a amostra  $n = 139$ , um nível de confiança de 95% ( $Z = 1,96$ ) e heterogeneidade  $p = q = 50\% = 0,5$ , o erro fica estimado em aproximadamente 8,233%, veja:

$$e = \sqrt{\frac{Z^2 \cdot p \cdot q \cdot (N - n)}{n(N - 1)}}$$

$$e = \sqrt{\frac{1,96^2 \cdot 0,5 \cdot 0,5 \cdot (7259 - 139)}{139(7259 - 1)}}$$

$$e \approx 0,082328497 \approx 8,233\%.$$

**Prova:**

$$\text{Tamanho da amostra: } n = \frac{Z^2 \cdot p \cdot q \cdot N}{e^2 \cdot (N - 1) + Z^2 \cdot p \cdot q}$$

Estimativa para um erro de aproximadamente 8,25%:

Tamanho da população  $N = 7\ 259$

Heterogeneidade:  $p = q = 50\% = 0,5$

Margem de erro:  $e = \pm 8,233\% = \pm 0,08233$

Nível de confiança: 95%  $\rightarrow Z = 1,96$

$$n = \frac{1,96^2 \cdot 0,5 \cdot 0,5 \cdot 7259}{0,08233^2 \cdot (7259 - 1) + 1,96^2 \cdot 0,5 \cdot 0,5} \approx 138,995 \approx 139.$$

Fonte: (DEVORE, 2012).